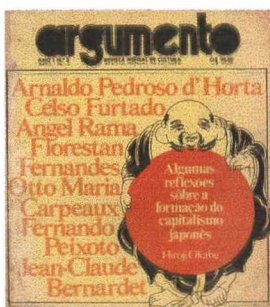


UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LITERATURA

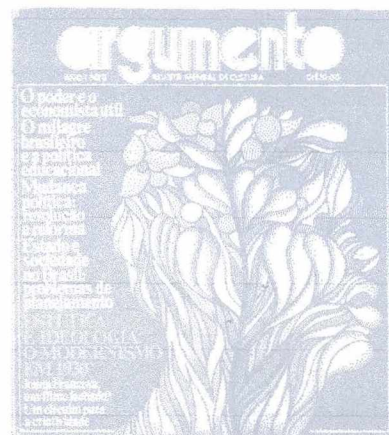


contra fato há argumento

Débora Cota

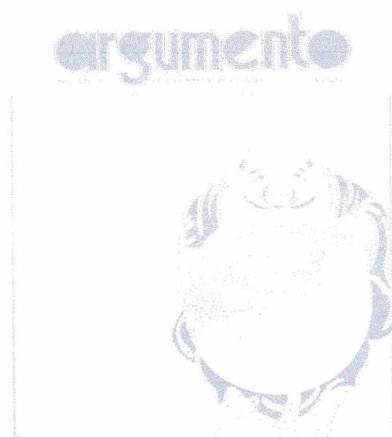
Ilha de Santa Catarina, agosto de 2001.

**Universidade Federal de Santa Catarina
Curso de Pós-Graduação em Literatura**



**contra fato há
argumento**

Débora Cota



Ilha de Santa Catarina, agosto de 2001.

Débora Cota

Contra fato, há argumento:
leitura de uma revista cultural de resistência

Dissertação de Mestrado apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Literatura, da Universidade Federal de Santa Catarina, sob a orientação da Professora Doutora Maria Lúcia de Barros Camargo, para a obtenção do título de “Mestre em Letras”, área de concentração em Teoria Literária.

Ilha de Santa Catarina, agosto de 2001

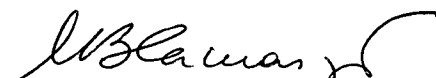
contra fato há argumento

Débora Cota

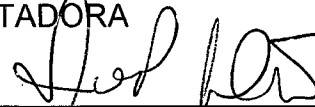
Esta dissertação foi julgada adequada para a obtenção do título

MESTRE EM LITERATURA

Área de concentração em Teoria Literária e aprovada na sua forma final pelo
Curso de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina.

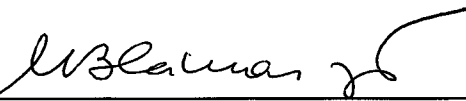


Prof. Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo
ORIENTADORA




Prof. Dra. Simone Pereira Schmidt
COORDENADORA DO CURSO

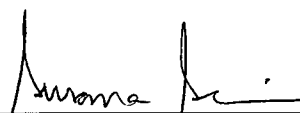
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dra. Maria Lúcia de Barros Camargo
PRESIDENTE



Prof. Dra. Sandra Vasconcelos (USP)



Prof. Dra. Susana Scramin (UFSC)

Prof. Dra. Odília Carreirão Ortiga (UFSC)
SUPLENTE

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), instituição por cujo intermédio obtive bolsa de estudos durante 30 meses.

A todo o grupo de pesquisadores do projeto “Poéticas contemporâneas: histórias e caminhos”, especialmente à Nilcéia, Renata, Simone e Marco, incentivadores e companheiros desde o início dos trabalhos no projeto.

À Agnes, pela prontidão em ajudar no possível.

Ao César e Danilo, pela paciência e compreensão.

Enfim, à Maria Lucia, pelo tempo de ensino e orientação que já somam seis anos.

A ciência crítica entende-se como parte — sempre mediada — da práxis social. Não é “desinteressada”, posto que sempre a acompanharam interesses. O interesse consistiria, numa primeira apreciação, em interesse por um estado racional, por um mundo sem exploração nem pressão inúteis.

Peter Bürger

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma leitura de *Argumento – revista mensal de cultura*, que teve publicado apenas quatro números. A revista foi lançada pela editora Paz e Terra e circulou entre os meses de outubro de 1973 e fevereiro de 1974, sob a direção de Barbosa Lima Sobrinho. A partir das informações extraídas da indexação do periódico na base de dados desenvolvida pelo projeto “Poéticas contemporâneas: histórias e caminhos”, observou-se uma postura de crítica e resistência ao que estava político e culturalmente instituído no cenário brasileiro e latino-americano da época, o que levou a entender que a revista pretendia divulgar o seu projeto cultural. Este apresenta-se através de um conjunto de textos que afirmam uma noção de cultura, uma posição da crítica literária e também o ideal de integração da América Latina.

RÉSUMÉ

Cette dissertation présente une lecture de *Argumento – revista mensal de cultura*, qui a eu seulement quatre numéros publiés. La revue a été éditée par Paz e Terra et elle a circulé entre les mois d'octobre de 1973 et février de 1974, sous la direction de Barbosa Lima Sobrinho. À partir des informations extraits de l'indexation de la revue dans la base de données développée par le projet "Poéticas contemporâneas: histórias e caminhos", on a observé une position de critique et résistance à ce qui était politique et culturellement institué dans le scénario brésilien et de l'Amérique Latine de l'époque. Ainsi, la publication prétendait divulguer son projet culturel. Ceci se présente à partir d'un ensemble de textes qui affirment une notion de culture, une position de la critique littéraire e aussi l'idéal de l'intégration de l'Amérique Latine.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	08
<i>CONTRA FATO, HÁ ARGUMENTO</i>	12
PROJETO CULTURAL	42
INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA.....	72
UM PARADOXO EM MEIO À COERÊNCIA.....	91
BIBLIOGRAFIA	97
INDEXAÇÃO DE <i>ARGUMENTO</i>	101
1 – Metodologia de indexação.....	101
2 – Índice geral	106
3 – Estatística do vocabulário controlado	140
4 – Estatística dos assuntos dos ensaios	141
5 – Estatística dos assuntos das resenhas	142
6 – Estatística dos autores colaboradores	143

APRESENTAÇÃO

A *Argumento* – revista mensal de cultura, publicação da editora Paz e Terra, circulou entre os meses de outubro de 1973 e fevereiro de 1974, apresentando somente quatro números.¹ Desse modo, possui uma característica comum a outras publicações da época, a efemeridade. Com um grande número de tiragem - de 25.500 exemplares pulou para 45.500 no terceiro número -, pode-se afirmar que, no período, circulou ao lado de periódicos de pequeno e grande porte, como o jornal *O Estado de São Paulo*, o *Jornal da Tarde*, o *Opinião*, o *Pasquim*, a revista *Veja*, a revista alternativa *Ex*, dentre outros.

O breve período de circulação (73-74) é marcado pela continuidade do regime militar, com a troca de um general, Emílio Garrastazu Médici, por outro, Ernesto Geisel, e pela oposição do MDB, único partido de oposição legalizado. À época, o MDB denunciava a eleição indireta e lançava como “anticandidatos”, em chapa única, Ulysses Guimarães e o então diretor de *Argumento*, Barbosa Lima Sobrinho. Cabe acrescentar que era também o momento de auge (em que se iniciava o declínio) do chamado “milagre brasileiro”.²

No decorrer deste e de outros acontecimentos, a revista se armava: na redação de textos que abordavam temas políticos, econômicos, sociais, literários, cinematográficos, teatrais, entre outros, temas que a designavam uma revista cultural, ao mesmo tempo que se constituía um grupo de intelectuais com bastante visibilidade nacional, vinculados, em sua maioria, a uma instituição comum, a Universidade de São Paulo.

¹ Apesar de anunciar na revista número quatro a publicação de mais uma edição, verificou-se junto à editora Paz e Terra que o quinto número não chegou a ser publicado.

² FAUSTO, B. “O regime militar (1964-1985)”, in: *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP/FDE, 1995. p. 463-516.

A leitura e o levantamento dos dados sobre a revista resultam, numa primeira etapa, da indexação de seus 82 artigos em um banco de dados de periódicos do Projeto Integrado de Pesquisa “Poéticas Contemporâneas: histórias e caminhos”, desenvolvido no Núcleo de Estudos Literários e Culturais (NELIC) desta universidade. O Projeto, do qual faço parte desde 1996, conta com a participação de pesquisadores de graduação, mestrado e doutorado, sob a coordenação da professora doutora Maria Lucia de Barros Camargo, e tem como objetivo catalogar as revistas e cadernos ou seções de jornais que tratam de literatura e cultura e que circularam no Brasil a partir da década de 70. O trabalho consiste na indexação destes periódicos em um banco de dados informatizado e na análise dos dados obtidos, da qual decorrem, primeiramente, relatórios e leituras ensaísticas desta produção, possibilitando, a continuidade de uma análise mais aprofundada no Mestrado, como neste caso.

A leitura da revista *Argumento* aqui esboçada, que contempla a análise dos dados e de informações acerca do periódico, está dividida em três partes. Inicialmente, ensaia-se uma leitura interpretativa do título e do *slogan* da revista - “Contra fato, há argumento” -, encontrado no primeiro editorial da publicação. Percebe-se que o *slogan* vem ao encontro do que Antonio Candido afirma sobre o ideal da revista: o de ser uma publicação que utiliza a “razão” para resistir à “força”, ou seja, oferece-se como um meio racional, analítico, de tratar a cultura do país, que visa constituir-se num contraponto em relação a outros meios violentos ou antidemocráticos.

Ao abrir as páginas do primeiro número, deparamo-nos com um editorial-manifesto. Apresentando de maneira implícita, e até mesmo enigmática, as informações, o editorial parece dirigir-se a um público conhecedor da realidade brasileira e que não necessita de maiores explicações. Para o leitor de hoje, o texto aponta para o contexto no qual estava inserida a revista, para o denominado “grupo” de colaboradores e para os objetivos que a publicação pretendia alcançar; objetivos que implicam uma crítica à situação de

subdesenvolvimento, dependência e de regime autoritário por que passava grande parte da América Latina naquele momento. Como proposta e, ao mesmo tempo, solução, a revista afirma-se como “esforço de lucidez”, ou seja, um meio esclarecedor que se contrapõe a um estado de alienação, de perda da razão e, dessa forma, mostra-se coerente com o que indica a leitura de seu título e *slogan*. Enfim, além de refletir sobre o *slogan* e o texto do editorial-manifesto, o primeiro capítulo apresenta também o contexto e os colaboradores da revista.

A partir da consideração de que o periódico mostra-se contrário à situação política econômica e cultural vigente, tanto no Brasil como na América Latina, procura-se demonstrar que a publicação possuía e pretendia divulgar um projeto que se contrapunha ao que negava. Mais especificamente, trataremos do artigo de Antonio Candido, “Literatura e subdesenvolvimento”, que absorve questões que ecoam em toda publicação, com vistas a delinear um esboço ou contorno de um projeto cultural veiculado por *Argumento*.

O mencionado projeto tem como questões centrais a denúncia e o desejo de superação do subdesenvolvimento e da dependência política/cultural; a constituição de uma identidade nacional que se contraponha ao estrangeiro e que seja marcada pela consciência da realidade nacional e pela não alienação; a cultura de resistência, com relação ao quadro político e cultural instituído e às formas irracionais de se fazer resistência; a denúncia da indústria cultural, que colabora na manutenção do estado de subdesenvolvimento cultural e auxilia na despolitização do povo e, por fim, a presença de uma crítica literária voltada a uma perspectiva sociológica, que se encaixa com a postura de resistência da revista, pois entende o contexto, o social, como constituinte da obra literária.

O terceiro capítulo trata da presença de vários artigos sobre a América Latina e também do propósito da revista de ser “um ponto de encontro com as outras terras, notadamente as do continente”. Questiona-se o porquê da abertura deste periódico à América Latina e também a razão da proposta de integração do continente. Para se

chegar a uma resposta plausível - a de que *Argumento*, por ser um instrumento de resistência ao que estava político e culturalmente instituído, assume a “vocação latino-americana de integração” como forma de fortalecer o pensamento divergente e os movimentos de oposição à situação daquele período -, reflete-se sobre a forma pela qual a revista trabalha a relação entre Brasil e América Latina; o que considera América Latina e o que está na base desse pensamento de integração. A questão da América Latina é vista também como parte do projeto político cultural da publicação, o que demonstra uma continuidade das questões abordadas no segundo capítulo.

CONTRA FATO, HÁ ARGUMENTO

“(...) um veículo novo para o que há de vivo, válido e independente na circunstância cultural brasileira (...)”

Argumento

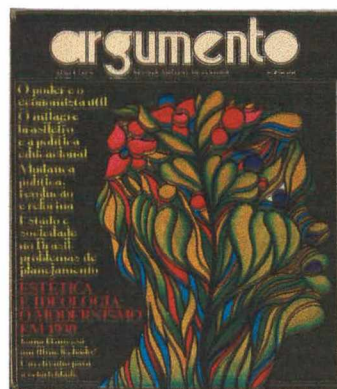


Em quatro números, a *Argumento* – revista mensal de cultura manteve-se com as mesmas dimensões e apresentou uma média de 155 páginas por edição. As capas, sempre com o mesmo formato, traziam, na parte superior e em letras de tamanho grande, o título do periódico e, logo abaixo, seu subtítulo, número, volume e preço. Abaixo destas informações, com exceção do quarto número, todas traziam um grande quadrado que tomava o resto do espaço da capa e era preenchido por um título, em destaque, de um ensaio publicado naquele número, uma ilustração em cores e os nomes de alguns dos colaboradores, com exceção do número 2, que, em vez de trazer os nomes dos colaboradores, apresentou os títulos de alguns dos ensaios publicados. A capa tinha como estratégia, portanto, chamar a atenção através dos nomes de autores que colaboravam naquela edição, dando prestígio à publicação. O ensaio destaque de cada número, junto aos nomes de colaboradores, indica o campo de atuação deste periódico.

As primeiras páginas da revista abrigavam, sem lugar fixo, o sumário e dados de edição e composição (nome do diretor, nomes do conselho consultivo, comissão de redação, secretária de redação, editor de texto, editor de arte e coordenação editorial), além do endereço da redação, informações sobre assinaturas, a tiragem (25.500 exemplares

nos dois primeiros números e 45.500 nos dois últimos) e, algumas vezes, o logotipo da editora Paz e Terra.

Através dos sumários pode-se observar a distribuição dos textos na revista: primeiramente, um conjunto de ensaios, entrecortados em dois números (2 e 4) por uma entrevista e, em seguida, espaço para as resenhas. Os ensaios são, assim, encontrados em maior número na publicação, seguidos das resenhas, informes, entrevistas, depoimento, editorial, apresentação e poema³. Dentre os assuntos mais recorrentes estão: cultura, com 27%⁴; literatura, 16%; economia, 16%; política, 14%; sociologia, 14%; e educação, 5%⁵. As áreas de abordagem dos textos muitas vezes vêm especificadas no sumário antes do título do ensaio, como por exemplo: “Economia: Trinta milhões de mudos”⁶. No caso, a palavra economia antecipa o assunto que norteará o ensaio “Trinta milhões de mudos”.



Dentre os ensaios destaca-se a presença de alguns que tiveram grande repercussão em suas áreas: “Literatura e subdesenvolvimento”, de Antonio Candido⁷; “Cinema: trajetória no subdesenvolvimento”, de Paulo Emilio Salles Gomes⁸; “Criando o

³ Cf. “Estatística do Vocabulário controlado”, item da base de dados em que o periódico foi indexado.

⁴ É válido esclarecer que, por uma questão metodológica, os artigos sob a classificação “ensaio - cultura” abrangem diversos temas dentro desta área, como cinema, artes plásticas e teatro e, portanto, lideram o ranking na classificação geral.

⁵ Cf. “Estatística dos assuntos tratados nos ensaios”.

⁶ Cf. Sumário, in: *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 3, nov. 1973.

⁷ Segundo Antonio Candido, em *A educação pela noite e outros ensaios*, este ensaio foi publicado, em tradução francesa de Claude Fell, na revista *Cahiers d'Histoire Mondiale*, Unesco, 4, 1970, e em espanhol, na obra coletiva a que se destinava, *América Latina en su literatura* (Coordenação e introdução de César Fernández Moreno), México, Unesco/Siglo Veintiuno, 1972, editada em português pela Editora Perspectiva (São Paulo, 1979). Em português, foi publicado pela primeira vez na revista *Argumento*, São Paulo, n. 1, out. 1973 e, posteriormente, como capítulo do livro *A educação pela noite e outros ensaios*, São Paulo: Ed. Ática, 1989.

⁸ Publicado em forma de livro de bolso, pela editora Paz e Terra, na “coleção leitura” em 1996.

romance brasileiro”, de Roberto Schwarz⁹; “Estética e ideologia: o modernismo em 1930”, de João Luiz Lafetá¹⁰.

Como se pode observar, a revista *Argumento* não dedica espaço às criações literárias (prosa e poesia). Encontram-se publicados, no número 2, apenas fragmentos de poemas de Pablo Neruda, reunidos sob o título “Em torno de uma poesia impura”, localizados logo após o ensaio de Davi Arrigucci Junior sobre a poética de Neruda, funcionando, portanto, como parte do ensaio, que faz referência aos poemas publicados. Além disso, pensando em elementos ausentes na revista, é interessante anotar a inexistência de artigos sobre música e televisão, pois eram temas que tinham, como se verá, forte presença na cena cultural da época.

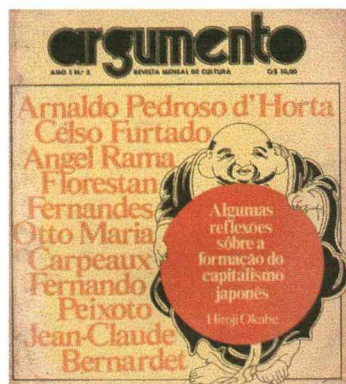
Os ensaios seguem um mesmo modelo de apresentação: são antecidos por uma pequena “chamada”, que apresenta um resumo do tema a ser tratado no artigo e, na maioria das vezes, um desenho ilustrativo. As ilustrações, com exceção das fotos, são de autoria de Carlos Clémen, de Luis Trimano, de Alcindo Cruz e Elifas Andreato (editor de arte), este último responsável também pelas ilustrações das capas e pelo projeto gráfico da revista. Convém ressaltar o comentário de Bernardo Kucinski, a propósito do projeto gráfico e da qualidade dos ensaios publicados em *Argumento* e que seriam a razão do grande prestígio da revista nos meios intelectuais:

“Seus textos eram acessíveis, sem prejuízo do rigor, e diagramados em duas colunas de corpo legível, com capitulares, em contraste com os corpos miúdos das revistas acadêmicas. Trazia trabalhos de artistas gráficos importantes, como Flávio de

⁹ Também foi publicado como capítulo do livro, do mesmo autor, intitulado: *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*, 1981 (2. ed.), sob o título: “A importação do romance e suas contradições em Alencar”.

¹⁰ Trata-se de um capítulo da Dissertação de Mestrado do autor, orientada por Antonio Candido e defendida na USP em maio de 1973, ou seja, no mesmo ano de lançamento de *Argumento*. Encontra-se também publicado como capítulo do livro *1930: a crítica e o modernismo*, (1974), sob o título: “Modernismo: projeto estético e ideológico”.

Carvalho. Tudo isso, num tamanho menor do que o das revistas semanais, destacava ARGUMENTO como um objeto cultural, mais do que uma simples coleção de textos, retomando, na metade do tamanho, a experiência gráfica de SENHOR.”¹¹



Neste sentido, deve-se acrescentar que a revista publicou grande quantidade de material iconográfico em suas páginas. Parte dele constituía-se de fotos, reproduções, gráficos ou desenhos que ilustravam os artigos, reforçando, deste modo, o tema tratado. Assim, o ensaio “O negro no Brasil e nos Estados Unidos”¹², de Thomas Skidmore, apresenta reproduções dos quadros de Debret e Rugendas; já “Estética e ideologia: o modernismo em 1930”¹³, de João Luiz Lafetá, traz reproduções de Tarsila do Amaral, Vicente do Rego Monteiro, Di Cavalcanti e outros. É válido ainda destacar que fotos ilustravam os artigos sobre eventos da época, como a “Expoesia I” e a “Bienal de 1973”. Além das iconografias que ilustravam os artigos, a revista também publicou algumas séries, como a de desenhos a carvão, intitulada “Minha mãe morrendo”, de Flávio de Carvalho¹⁴, e as gravuras e litografias da pintora alemã Käthe Kollwitz¹⁵, intituladas: “Nunca mais guerra” (Cartaz), “Levante dos tecelões” (série), “Guerra dos camponeses” (série), “Mulher ao lado do berço”, “Revolta” e “Dança em torno da guilhotina”.

¹¹ KUCINSKI, B. *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Página Aberta, 1991. p. 275. Na leitura e observação de alguns números da revista *Senhor*, constatei que apenas a disposição dos textos em duas colunas era o elemento gráfico comum a ambas as publicações.

¹² SKIDMORE, T. Ensaio: o negro no Brasil e nos Estados Unidos. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 25-45, out. 1973.

¹³ LAFETÁ, J. L. Estética e ideologia: o modernismo em 1930. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 18-31, nov. 1973.

¹⁴ CARVALHO, F. Minha mãe morrendo. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 132-142, out. 1973.

¹⁵ KOLLWITZ, K. Nunca mais guerra (...) *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 98-112, nov. 1973.

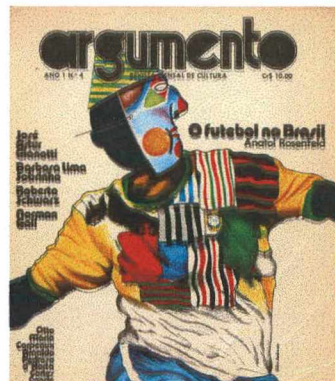
O que é notável nesta iconografia é a coerência com os temas tratados na revista, o que indica uma seleção rigorosa, tanto do que servia apenas como ilustração dos textos, quanto das séries de ilustrações publicadas. Tal questão pode suscitar uma leitura à parte apenas da iconografia desta publicação, não realizada aqui devido às limitações de tempo.

Quanto à publicidade em *Argumento*, a maioria se constituía de anúncios de produtos para escritório das empresas CCE e Arredamento e de anúncios de livros das editoras Paz e Terra e Civilização Brasileira. Em menor quantidade, encontravam-se anúncios de outras empresas, como a Livraria LER, cursos de inglês da Alitalia, grupo financeiro Novo Rio e do Centro Educacional de Processamento de Dados. Um total de 22 anúncios (geralmente pequenos) era distribuído ao final dos artigos e ao final das edições.

A *Argumento* apresentava também duas seções fixas: “Livros”, presente em todos os números, e “Conversa”, presente apenas nos dois últimos, sendo que o sumário do terceiro número traz o título “Notas”, porém, no interior da revista, consta o nome “Conversa”. A seção “Livros” comportava as resenhas de obras inéditas de diversas áreas como cultura, literatura, política, sociologia e história¹⁶, de autores brasileiros ou estrangeiros. A apresentação das resenhas seguia um padrão fixo conforme a norma: primeiro eram fornecidos os dados bibliográficos seguido da resenha. Constava também, ora localizado antes dos dados bibliográficos, ora em meio ao texto da resenha e em destaque, um “texto de chamada” que, de certa forma, resumia a resenha. As resenhas traziam ainda poucas ilustrações, em sua maioria desenhos de autoria dos ilustradores citados anteriormente, ou dos rostos dos autores das resenhas, de pessoas tratadas nos livros resenhados, ou ainda desenhos que se referiam aos assuntos abordados.

¹⁶ Cf. “Estatística dos assuntos tratados nas resenhas”.

A seção “Conversa”, por sua vez, trazia pequenos informes: na *Argumento* número 3 há dois, de um total de três informes, de autoria da própria revista. Já no quarto número, aparece um informe não assinado, sendo que os outros cinco são de autoria de membros da comissão de redação da revista, como Antonio Candido e Paulo Emílio Salles Gomes. Estes informes tratavam de acontecimentos na área da cultura, como a reabertura do Museu Lasar Segall ou a volta do *Boletim de Ariel* e, às vezes, em tom crítico, denunciavam a intervenção da censura na área, como em “Histórico de um aborto”, que apresentava o caminho pelo qual percorreu a peça teatral de Chico Buarque e Ruy Guerra, “Calabar, o elogio da traição”, que acabou não podendo chegar ao público.



Fato e argumento

O título *Argumento* e o slogan - “Contra fato, há argumento”-, estampado nas páginas da revista, conduzem a uma primeira reflexão sobre “o que é” e “quais os propósitos” da publicação. Ao se chamar o periódico de “argumento” dá-se ao termo a expressão de algo concreto: uma revista cultural. Mas esta concretude só existe em função de seus argumentos. Explico melhor: a palavra argumento, enquanto título da revista, lhe dá o sentido de ser, assim, *Argumento* é uma revista, mas, ao mesmo tempo, é também constituída por argumentos. Desse modo, torna-se imprescindível perguntar o que significa argumento.

Argumentar tem, no âmbito da retórica, a função de “captar o assentimento”, “induzir à persuasão ou à convicção”, ser razão que dá fé de algo duvidoso, convencer. Assim, o termo ‘argumento’, do latim *argumentum*, quer dizer: prova, motivo, indício,

demonstração ou razão que carrega consigo a função persuasiva ou de convencimento. Na lógica ou na matemática, a palavra pode ser encontrada com o significado de “tema ou objeto de um discurso qualquer, aquilo em torno de que o discurso versa ou pode versar”.¹⁷ Também pode implicar raciocínio, desenvolvimento de um pensamento que leva a uma consequência ou dedução¹⁸.

Antes de outras considerações, convém lembrar que argumentação é linguagem, principalmente quando esta é usada com o intuito de convencer, persuadir e dar provas de algo incerto. Os argumentos seriam, portanto, as proposições utilizadas com esta função. Desta forma, pode-se pensar aqui que a *Argumento* tem o intuito de ser, através do que veicula, um meio persuasivo, que visa a mudanças de opiniões e estimula reflexões.

A idéia de fato relacionada à noção de argumento, através do *slogan* da revista, permite outras considerações. De maneira geral, o fato é, para Abbagnano, “uma possibilidade objetiva de verificação, de constatação ou de controle e, portanto, também de descrição ou de previsão (...).”¹⁹

Esta definição leva a considerar, de certa forma, a própria *Argumento* como um fato, no sentido de que é algo empírico, passível de verificação. Portanto, aqui, fato e argumento se confundem. Mas, no *slogan*, estes termos são mediados pela palavra ‘contra’, em confronto: isto é, os fatos podem ser afetados ou derrotados pelos argumentos; nenhum fato fica inabalável diante de argumentos. Ou seja, através de provas, de indícios, de razões, pode-se fazer com que se admitam outras possibilidades relativas aos fatos, ou modificar, por exemplo, a forma como é visto determinado fato, o que também implica em uma negação da máxima: “Contra fato, não há argumento”. Fica evidente, portanto, uma inversão de valores: demonstra-se a força de argumentos convincentes em detrimento da versão oficial dos fatos.

¹⁷ Sobre a definição de “argumento” aqui exposta, ver: ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1962. p. 74-75.

¹⁸ FERREIRA, A. B. de H. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 162.

De certa forma, o que ocorre é um “reenquadramento do real”²⁰: o *slogan* “Contra fato, há argumento” implica uma retomada de um conhecimento comum (“contra fato, não há argumento”), que se torna uma referência, mas ao mesmo tempo, através da omissão do “não”, promove um deslocamento, um novo olhar que está na possibilidade de se usar os argumentos contra os fatos, de os fatos serem atingíveis, serem mutáveis. Assim, destaca-se a posição de resistência de *Argumento*, de uma opção pelo “ser contra”.

Para precisar melhor em que sentido encontram-se empregadas as palavras “fato” e “argumento”, pode-se levar em consideração a observação que Antonio Candido faz sobre o título da revista, afirmando que este foi utilizado, com o sentido de marcar o direito da razão em funcionar contra a força. E que por isso mesmo, a decisão foi não aceitar o fato como inevitável, mas lutar na medida das forças para mudar, sugerir alternativas, abrir. A palavra argumento é tomada como sinônimo de razão, pois através desta poderia-se atingir a força, que seria o fato. Ainda sobre a questão, Candido afirma, em relação a *Argumento*, que: “Tratava-se, ante as difíceis condições do momento, de forçar quanto possível uma atitude de oposição ligada ao esforço de aprofundamento analítico”.²¹

Não é sem propósito que Antonio Candido refere-se ao fato como força: na época, início da década de 70, os atos de repressão e censura praticados sob o comando dos militares ou os roubos e seqüestros liderados pelos movimentos que aderiram à luta armada contrária ao regime são exemplos claros de violência e abusos de poder, de uma opção pouco ou quase nada racional de participar da vida

¹⁹ ABBAGNANO, N. Op. cit. p. 408.

²⁰ BRETON, P. “O enquadramento do real” in: *A argumentação na comunicação*. Trad. Viviane Ribeiro. São Paulo: EDUSC, 1999. Para Breton, “nas situações em que o recurso aos valores, aos pontos de vista, à autoridade aceita, implica em uma retomada de um mundo conhecido, comum, que serve imediatamente de ponto de referência, o reenquadramento do real implica em uma novidade, um deslocamento, um outro olhar.” p. 94.

²¹ CANDIDO, A. “O gosto pela independência”, in: *Recortes*. São Paulo: Companhia das Letras: 1993. p. 97. Trata-se de um relato, em tom pessoal, sobre Anatol Rosenfeld, intelectual que colaborou, junto com Candido, em *Argumento* e que morre durante o período de publicação da revista.

cultural e política do país. Ao tomar uma posição contrária ao fato, a revista demonstra sua postura de resistência, mas é ao colocar a razão como sua opção que especifica ainda mais o seu modo de ser contra.

A razão que pode ser sinônimo de argumento, no sentido de ter argumentos ou provas suficientes, de estar com a verdade²², refere-se também ao discurso, considerado uma técnica própria da razão e, principalmente, um meio de distinção entre a mera opinião e a verdade científica.²³ Deste modo, a revista *Argumento* é contrária, resiste ao que está político e culturalmente instituído, ou seja, ao que o governo militar impõe, como também resiste e é contrária a outros modos de fazer resistência, assumindo-se como um periódico que opta pelo raciocínio e pela reflexão analítica e científica, isto é, que não se baseia apenas em opiniões e que busca legitimidade e prestígio, por acreditar que está mais próxima da “verdade”. A razão e a verdade, marcas do iluminismo moderno, são conceitos que aparecem na revista, como se pode observar, antes mesmo da análise dos artigos ali veiculados.

Depois de ter ensaiado esta possibilidade de compreensão do fato e do argumento seguindo as indicações da revista, pode-se ainda tentar pensar estes conceito contemporaneamente, o que nos leva a uma outra compreensão. Sem esquecer que argumento é linguagem e que esta já foi tomada como simples expressão do pensamento ou como instrumento de comunicação, a linguagem pode ser entendida como “ação, como forma de atuação sobre o real e, portanto de constituição do real, e não meramente de representação ou correspondência com a realidade”²⁴. Tal conceito implica pensar os argumentos também como realidades ou como formadores de realidades. Neste caso, o argumento

²² ABBAGNANO, N. Op. Cit. p. 792.

²³ Abbagnano anota que Platão apela para o procedimento discursivo “para marcar a diferença entre a opinião verdadeira e a ciência: as opiniões podem dirigir a ação tão bem quanto a ciência, mas tendem a fugir para todos os lados, como as estátuas de Dédalo, até que não sejam amarradas por meio de um raciocínio causal”. Op. cit. p. 794.

²⁴ SOUZA FILHO, D. M. de. “Apresentação: a filosofia da linguagem de J.L. Austin”, in: *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990. p. 10.

estaria em pé de igualdade com o fato, pois, como já foi dito, o fato é algo passível de verificação e constatação

Porém, a noção moderna de fato também pode ser problematizada: “Não há mais uma separação radical entre ‘linguagem’ e ‘mundo’, porque o que consideramos ‘realidade’ é constituído exatamente pela linguagem que adquirimos e empregamos.”²⁵ Se “realidade” é linguagem, fato pode ser argumento, isto é, o fato não é nada por si mesmo, vale pela idéia que se vincula a ele, ou seja, pelos argumentos, e, como estes, pode ser contestado.²⁶

Ser e ter “argumento” contra os fatos, os acontecimentos. Esta assertiva impõe-se como primeira chave de leitura do periódico, ou, pelo menos, como primeira proposta da publicação. Deste modo, as palavras fato e argumento pedem seus referentes. Contra quais fatos *Argumento* se opõe? E quais os argumentos construídos por esta publicação para atacar os fatos?

²⁵ Idem. Ibidem. p. 10.

²⁶ Cf. REBOUL, O. Op. Cit. p.164.

Primeiros argumentos

outubro 1973

A natureza social tem horror ao vácuo cultural e tende a preenchê-lo de uma forma ou de outra. Uma das formas de fazê-lo é utilizando a dependência, a acomodação, o arrivismo.

A nossa pretende ser a outra forma, a que se definirá no percurso de nosso grupo. Este é vário na idade e na preocupação, mas se unifica no entendimento em criar um veículo novo para o que há de vivo, válido e independente na circunstância cultural brasileira; e um ponto de encontro com o pensamento de outras terras, notadamente as do continente.

Os obstáculos que eventualmente encontrarmos e os estímulos que recebermos serão igualmente indicativos da utilidade de nossa função. Muito intelectual brasileiro foi arrancado de seu mundo e é preciso que encontre um terreno onde possa novamente se enraizar. A limitação de nosso campo poderá ainda ser restringida, mas sempre haverá um papel a ser cumprido pelo intelectual que resolva sair da perplexidade e se recuse a cair no desespero.

Nascemos sem ilusões e não está em nosso programa nutri-las. A independência custa caro e não encoraja as subvenções. Não temos propriamente o que vender mas nos achamos em condições de propor um esforço de lucidez. Esta não é artigo de luxo ou de consumo fácil mas em qualquer tempo é alimento indispensável pelo menos para alguns. Sua raridade é, aliás, sempre

provisória; tudo que a lucidez revela tende a se transformar em óbvio.

Contra fato há argumento.

Uma data, “outubro 1973”; logo abaixo, cinco parágrafos que compõem um pequeno texto de uma página escrita em letras itálicas, nenhum título e nenhuma assinatura. O primeiro e o último parágrafos são impessoais, um não traz nenhuma referência e outro fala em nome da “natureza social”. Os restantes trazem a marca de uma primeira pessoa plural.

A marca do “nós” e a ausência de assinatura mostram que se trata de um texto de uma entidade coletiva: fala-se em nome de várias pessoas. Esta questão, unida ao fato de que o texto encontra-se na primeira página do primeiro número da revista, indica que o texto é da e sobre a própria revista, podendo-se tomá-lo como editorial. Na leitura do texto, percebe-se que explicita os objetivos da publicação e os ideais do grupo que a constitui, dando margem para ser entendido como um manifesto²⁷.

Este editorial/manifesto não possibilita uma leitura fácil, visto que se detecta certo cuidado no uso das palavras. Parte-se de pressupostos e remete-se sempre ao implícito²⁸, demonstrando que ali é o lugar dos sentidos, deixando aos leitores a tarefa de preencher o

²⁷ Entre texto de editorial e texto de manifesto, Jorge Rivera não estabelece distinções, antes aponta para características comuns a estes gêneros:

“El *manifiesto*, la *declaración de propósitos* y el *editorial de presentación*, lo mismo que la polémica, pueden ser considerados como verdaderos géneros residuales de la prensa cultural, en la que difícilmente falten con su discurso doctrinario, dogmático y declarativo, que por lo general nos informa fundacionalmente sobre un programa a cumplir.

Dos, por lo menos, son los rasgos casi invariables de este tipo de materiales: 1) un *manifiesto* o *editorial de presentación* denuncia falencias que deben ser corregidas, o ataca la negatividad de una situación de hecho (se rechaza, por ejemplo, la visión cultural del *establishment* o de una determinada estética); 2) todo *manifiesto* o *declaración de propósitos* expone un programa de “regeneración” que será llevado a cabo por la revista o por el grupo que la produce (anuncia, como decía James Joyce, la belleza “que todavía no ha llegado al mundo”).” RIVERA, J. B. *El periodismo cultural*. Buenos Aires: Paidós, 1995. p.137-138.

²⁸ Segundo Mainguenu, implícitos são os conteúdos, “que não constituem, em princípio, o objeto verdadeiro da enunciação, mas que aparecem através dos conteúdos explícitos”. MAINGUENEAU, D. *Termos-chave da análise do discurso*. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 1998. p.81.

que falta. Desse modo, é um texto de difícil interpretação para o leitor de hoje, mas, ao mesmo tempo, indica que havia um público, na época de sua circulação, que compartilhava dos mesmos pressupostos, demonstrando que sua explicitação era desnecessária ou perigosa.

É possível constatar neste editorial/manifesto indicações do que poderia ser um diagnóstico implícito da situação do país; diagnóstico que fornece uma crítica, por parte da revista, em relação à situação política e cultural. Por outro lado, as propostas do periódico encontram-se explicitadas neste texto de forma a demonstrar um programa, um plano de mudança da situação enunciada.

O primeiro parágrafo expõe uma situação dada e uma forma de resolvê-la: “A natureza social tem horror ao vácuo cultural e tende a preenchê-lo de uma forma ou de outra. Uma das formas de fazê-lo é utilizando a dependência, a acomodação, o arrivismo”. A expressão “vácuo cultural” remonta a um discurso bastante difundido na década de 70. Esta e outras expressões, como “esvaziamento de gavetas”, entendidas como a falta ou ausência de circulação de produções culturais, eram utilizadas no sentido de denunciar o cerceamento da cultura pelo governo militar; dessa forma, apresenta-se como um primeiro pressuposto do texto²⁹. Porém, ao mesmo tempo em que o texto anuncia o “vácuo cultural”, põe contraditoriamente em dúvida sua existência, pois trata das formas de preenchimento do mesmo. A estas formas o texto nos remete no final do primeiro parágrafo: “Uma das formas de fazê-lo é utilizando a dependência, a acomodação e o arrivismo”, e no início do segundo: “A nossa pretende ser a outra forma, a que se definirá no percurso de nosso grupo.”

A linha que inicia o segundo parágrafo aponta, de um lado, para a negação da forma citada de preenchimento do vácuo cultural, ou

²⁹ Ao seguir a linha de análise do discurso de Oswald Ducrot, Maingueneau oferece a opção de uma “interpretação polifônica” da pressuposição que considera que “a responsabilidade do *pressuposto* não é atribuída ao locutor que, em contrapartida, assume diretamente o *posto*, mas a uma instância de enunciação anônima, à qual pode juntar-se o sujeito falante.” E, utilizando das palavras de Ducrot, afirma: “Pressupor um certo conteúdo é colocar a aceitação desse conteúdo como a condição do diálogo ulterior”. MAINGUENEAU, D. Op. Cit. p.116-117.

seja, a revista objetiva não preencher tal vácuo através da dependência, da acomodação e do arrivismo; por outro lado, aponta também para uma indefinição da forma pela qual a revista se utilizaria para preenchê-lo. Percebe-se que é pela negação de algumas maneiras de fazer cultura que a revista mostra, implicitamente, a sua forma, isto é, ao ter claro que o que está sendo produzido e divulgado sobre cultura é o que passou pela “peneira fina” dos agentes culturais do governo militar, ou seja, aquilo que não incomoda e não contesta a prática oficial, a revista *Argumento* busca não ter uma postura vinculada a estas formas. Não pretende ser dependente dos que têm o poder nas mãos, nem adotar uma postura acomodada, dos que deixam “as coisas acontecerem”, e muito menos resistir somente para tentar chegar a altas posições sociais sem méritos.

O terceiro parágrafo, menos impessoal, traz à tona outras questões que remetem a um possível contexto político, ou, como aponta o segundo parágrafo, à “circunstância cultural brasileira”. Primeiramente, tem-se a indicação da função da revista e, de certa forma, da função dos próprios intelectuais, que seria demonstrada pelo encontro de obstáculos para se publicar determinadas opiniões. Caso tivessem problemas com relação aos artigos publicados, por exemplo, estaria comprovada a não cooptação e o exercício da função de resistência, ou seja, a publicação vê a si própria como resistência. Outra forma que demonstraria a utilidade e função da publicação seria o recebimento de estímulos que poderiam comprovar e valorizar a opção da revista pela postura de resistência. Além disso, há ainda neste parágrafo outras indicações de que a situação do Brasil naquele momento não era muito tranqüila: a revista refere-se ao exílio ou auto-exílio de intelectuais brasileiros e à situação de perplexidade e de desespero em que podem encontrar-se esses intelectuais.

Dependência, acomodação e arrivismo como formas menores de se fazer cultura, exílio de intelectuais, perplexidade, desespero e obstáculos para se publicar opiniões: é este o diagnóstico da situação do país e são estes os fatos contra os quais a *Argumento* se

apresenta até aqui. Estes não são meros fatos, servem no texto como argumentos, pois são mostrados como provas a partir das quais a revista pode propor a possibilidade de existência de um outro estado das coisas. Por isso, junto a eles aparecem as propostas da publicação que dão indícios de como poderia ser esta outra situação.

A revista, primeiramente, propõe-se a preencher um “vácuo cultural” de outra forma e, procurando evitar os possíveis “obstáculos”, não explicita a razão, negando apenas as formas de preenchimento que já existiam. Além disto, deseja ser um “veículo novo para o que há de vivo, válido e independente na circunstância cultural brasileira”; mais uma vez diz não à dependência e aponta para o ideal de ser “novo”, “diferente”, provavelmente em relação ao já existente em termos de publicações sobre cultura naquele momento. Quanto a esta questão, é importante lembrar que, ao lado das publicações de vertente política que faziam resistência ao regime militar, como o *Opinião*, o *Politika* e a própria *Argumento*, o início dos anos 70 contou também com as publicações de vertente existencial, ou seja, os periódicos da “contra-cultura”, que eram indiferentes ao discurso engajado, militante e buscavam novos modos de percepção, principalmente através do uso de drogas. São exemplos deste tipo de publicação a revista feminista *Fotochoq* e o tablóide *Ex*, lançados, como a *Argumento*, em 1973. Uma última proposta da revista era a de unir forças, sendo “um ponto de encontro com o pensamento de outras terras, notadamente as do continente”. Devido à importância desta proposta, que, como se verá, foi concretizada pela revista ao trazer autores de outros países para colaborar na publicação e ao tratar de questões relativas a outros países do continente, um capítulo a parte será dedicado ao assunto.

Propor um esforço de lucidez parece ser a principal idéia que compõe o quarto parágrafo do editorial/manifesto. A lucidez, considerada, de difícil consumo e, ao mesmo tempo, “alimento indispensável” é proposta, provavelmente, como solução para a situação, para os fatos indicados nos parágrafos anteriores ou ainda como meio de mudança de um estado contrário ao proposto. Poder-se-

ia estar vivendo um estado de alienação, de perda da razão. A alienação não proporciona perspicácia e clareza de inteligência, não permite o raciocínio, a reflexão. A lucidez poderia ser unida à capacidade de argumentação, enquanto a alienação ou perda da razão estaria mais para a incapacidade de tal atividade. Neste sentido, *Argumento* mostra-se como um objeto esclarecedor, que anseia por um estado de clareza, de perspicácia em meio a um estado obscuro e perturbador, o que, de certa forma, reforça a idéia de que se deseja mudar o estado das coisas através da razão .

Conforme T. W. Adorno³⁰, a idéia de esclarecimento, por um lado, está associada a ideais de liberdade e de superação, mas, por outro, pode também estar associada à positividade derivada do Iluminismo, quando se acreditava mais na noção de progresso. É a este último sentido que se relaciona a expressão “esforço de lucidez”, pois a publicação pretende contribuir para a superação de uma dada situação através de argumentos, trazendo à tona a razão e promovendo, com isso, um desenvolvimento. Dessa forma, retomando as marcas da presença da ideologia iluminista citadas anteriormente (razão e verdade), pode-se acrescentar a elas a idéia de lucidez, de esclarecimento. Unidas formam uma rede discursiva que antecipa, pelo menos, uma perspectiva sobre a qual se apóiam os ideais de *Argumento* e que deverão ser comprovados na análise de seus artigos.

Ao inscrever na primeira e única linha do último parágrafo de seu editorial a frase *Contra fato, há argumento*, a revista conclui e sintetiza seu programa. Esta frase passa a ser seu *slogan* e, junto ao título, sua marca. Volta a aparecer, portanto, em destaque e unida ao próprio título da revista em uma propaganda no quarto número.

³⁰ ADORNO. T. W.; HORKHEIMER, M. “O conceito de esclarecimento”, in: *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 51.

Auditório e contexto

“Muito intelectual brasileiro foi arrancado de seu mundo e é preciso que encontre um terreno onde possa novamente se enraizar.”

Argumento

A data - “outubro de 1973” - centralizada acima do texto do editorial é um importante indício que proporciona a articulação do editorial a todo o contexto no qual estava inserida a publicação.

Vista como um segundo momento da ditadura militar instaurada em 1964, a década de 70, segundo Flora Süssekind, mostra-se, do ponto de vista cultural, muito mais tumultuada do que o período de 1964 a 1968. O governo de Emílio Garrastazu Médici, “eleito” em fins de outubro de 1969 pelo Alto Comando das Forças Armadas, instaura uma “política repressiva”, com cortes e censuras dirigidas à produção artística e teórica daquele momento e ainda com êxodo voluntário ou não de vários produtores culturais do país.³¹

A ditadura militar não era exclusividade do Brasil; vários países da América Latina, entre eles, a Argentina, o Chile e o Uruguai passavam, ou ainda passariam, por uma experiência similar, em maior ou menor grau, e ainda, com maior ou menor duração.

A política cultural em vigor desde a apresentação do Ato Institucional nº 5 (1968-1979) ao Conselho de Segurança Nacional em 13 de dezembro de 1968, manteve-se até a divulgação da Política Nacional de Cultura em 1975, durante o governo Geisel, 1974-1979. Esta se caracterizava, segundo Flora Sussekind, pela “supressão”³², ou seja, apreensões de livros, discos, revistas, censura rígida, demissões de professores e funcionários públicos, proibições de filmes e peças

³¹ Cf. SUSSEKIND, F. “Censura: uma pista dupla”, in: *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985. p. 10.

teatrais, prisões. Porém, esta “supressão” não atinge todo e qualquer produto cultural ou todo funcionário público: ela impossibilita a emergência de um determinado pensamento, principalmente aquele que se contrapõe aos ideais políticos do regime. O mais imediato resultado desta política, afirma Sussekind, “foi a redução ao silêncio ou o êxodo voluntário ou forçado de alguns dos mais importantes produtores culturais do país.”³³

Outra característica do movimento cultural pós-64 que se mostra como uma vertente, ao lado da repressão política e ideológica, e que contradiz a questão do “vácuo cultural”, pronunciado por *Argumento*, é o estímulo à produção de bens culturais. Como afirma Renato Ortiz: “(...) é um momento da história brasileira onde mais são produzidos e difundidos os bens culturais. Isto se deve ao fato de ser o próprio Estado autoritário o promotor do desenvolvimento capitalista na sua forma mais avançada.”³⁴

Renato Ortiz mostra como o Estado reconhece a importância de desenvolver certas atividades na área cultural, desde que submetidas à razão do Estado, e cita uma passagem do *Manual básico da Escola Superior de Guerra*, que se refere aos meios de comunicação de massa como fator importante para o aprimoramento dos componentes da expressão política, mas que também, se utilizados de outra forma, podem trazer problemas.³⁵

É possível, apesar do enunciado “vácuo cultural”, montar um quadro de produções de alguns gêneros culturais a partir de dados da própria *Argumento*, o que também comprova a concretização da proposta da revista de ser um “veículo novo para o que há de vivo, válido e independente na circunstância cultural brasileira”. Serve como primeiro exemplo de investimento, por parte dos militares, o “Plano de ação cultural”, apresentado pelo então ministro da cultura Jarbas Passarinho em abril de 1973, que é amplamente discutido nas páginas

³² Idem. Ibidem. p. 16-17. Dessa mesma supressão foi vítima a publicação de número 4 de *Argumento*.

³³ Idem. Ibidem. p.19.

³⁴ ORTIZ, R. *A moderna tradição brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1995. p. 115.

do periódico através de uma entrevista com atores e empresários da área.

No teatro, é possível verificar, através da revista, que enquanto em 1973 Gianfrancesco Guarnieri despontava para o sucesso, com duas peças em cartaz (“Um grito parado no ar” e “Botequim”)³⁶, e o “teatro empresa”, através da capitalização acelerada mediada pelo estado se consolidava³⁷, a peça “Calabar – o elogio da traição”, de Ruy Guerra e Chico Buarque, não tinha liberação para fazer o ensaio geral, a fim de obter o alvará para o espetáculo. Sobre a peça (musical) de Ruy Guerra e Chico Buarque de Holanda, a *Argumento* dedicou três artigos: “Uma reflexão sobre a traição” (*Argumento*, n.3), ensaio que trata dos conceitos de traição e traidor tanto na história (invasão holandesa) quanto na peça “Calabar ...”; uma resenha da publicação da peça em livro (*Argumento*, n.3) e um informe intitulado “Histórico de um aborto”, que mostra a trajetória da peça desde a liberação de seu texto pela censura em abril de 1973 até o pedido por instância superior para o reexame do texto em novembro do mesmo ano (*Argumento*, n.4).³⁸

No cinema, ao lado da confirmada importância do “cinema novo” no Brasil e no exterior, a revista mostra que o cinema “atual” estava em crise. Além da burocracia pela qual tinham que passar os filmes produzidos no Brasil até chegarem às salas de cinema (entre elas, a de que todo filme tinha que obter uma espécie de “registro civil” que dava a qualificação de “filme brasileiro”, registro este a muitos negado³⁹), o mercado era pequeno e propostas de baratear as produções e estabelecer novas vias de contato com o público eram discutidas em eventos como a 1ª Jornada Nordestina de Curta Metragem, realizada em

³⁵ Idem. Ibidem. p. 116.

³⁶ Ver GUARNIERI, G. “Um grito parado no ar”, *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 1, out. 1973.

³⁷ Ver ARRABAL, J. “Anos 70: momentos decisivos da arrancada”, in: *Série anos 70 – teatro*. Rio de Janeiro: Europa, 1979-1980, p. 34.

³⁸ É válido destacar que, além da proibição do espetáculo, o disco que trazia as canções do musical sofreu censuras.

³⁹ Em “O direito de nascer do cinema brasileiro”, *Argumento*, Rio de Janeiro, n.4, fev. 1974, Sérgio Santeiro comenta, em tom de questionamento, o não conferimento do “certificado de filme brasileiro”, aos filmes “Copacabana exagerada” de Rogério Sganzerla e “O rei do baralho” de Julio Bressane.

setembro de 1973 em Salvador e o I Encontro do Cinema na Universidade, organizado por estudantes da PUC do Rio em outubro do mesmo ano.

Nas artes plásticas, em 1973, um evento artístico de grande importância foi a XII^a Bienal de São Paulo, que não recebeu muitos elogios por parte dos críticos de *Argumento*: Arnaldo Pedrosa D’Horta⁴⁰ apontou problemas como a falta de critério do evento; já Marta Traba⁴¹ tratou da posição “inglória” que coube aos artistas latino-americanos.

Já em relação às produções literárias do início da década de 70, a revista não fornece dados suficientes para a montagem de um quadro geral. Por priorizar o gênero ensaístico de análise do literário, a publicação, como já se evidenciou, não trazia em suas páginas produções de contos, poesia ou crônicas e não chega a problematizar a produção em circulação. Mas, segundo Heloísa Buarque de Holanda e Marcos Augusto Gonçalves, o quadro geral da literatura no início da década de 70 é formado basicamente pela permanência de escritores já atuantes em anos anteriores, como Dalton Trevisan, Osman Lins, Murilo Rubião, Autran Dourado, entre outros. Quanto aos gêneros, há um grande aumento na produção de contos, na qual se sobressaem os nomes de Antonio Callado e Érico Veríssimo; e a poesia dita “marginal” ou “poesia de mimeógrafo”, que utiliza uma espécie de circuito “semi-marginal” de edição devido à capitalização do mercado editorial, também vem à tona.⁴² Sobre este gênero, em exceção ao que foi dito anteriormente, *Argumento* destaca o evento Expoesia I, organizado pelo Departamento de Letras e Artes da PUC do Rio de Janeiro, sob a direção de Affonso Romano de Sant’Anna, que se empenhou em fazer uma “mostra onde estivessem representados os principais movimentos e

⁴⁰ D’HORTA, A. P. Bienal de quê Por quê? Com quem? *Argumento*, Rio de Janeiro, n.3, p. 106-117, jan. 1974.

⁴¹ TRABA, M. XII^a Bienal: lista sumária de sobreviventes. *Argumento*, Rio de Janeiro, n.4, p. 137-144, fev. 1974.

⁴² Mais detalhes sobre este quadro geral, ver HOLANDA, H. B.; GONÇALVES, M. A. “Política e literatura: a ficção da realidade brasileira”, in: *Anos 70 – literatura*. Rio de Janeiro: Europa, 1979-1980. p. 7-82

tendências das últimas décadas, e revelasse ao público novos poetas, éditos e inéditos.”⁴³

Já foi constatado anteriormente que a revista nada publicou sobre música e televisão. Porém, pode-se antecipar aqui que isto não se deve ao fato de ser tímida a produção musical na época, pois a música popular manteve os já consagrados na década de 60 e continuava a badalar a cena cultural dos anos 70. Entre os maiores nomes da música popular brasileira nessa época, encontrava-se Milton Nascimento, Caetano Veloso, Chico Buarque, Gilberto Gil, que já tinham reconhecimento. Mas havia ainda outros gêneros musicais com grande repercussão nesta década: o samba, com Martinho da Vila, Beth Carvalho, Clara Nunes; entre outros, o chorinho e a música instrumental de Hermeto Paschoal e Egberto Gismonti.⁴⁴

É também nesta década que ocorre a expansão da televisão e de outros meios de comunicação de massa. Em 1973, por exemplo, a Rede Globo completou a parte mais expressiva da expansão de sua rede⁴⁵, motivo este para se continuar questionando a ausência do tema televisão em *Argumento*.

Por fim, uma teoria que permeava muitas das discussões em torno da cultura nesta década e que a *Argumento*, de certa forma, priorizou em suas análises é a “teoria da dependência”. As relações de dependência entre a América Latina e os países desenvolvidos e a questão do subdesenvolvimento na América Latina vinham sendo problematizadas por cientistas sociais, mas a grande novidade da crítica literária uspiana, na década de 70, segundo Heloísa Buarque de

⁴³ HOLANDA, H. B. de. BRITO, A. C. de. Nosso verso de pé quebrado. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 81-94, jan. 1974.

⁴⁴ A década de 70 traz também o fim dos festivais de música. Segundo Ana Maria Bahiana, “a censura e a repressão direta, com prisões e exílios, tiraram dos festivais sua função de ponto de encontro e reduziram-nos apenas a feiras para novas contratações”. BAHIANA, A. M. “A linha ‘evolutiva’ prossegue – a música dos universitários”. in: *Anos 70 – Música popular*. Rio de Janeiro: Europa, 1979-1980. p. 25-40.

⁴⁵ KEHL, M. R. “Um só povo, uma só cabeça, uma só nação”, in: *Anos 70 – televisão*. Rio de Janeiro: Europa, 1979-1980. p. 5-30.

Hollanda e Marcos Augusto Gonçalves⁴⁶, foi justamente absorver, no campo da crítica, estas questões.

Apesar de fornecer dados e tratar de acontecimentos importantes na área cultural, a *Argumento* acaba por deixar de fora do cenário que arma de seu tempo alguns movimentos culturais que utilizam outras perspectivas para fazer resistência ao regime militar e que não são menos importantes que a perspectiva do periódico. Ao lado dessa vertente de oposição ao regime de extração acadêmica que se utilizava do meio ensaístico/analítico para expressar a resistência, estavam também os que se utilizavam de armas, da luta armada. Tais movimentos, como o Comando de Libertação Nacional (COLINA), organizado por jovens estudantes mineiros e o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) dos sargentos e marinheiros liderado por Leonel Brizola, no Rio Grande do Sul, protagonistas de lutas abertas ou clandestinas contra o regime, tinham como influência e impulso as práticas de Fidel Castro, que levaram à Revolução Cubana. Este “ciclo da história”, como afirma Kucinski⁴⁷, instituído pelo imaginário da Revolução Cubana, termina lentamente com a morte de Carlos Lamarca em 1971, com a derrota da guerrilha do Araguaia em 1972 e com a derrubada da Unidade Popular de Allende, no Chile, em 1973.

Além dos movimentos pró-guerrilha, encontrava-se ainda em evidência nos anos de 1973 e 1974 os movimentos contra-culturais, os quais produziram grande quantidade de publicações alternativas que marcavam os seus ideais de liberdade total e indiferença aos discursos ideológicos. Com essa característica, já se afirmou, circulavam *Fotochoq* e *Ex*, ao lado de jornais e revistas da grande imprensa, como o *Jornal da Tarde* e *Veja*. Estes últimos, naquele momento, consolidavam seus projetos jornalísticos voltados à classe média. Afirma Bernardo Kucinski: “Enquanto a esquerda clássica refugiou-se ainda mais no dogma — e alguns grupos remanescentes insistiam neuroticamente na

⁴⁶ HOLANDA, H. B.; GONÇALVES, M. A. Op. Cit. p. 29.

⁴⁷ KUCINSKI, B. Op. Cit. p. 43.

luta armada — a vertente existencial recorreu à droga, entre os quais jornalistas do *Bondinho*, *O Pasquim* e *Versus*.⁴⁸

Enfim, para encerrar um esboço deste contexto no qual se inseria *Argumento*, recorre-se mais uma vez a Kucinski, que faz um balanço da fase mais dura do regime para os intelectuais, jornalistas e ativistas políticos: “Entre 1970 e 1974, do governo Médici ao início do governo Geisel, foram mortos ou *desaparecidos* 132 intelectuais e ativistas políticos, ou quase 80% do total de vítimas fatais do regime.”⁴⁹

Contra fato, há argumento

“A limitação de nosso campo poderá ainda ser restringida, mas sempre haverá um papel a ser cumprido pelo intelectual que resolva sair da perplexidade e se recuse a cair no desespero.”

Argumento

Os fatos então relacionados permitem voltar ao editorial da revista. A política cultural implantada pelos militares, que, como se viu, controlava, censurando e, ao mesmo tempo, incentivando a produção de cultura, trazia para si produtores culturais, os “cooptados”. A prática de tais produtores é o que *Argumento* chama e, ao mesmo tempo, recusa em seu editorial, de “dependência”, “acomodação” e “arrivismo”.

O exílio, a perplexidade, o desespero e os obstáculos para se publicar opiniões também são conseqüências da política autoritária que recaem sobre os intelectuais, e é dando oportunidade a quem não se deixa abalar por tais conseqüências que *Argumento* se manifesta.

Porém, fica claro que é difícil ir “contra a corrente” e não sofrer nenhum dano. Ao expor que encontrariam obstáculos, já previam

⁴⁸ Idem. Ibidem. p. 51.

⁴⁹ Idem. Ibidem. p. 45.

possíveis problemas a serem enfrentados e talvez também já previssem a efemeridade da publicação. A edição de número 3 foi parcialmente apreendida pela polícia, enquanto a quarta edição estava no prelo.⁵⁰ Walnice Nogueira Galvão, hoje professora aposentada da USP, afirma, em um ensaio em homenagem a Antonio Candido, que este “fez parte da comissão que foi a Brasília entrevistar-se com Armando Falcão, Ministro da Justiça, para procurar, sem êxito, assegurar a sobrevivência da publicação.”⁵¹ Porém, não foi somente devido à censura, que mais tarde também atingiu o *Opinião* levando-o à extinção, que Fernando Gasparian, empresário que idealizou o jornal *Opinião* e a revista *Argumento*, decidiu tirar de circulação a revista. Segundo Elifas Andreato, Gasparian “se sentia desprestigiado por não ter autonomia para decidir sobre a publicação”.⁵²

Enfim, a lucidez tão enfaticamente proposta no editorial vem contrapor-se a todo este contexto de perplexidade, de paralisação ou cooptação instaurado no país e é provável que também se contrapusesse às outras formas já citadas de resistência, como a luta armada e o “desbunde” ou contra-cultura. Era preciso estar lúcido e não alienado diante de tudo o que acontecia. Por isso, com um inimigo tão poderoso como o governo militar, *Argumento* munuiu-se de um conjunto de intelectuais, que dava coerência a seu modo de resistir e que, como se verá, não só legitimava a publicação, mas demonstrava conhecimento e domínio de sua principal arma: a argumentação.

⁵⁰ Cf. KUCINSKI, B. “A crise terminal do *Opinião*”, in: *Jornalistas e revolucionários: nos tempos da imprensa alternativa*. Op. cit. p. 276.

⁵¹ GALVÃO, W. N. “A militância não-partidária”, in: *Antonio Candido: pensamento e militância*. Org. Flávio Aguiar. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. p. 179.

⁵² ANDREATO, E. apud KUCINSKI, B. Op. cit. p.276.

Oradores

“(...) nosso grupo. Este é vário na idade e na preocupação, mas se unifica no entendimento em criar um veículo novo para o que há de vivo, válido e independente na circunstância cultural brasileira.”

Argumento

A revista *Argumento* foi escrita por várias mãos unidas em torno de um mesmo ideário, o que demonstrava uma coesão de grupo. Este era constituído de intelectuais, professores ou estudantes provenientes de diversas áreas. Nomes, em sua maioria, já renomados somados a outros que ascendiam intelectualmente. Em todos os números, trazia, entre as primeiras páginas, informações sobre o periódico - o nome do Diretor: Barbosa Lima Sobrinho; os integrantes do Conselho Consultivo: Alceu Amoroso Lima, Érico Veríssimo, Hélio Jaguaribe, Florestan Fernandes, Paulo Duarte, Sérgio Buarque de Holanda, Simão Mathias, (Brasil), Anibal Pinto, Octavio Paz, Torcuato di Tella, (América Latina), Albert Hirschman, Brian Van Arkadie, Dudley Seers, (Europa e Estados Unidos); a Comissão de Redação: Anatol Rosenfeld, Antonio Candido de Mello e Souza, Celso Furtado, Fernando Henrique Cardoso, Francisco Corrêa Weffort, Luciano Martins e Paulo Emilio Salles Gomes; e, por fim, o nome da secretária de redação, Maria Hermínia Tavares de Almeida, do editor de texto, Eduardo P. Graeff e do editor de arte, Elifas Andreato.

Alguns membros do grupo da Comissão de Redação trabalhavam ou já haviam trabalhado juntos em outros periódicos: do jornal *Opinião*, em circulação desde 1972, encontravam-se em *Argumento* Celso Furtado, Jean-Claude Bernardet e Fernando Henrique Cardoso como colaboradores e Elifas Andreatto como editor gráfico; da revista *Clima* (década de 40), os protagonistas Paulo Emilio Salles Gomes e Antonio Candido; da *Revista Civilização Brasileira* (década de

60), Francisco Weffort e Fernando Henrique Cardoso. Muitos destes ainda estavam ligados à mesma academia, Universidade de São Paulo, como professores ou como estudantes.

Barbosa Lima Sobrinho, diretor responsável da revista *Argumento*, dispensa maiores apresentações: em 1973, com 76 anos de idade, já havia sido professor de Ciências Sociais e Econômicas, redator-chefe do *Jornal do Brasil*, presidente da Associação Brasileira de Imprensa (ABI) e, naquele mesmo ano, rememoro, lançou-se como candidato à vice-presidente da República na chapa encabeçada por Ulisses Guimarães, pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB). Sobre a revista *Argumento*, afirmou ao jornal *O Estado de São Paulo*, em setembro de 1973, em nota sobre o lançamento da revista, que: “Seria difícil recusar qualquer posição de luta neste momento em que, sentindo a profundidade dos problemas enfrentados pelo povo brasileiro, somos levados a esquecer até a certidão de idade que temos na gaveta.”⁵³ Com um posicionamento coerente com os propósitos da revista de resistir à ditadura militar, unido ao respeito e prestígio que tinha nos meios intelectuais, o nome de Barbosa Lima Sobrinho dava peso e legitimidade à revista.

Dentre os membros da comissão de redação, Antonio Candido destaca-se como o principal expoente da revista na área da literatura, lugar que também ocupou na revista *Clima*. A classificação de “principal expoente” poderia ser explicada pela presença em *Argumento* de seu artigo *Literatura e subdesenvolvimento*, ensaio que se tornou um clássico da crítica literária brasileira. Some-se a isso que Antonio Candido configurava-se, já na época, como um dos principais críticos literários do Brasil e, assim, articulou a colaboração na revista de vários de seus amigos e alunos da USP, na qual era professor de Teoria Literária: Roberto Schwarz, Davi Arrigucci Jr., João Luis Lafetá são alguns nomes que servem como exemplo. Um nome de peso da América Latina, nesta área, é o de Ángel Rama, também amigo de

⁵³ Barbosa Lima Sobrinho, em entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo* em 29 de setembro de 1973.

Antonio Candido e colaborador e diretor, durante alguns anos, do semanário uruguaio *Marcha*, nas décadas de 50 e 60⁵⁴. Entre os cinquenta e três colaboradores da revista *Argumento*, dezesseis estavam vinculados à área literária.

Os artigos sobre cinema são assinados, principalmente, por Jean-Claude Bernardet, Ismail Xavier e Paulo Emílio Salles Gomes. O primeiro, conforme Bernardo Kucinski⁵⁵, estava sendo projetado como crítico da área cinematográfica, nesta época, pelo jornal *Opinião*, e também figurava como professor da USP. O segundo foi orientando de Paulo Emílio que, dentre os outros, era o mais renomado na área. Paulo Emílio trouxe para a *Argumento* toda a sua experiência e, assim como Antonio Candido na área da literatura, figurava como o articulador dos colaboradores da revista em sua área, de modo a repetir a configuração da revista *Clima*. Paulo Emílio, idealizador e o aglutinador principal do Clube de Cinema de São Paulo, criado em 1940, foi protagonista do surgimento da crítica moderna de cinema na capital paulista e também agente na divulgação do cinema; por fim, através de sua contribuição à revista *Clima* a partir de 1941, firmou-se como um dos críticos mais importantes de São Paulo⁵⁶.

Para refletir sobre as artes plásticas, a revista cedeu espaço aos críticos Arnaldo Pedroso D’Horta, líder da juventude comunista nos anos 30 da qual também participara seu amigo Paulo Emílio Salles Gomes⁵⁷, Gilda de Mello e Souza, também professora da Universidade de São Paulo, que havia colaborado com a revista *Clima* na década de 40 e Marta Traba, que representava a América Latina nesta área. Traba era romancista, crítica de arte, fundadora e diretora do Museu de Arte

⁵⁴ Sobre o semanário uruguaio *Marcha*, ver: ROCCA, P. 35 *Años en Marcha: crítica y literatura en Marcha y en el Uruguay 1939-1974*. Montevideo: División Cultura de la IMM, 1992.

⁵⁵ KUCINSKI, B. Op. cit. p. 260. “[O *Opinião*] projetou nacionalmente críticos, escritores e ensaístas como Jean-Claude Bernardet, Aguinaldo Silva e Tárík de Souza.”

⁵⁶ PONTES, H. “Revista ‘Clima’”, in: *Destinos mistos: os críticos do grupo clima em São Paulo, 1940-1968*, São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 102.

⁵⁷ Ver depoimento de Paulo Emílio Salles Gomes sobre a amizade, a militância política e a morte de Arnaldo Pedroso D’Horta, em Com Arnaldo Pedroso D’Horta na idade do ouro, *Argumento*, Rio de Janeiro, n.4, p. 162, fev. 1974.

de Bogotá. A colaboração de Gilda de Mello e Souza aponta novamente para o conjunto de colaboradores da revista *Clima*, o que denota o quão articulado estava o grupo e que, de certa forma, dava continuidade ao grupo da década de 40.

Destoa desta observação o tratamento dado ao teatro em *Argumento*. O nome de Décio de Almeida Prado, que fazia o papel do articulador desta área na revista *Clima*, não aparece na revista, a não ser através de algumas citações e na resenha sobre seu livro - *João Caetano: o ator, o empresário, o repertório* -, lançado em 1972. Diferenciando-se do cinema, o teatro trazia grandes nomes para a revista, através de entrevistas. Todas as entrevistas publicadas (três no total) eram com dramaturgos: a primeira com Gianfrancesco Guarnieri, a segunda com Jorge de Andrade e a terceira com um conjunto de diretores de escolas teatrais (Fernando Torres e José Maria Bezerra Paiva), críticos (Yan Michalsky e Fernando Peixoto), atores (Fernanda Montenegro) e outros interessados da área que discutiam o Plano de Ação Cultural lançado pelo então Ministro da Educação e Cultura, Jarbas Passarinho (1973). Flávio Aguiar, Fernando Peixoto, Renata Pallotini, entre outros, assinavam ensaios e resenhas sobre teatro na revista.

O projeto gráfico de *Argumento*, dirigido por Elifas Andreato, que também era o responsável por esta área no jornal *Opinião*, recebia a colaboração do argentino Luís Trimano, também caricaturista, que, além do *Opinião*, teve passagens pelo *New York Times Review of Books* e *Veja*, e ainda as de Carlos Clémen e Alcindo Cruz.

Um importante intelectual colaborador de *Argumento*, que também merece destaque, é Anatol Rosenfeld. A partir dele, pode-se mostrar outra aglutinação de vários membros do grupo *Clima* antes de *Argumento*, no *Suplemento Literário d'O Estado de São Paulo*: (1956 – meados da década de 60):

“Reconhecido como uma das publicações culturais mais importantes do país, tendo no *Suplemento do Jornal do Brasil* o seu único concorrente à altura, [o *Suplemento Literário d’O Estado de São Paulo*] reuniu novamente alguns dos membros mais expressivos do grupo Clima, desta vez em bases nitidamente profissionais: Décio de Almeida Prado, como diretor, Antonio Candido, como idealizador e colaborador constante; Lourival Gomes Machado, como titular da seção arte; Paulo Emílio Salles Gomes, como titular da seção de cinema.”⁵⁸

Há que se acrescentar o nome de Anatol Rosenfeld, responsável pela seção de Letras Alemãs do suplemento, cargo que o fez entrar no circuito da vida intelectual brasileira. Como amigo de Anatol Rosenfeld, desde o trabalho no *Suplemento Literário d’O Estado de São Paulo*, Antonio Candido escreveu, em 1984, para a seção “Cultura” d’O *Estado de São Paulo*, um artigo intitulado “A inteligência crítica e o gosto pela independência”⁵⁹, que trata da colaboração de Anatol Rosenfeld na revista *Argumento* e da sua morte durante a publicação da revista. Sobre este acontecimento, a revista dedicou a primeira página de sua publicação de número 3, estampando em um fundo preto uma foto deste intelectual, com a seguinte legenda:

“Com o sentimento de sofrer uma perda irreparável, registramos a morte de Anatol Rosenfeld, membro da Comissão de Redação e um dos intelectuais mais nobres e lúcidos que atuavam em nossa cultura. Crítico e pensador de alta qualidade, sempre disposto a servir, poucos

⁵⁸ PONTES, H. “Intelectuais acadêmicos”, in: *Destinos mistos*. Op. cit. p. 210.

⁵⁹ Publicado também no livro *Recortes*, de 1996, sob o título “O gosto pela independência”.

honraram tanto o exercício da inteligência no Brasil.”⁶⁰

Por fim, as áreas de economia e política também estavam muito bem representadas em *Argumento*. Destaca-se a presença dos sociólogos provenientes do grupo do CEBRAP, fundado em 1969, como Francisco Weffort e Fernando Henrique Cardoso, e do grupo do ISEB (1955-1964), como Hélio Jaguaribe. A revista contava ainda com a colaboração de outros intelectuais em evidência: Celso Lafer, Celso Furtado, Anibal Pinto, Lúcio Kowarick, Florestan Fernandes e José Artur Giannotti .

Por trás de todos estes nomes e da idéia de trazê-los para colaborar em *Argumento* figura a pessoa de Fernando Gasparian. O empresário e editor do jornal *Opinião* (1972-1977), na época, comprara, em outubro de 1973, a Editora Paz e Terra, que havia falido, e lançou a revista *Argumento*, segundo Kucinski, dentro dos moldes que ele havia pensado para o jornal *Opinião*, ou seja, “uma publicação ensaística, inspirada no *The New Statesman*, escrita por intelectuais”.⁶¹

Para aprofundar questões que se sobressaíram neste primeiro capítulo, como a existência de uma cultura de resistência, a defesa de uma desalienação cultural, ou ainda a negação à dependência cultural, por parte da publicação, procurar-se-á abordar no capítulo seguinte a questão da cultura no periódico, extraindo um contorno do projeto cultural que a revista parece divulgar.

⁶⁰ *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 3, jan. 1974.

⁶¹ KUCINSCKI, B. Op. cit. p. 275.

Argumento e cultura

Enquanto o título *Argumento* e o slogan “Contra fato, há argumento” mostram-se definidores da forma e da postura que a revista utilizará para tratar dos temas, isto é, apontam para a opção da revista pelo raciocínio, pela reflexão analítica e por uma postura de resistência, contrária ao que está instituído, o subtítulo - *Revista mensal de cultura* - indica a área de atuação do periódico. Porém, para refletir sobre a cultura neste periódico, não são suficientes a identificação da forma e da postura, pois a noção de cultura implica também conhecer outras especificidades relacionadas ao tema, o posicionamento sobre os princípios defendidos e sobre os descartados. Assim, é partindo dos assuntos tratados na publicação e, a seguir, analisando alguns dos artigos, que se tentará chegar a uma concepção de cultura de *Argumento*.

Entre os assuntos abordados na revista, mais especificamente nos ensaios, gênero textual mais recorrente na revista, já se afirmou, encontram-se: cultura, literatura, economia, política, sociologia, educação e psicanálise, elencados de acordo com a ocorrência, ou seja, do mais freqüente ao menos encontrado no periódico, classificados conforme a padronização de indexação na Base de dados¹.

O índice de palavras-chave, também elaborado a partir da indexação da revista, explicita com mais precisão os assuntos explorados por *Argumento*:

¹ Rememoro que a pesquisa sobre a revista *Argumento* está vinculada ao projeto integrado “Poéticas contemporâneas”, que possui uma padronização geral de indexação de artigos de periódicos. Portanto, não é levada em consideração a classificação dos artigos feita pela revista. Os artigos classificados como ensaio - sociologia, por exemplo, têm como assunto questões étnicas e sociais.

Palavras-chave	Percentual
Brasil	12,08
Década de 70	9,00
Cultura	6,17
Política	4,63
Crítica	4,37
América Latina	3,34
Teatro	3,34
Literatura	2,83
Cinema	2,31
Economia	2,06
Subdesenvolvimento	2,06

As três primeiras palavras indicam, de modo geral, o enfoque da publicação, ou seja, trata-se de uma revista de cultura, que tematiza freqüentemente o contexto nacional da década de 70. Já os outros termos demarcam as temáticas abordadas pelo periódico, apontando para a palavra-chave “cultura” como aglutinadora dos outros temas. Assim, a partir desta estatística e do índice de assuntos dos ensaios, pode-se afirmar que *Argumento* toma como cultura uma gama variada de assuntos (apesar de não se constatar a presença de ensaios específicos sobre televisão e tampouco sobre música), sem estabelecer uma separação entre o econômico, o político e as manifestações culturais. É também possível apontar alguns assuntos que sugerem especificidades à noção de cultura da revista, como a presença do tema América Latina, a questão do subdesenvolvimento, da valorização de determinada cultura e, por fim, o papel da cultura em relação ao contexto.

Diante da constatação da presença dos pressupostos básicos destas questões que norteiam a discussão da cultura e, portanto, da literatura no ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”², de Antonio Candido, e da importância deste artigo que, como já se constatou, foi publicado pela primeira vez em português nesta revista, figurando como o ensaio inaugural do primeiro número do periódico, tomar-se-á este texto como base para a análise da questão da cultura em *Argumento*.

² CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 1, p.6-24, out. 1973.

Subdesenvolvimento e dependência cultural

Em “Literatura e subdesenvolvimento”, Antonio Candido reflete sobre como a cultura e, principalmente, a literatura latino-americanas ligaram-se aos grandes centros, como a Europa. O eixo central da análise de Candido é a questão da dependência e do subdesenvolvimento.³ Considera a dependência “derivação do atraso e da falta do desenvolvimento econômico”⁴ e a demonstra através das fases percorridas pela literatura latino-americana até a década de 70, de forma evolutiva. O que determina tal evolução, neste caso, é o grau de consciência do atraso ou do subdesenvolvimento que assola essa parte do continente americano. Dessa maneira, na “fase da consciência amena do atraso”, cuja ideologia vigente é a ilustração, a dependência resulta da penúria cultural da época. Dentre as conseqüências da dependência na literatura desta fase, o autor destaca a formação de um aristocratismo alienante, constituído por autores que escreviam “como se na Europa estivesse seu público ideal, e assim se dissociavam muitas vezes da sua terra”⁵, ou ainda utilizavam línguas estrangeiras na sua criação. Outro problema de maior interesse para Candido é o das influências, considerada quase como um fato natural em

³ O livro *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*, publicado em 1967, pelo sociólogo chileno Enzo Faletto em parceria com Fernando Henrique Cardoso, que figura como um dos colaboradores de *Argumento* na área sociológica, é tido como uma síntese e um marco da tradição dependentista. A noção de dependência surge neste estudo através da reflexão sobre o subdesenvolvimento: é, por conseguinte, a forma como as economias subdesenvolvidas vincularam-se historicamente ao mercado mundial. Neste sentido, os autores afirmam que a noção de dependência “alude diretamente às condições de existência e funcionamento do sistema econômico e do sistema político, mostrando a vinculação entre ambos, tanto no que se refere ao plano interno dos países como ao externo”. O subdesenvolvimento, para estes autores, não é definido apenas pela estrutura de um tipo de sistema econômico, estrutura esta caracterizada pelo predomínio do setor primário, forte concentração de renda, pouca diferenciação do sistema produtivo e, sobretudo, predomínio do mercado externo sobre o interno, mas também pela reconhecida presença no plano político-social de relações de dependência, dependência esta que teve início historicamente com a expansão das economias dos países capitalistas. CARDOSO, F.H.; FALETTO, E. “Análise integrada do desenvolvimento”, in: *Dependência e desenvolvimento na América Latina*. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, s/d, p. 26-27.

⁴ CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. Op. cit. p. 20.

decorrência de nossa origem de colonizados, mas que chegava a casos extremos de servilismo.

O problema das influências pode também ser relacionado com a importação do romance para o Brasil. Ao considerar tal questão elemento central de sua análise, Roberto Schwarz, em “Criando o romance brasileiro”⁶, lança como pressuposto de seu estudo a predominância, no Brasil do século XIX, das “ideologias de segundo grau”: adotar o romance era acatar também a sua maneira de tratar as ideologias. Tais ideologias, importadas da Europa, tomavam aqui outra configuração, o que levou Schwarz a chamá-las de “idéias fora do lugar”, pois aquele ideário ficava deslocado no novo contexto.

A segunda fase apontada por Candido, chamada de “fase da consciência catastrófica do atraso”, corresponde à idéia de país subdesenvolvido. Nela, a questão da dependência aparece mais atenuada, pois não há mais dependência e sim interdependência: “Não há imitação nem reprodução mecânica. Há participação nos recursos que se tornaram bens comuns através do estado de dependência, contribuindo para fazer deste uma interdependência”⁷. Existe ainda a questão das influências, mas, nesta fase, estas já se encontram legitimadas, sintoma do processo de superação da dependência.

A questão do subdesenvolvimento e da dependência como tema recorrente da revista é também abordado na área do cinema. “Cinema: trajetória no subdesenvolvimento”⁸, importante estudo de Paulo Emílio Salles Gomes acerca da história do cinema brasileiro, procura refletir introdutoriamente sobre a origem e o desenvolvimento do cinema de países subdesenvolvidos, como a Índia e a Arábia, ou ainda com o desenvolvido Japão, além de verificar a disseminação, ou não, do cinema ocidental nestes países. O autor procura abordar tais assuntos traçando comparações entre os países, para então poder

⁵ Idem. Ibidem. p. 14.

⁶ SCHWARZ, R. Criando o romance brasileiro. *Argumento*, Rio de Janeiro, n.4, p. 19-47, fev. 1974.

⁷ CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. Op. cit. p. 19.

⁸ GOMES, P. E. S. Cinema: trajetória no subdesenvolvimento. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 1, p.54-67, out. 1973.

tratar da história do cinema brasileiro na situação de país subdesenvolvido.

De modo geral, o autor vai analisando, na história do cinema brasileiro, os momentos “de alta e baixa” (produtividade e audiência), mas, principalmente, o modo como este cinema lidava com a questão de expressar o que interessava ao “ocupante” ou o que interessava ao “ocupado”. É importante destacar que o crítico não chama apenas de “ocupante” o estrangeiro, mas também os que têm poder de decisão nas questões do país:

“Psicologicamente, ocupado e ocupante não se sentem como tais; de fato, o segundo também é nosso e seria sociologicamente absurdo imaginar a sua expulsão como os franceses foram expulsos da Argélia. Nossos acontecimentos históricos — independência, república, revolução de trinta — são querelas de ocupantes nas quais o ocupado não tem vez.”⁹

Propondo um desenrolar de texto que mostra, da mesma forma que o artigo de Antonio Candido, uma evolução, Paulo Emílio trata do meio cinematográfico brasileiro baseando-se nas fases de maior expressão e em seus intervalos. Como primeira fase, Paulo Emílio cita a *Bela época*, que corresponde ao início do século XX, mais precisamente a partir de 1908 e que dura três ou quatro anos. Nesta produção, evidencia, como problema, a cópia, ou, como denomina o autor, o “decalque canhestro” do que se produzia na Europa ou na América, o que provocava a falta de brasilidade. Terminada esta fase, o cinema norte-americano toma conta da cena e a cinematografia brasileira só vai voltar a ser um fenômeno nos anos 40.

Os filmes musicais e de chanchada ou a combinação de ambos trarão uma mudança importante nesta fase: “desvinculados do

⁹ Idem. Ibidem. p. 58.

gosto do ocupante e contrário ao interesse estrangeiro”, traziam a marca do subdesenvolvimento, causando grande identificação com o seu público. O autor afirma também que “a adoção, pela plebe, do malandro, do pilantra, do desocupado da chanchada, sugeria uma polêmica de ocupado contra ocupante.”¹⁰ Quando o cinema se torna o assunto nacional mais sensibilizante, a partir do final da década de 40, a presença do sentimento socialista fez surgir um novo tipo de cinema, que exprimia uma consciência social corrente na literatura pós-modernista e que levou a outro acontecimento global de importância para sua história: o surgimento do Cinema Novo.

Assim como a Bela Época, o Cinema Novo teve vida curta, porém por motivo diferente, pois sofreu imposições políticas internas. Mas, mesmo apesar de não atingir nenhum novo público potencial de ocupados, tendo apenas atingido um público jovem de origem ocupante, mas que se sentiam representantes dos interesses dos ocupados, o Cinema Novo, segundo o autor, refletiu e criou uma imagem da maioria do povo brasileiro e fazia parte de uma corrente que se exprimiu igualmente através da música, do teatro, das ciências sociais e da literatura.

Depois do Cinema Novo, na passagem dos anos 60 para os setenta, aparece ainda um novo surto, de menor expressão em relação à Bela Época, à chanchada e ao Cinema Novo, que se autodenominou de Cinema do Lixo, com duração de aproximadamente três anos. Este fazia oposição frontal ao cinemanovismo, vivia na clandestinidade devido à censura e propunha um anarquismo sem qualquer rigor. Nas palavras do autor, “transforma a plebe em ralé, o ocupado em lixo”, mas vinculou-se às preocupações brasileiras do período. Todavia, foi o setor documental que, com intenções culturais e didáticas, reassumiu a função que o gênero desempenhara anteriormente. Esses filmes, para

¹⁰ Idem. Ibidem. p. 60.

Paulo Emílio, “documentam a nobreza intrínseca do ocupado e a sua competência”.¹¹

Ao concluir, o autor trata do cinema “atual” e diz que os melhores quadros ainda derivam do cinemanovismo e de suas adjacências, ou mesmo dos precursores imediatos. Em relação ao público, afirma que o cinema nacional não tem mais um destinatário certo; os próprios intelectuais voltam-se para o estrangeiro, o que indica um dos caminhos de reinstalação na ótica do ocupante.

Pode-se, a partir daqui, observar a pertinência das categorias de análise da literatura utilizadas por Antonio Candido em “Literatura e subdesenvolvimento”, apropriadas para se tratar do cinema nacional. A “fase de consciência amena do atraso” caberia também para a fase do cinema chamada de “Bela Época”, ou seja, para o início do século, enquanto que a “fase da consciência catastrófica do atraso”, que corresponde à literatura a partir dos anos 30, ajustaria-se à fase do Cinema Novo, mais precisamente a partir do final da década de 40. Apenas quando se referem à situação “atual” de suas áreas, os críticos se distanciam: enquanto o primeiro demonstra um certo otimismo, inserindo, inclusive, a produção “atual” na “consciência dilacerada do atraso”, que implica na existência de um escritor com muita consciência da situação em que vive, o segundo, que detém um público maior do que a literatura, aponta para a passividade do conjunto de pessoas que o aprecia. Observa-se que tal correspondência, nas outras fases, ocorre devido ao fato de os dois autores colocarem como linha condutora de seus estudos a questão da relação entre desenvolvidos e subdesenvolvidos, dominantes e dominados, influentes e influenciados, ocupantes e ocupados, dando ênfase ao momento cultural e à forma pela qual as produções se voltaram para seus países (em termos de Brasil e de América Latina), expressando a situação de subdesenvolvimento e a valorização de sua identidade.

Neste sentido ainda, os autores, através do que apresentam como superação da situação de subdesenvolvimento ou maturidade na

¹¹ Idem. Ibidem. p. 64.

área cultural brasileira, demonstram também um ideal de cultura vinculado à expressão do subdesenvolvimento e da identidade brasileira. Para Antonio Candido, esta superação se dá quando as obras têm como fonte a própria literatura nacional e parece se completar quando conseguem influenciar fora do seu país, principalmente os países-fontes (Europa e EUA). Ou seja, é uma perspectiva evolutiva que trabalha num crescente contínuo em direção à obtenção da maturidade e à autonomia literária. Já para Schwarz, tal maturidade, no caso, do romance brasileiro, seria alcançada através da inserção de matéria verdadeira que focalizasse a situação cultural local: “para o nosso caso de país dependente, que seja uma síntese em que figure com regularidade a marca de nossa posição diminuída no sistema nascente do imperialismo”.¹² E Paulo Emílio Salles Gomes afirma que o cinema não possui força própria para escapar ao subdesenvolvimento e depende, assim como os seus espectadores, de uma reanimação da vida brasileira. Mesmo assim, pode-se considerar que a saída seria a de produções como as do Cinema Novo, pois o autor aponta para o que restou deste cinema como “os melhores quadros de nosso cinema”, ou seja, um cinema consciente da situação brasileira e que a expresse.

Apontando a saída da dependência e do subdesenvolvimento cultural, ora pela busca de uma fonte de criação também nacional, ora fazendo com que as produções culturais apresentem a consciência do que é de fato o país, a revista *Argumento* prima por uma cultura que valorize o nacional pelo que historicamente ele é: dependente e subdesenvolvido. Esta consideração, que está também na base do desenvolvimento visado pela “teoria da dependência”¹³, levaria o Brasil, ou melhor, a América Latina a ter um lugar de destaque junto ao contexto mundial. Apresenta-se também como a afirmação de uma identidade nacional e de uma cultura brasileira.

¹² SCHWARZ, R. Criando o romance brasileiro. Op. cit. p. 44.

¹³ Um desenvolvimento auto-sustentado se basearia, por exemplo, nos estímulos do mercado interno e na criação de uma indústria própria de bens de capital. Cf. CARDOSO, F. H.; FALETTTO, E. Op. cit. p. 10.

Antes de aprofundar este tópico, é importante observar outro detalhe interessante no tratamento dado aos temas dos artigos. A demonstração da evolução pela qual passa a literatura latino-americana dá a idéia de um certo “progresso” no meio literário, que decorreu do afinamento das potencialidades dos escritores latino-americanos e que poderia se firmar futuramente. Essa crença no futuro que, no caso, está próximo, pois Antonio Candido já aponta para uma “nova literatura” (o super-regionalismo) que está surgindo, remete à ideologia iluminista que via a América Latina como um “continente novo”, um “gigante adormecido”, destinado a ser grandioso. Além disso, a indicação de Schwarz sobre a possibilidade de existência de um “romance verdadeiro” aponta para a crença em uma verdade, ou seja, um ideal de romance. Persiste, na revista, portanto, a presença, já diagnosticada na leitura do título e do *slogan*, dos ideais iluministas. A hipótese de que a revista se baseia em tais ideais vem se confirmando, mas deverá ser explorada, em seu devido momento.

Identidade nacional

A noção de “consciência” é um dos pilares do artigo de Antonio Candido, como se ressaltou anteriormente. De acordo com o grau de consciência da realidade da América Latina é que a literatura se apresenta mais ou menos dependente. Ao qualificar o Cinema Novo como um dos melhores momentos do cinema brasileiro, Paulo Emílio está defendendo um processo de conscientização a que visa este tipo de cinema. Sendo assim, a “consciência” ou a “falta de consciência” que se vincula à situação de subdesenvolvimento do continente latino-americano também é central em *Argumento*. Noutras palavras, ao que tudo indica, para a revista, uma questão que identifica o povo brasileiro diz respeito à situação de subdesenvolvimento do país, o que implica

uma cultura alienada, ou seja, tem-se uma consciência pouco apurada da realidade em que se vive.

Tal consideração evoca uma luta contra a “consciência alienada” ou contra a “falsa consciência” das elites europeizadas, não há mais “ufanismos” nacionalistas próprios, talvez, de uma consciência amena do atraso e é neste sentido que também se pode pensar na defesa de uma “cultura desalienada” e uma identidade que se contraponha ao estrangeiro. Portanto, a superação do subdesenvolvimento cultural pressupõe estímulos a movimentos culturais internos, desenvolvendo, assim, uma cultura própria, mesmo que inserida num universo cultural, pois, como afirmou Candido, “somos parte de uma cultura mais ampla, da qual participamos como variedade cultural”¹⁴, só que não mais numa situação de dependência.

É importante lembrar que esta busca de uma cultura essencialmente brasileira já se encontrava no movimento modernista. As noções de consciência e alienação e os ideais citados foram também preocupações recorrentes nas reflexões dos intelectuais do ISEB (Instituto Superior de Ensino Brasileiro) nos anos 50 e início dos 60¹⁵, de que faziam parte Celso Furtado e Hélio Jaguaribe, ambos colaboradores de *Argumento*. Antes, porém, de serem aproveitados por estes intelectuais, os conceitos de alienação e consciência foram elaborações-chave da teoria marxista, que os utilizava para desvendar o sistema capitalista, na tentativa de subvertê-lo.

A presença de conceitos marxistas no estudo de Antonio Candido e, portanto, na revista *Argumento*, e, principalmente, a relação entre consciência e alienação, fica ainda mais evidente quando Renato Ortiz, em *Cultura brasileira e identidade nacional*, trata do tema da “tomada de consciência”, citando Roland Corbusier (ideólogo do ISEB):

¹⁴ CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. Op. cit. p. 18.

¹⁵ O ISEB teve suas atividades encerradas com o golpe de 64. Renato Ortiz, em *Cultura brasileira e identidade nacional*, mostra como os ideais dos intelectuais do ISEB se transfiguram até chegarem, no início dos anos 60, através do Centro Popular de Cultura da UNE, em uma noção de “cultura popular” que tem como base a idéia de uma ação de caráter reformista, transformadora.

“A falta de consciência nacional, a falta de consciência crítica em relação a nós mesmos se explica pela alienação, pois o conteúdo da colônia não é a própria colônia, mas a metrópole... A tomada de consciência de um país por ele próprio não ocorre arbitrariamente, mas é um fenômeno histórico que implica e assinala a ruptura do complexo colonial.”¹⁶

A passagem da “fase da consciência amena” para a “da consciência catastrófica do atraso” parece ocorrer devido a essa “tomada de consciência” descrita por Corbusier, pois é nesta última fase que há um afloramento da consciência crítica. Para Antonio Candido, “quanto mais se imbui da realidade trágica do subdesenvolvimento, mais o homem livre que pensa, se imbui da inspiração revolucionária”.¹⁷ E esta consciência crítica, mas principalmente, o ideal de fazer com que surjam mais consciências críticas, está também no Cinema Novo. Assim, pode-se afirmar que, ao se combater a alienação, está se defendendo uma conscientização ou uma desalienação. Nestes termos também podem ser pensados os conceitos de cultura e identidade nacional em *Argumento*.

¹⁶ CORBUSIER, R. apud ORTIZ, R. *Cultura brasileira e identidade nacional*. p.54-55.

¹⁷ CANDIDO, A. *Literatura e subdesenvolvimento*. Op. cit. p. 18.

Cultura de resistência

A revista *Argumento* é resistente ao que está político e culturalmente instituído, ou seja, ao que o governo militar e o sistema capitalista impõe, da mesma forma que é contrária a outros modos de se fazer resistência (uso da força e das armas), assumindo-se um periódico que opta pelo raciocínio e a reflexão analítica e científica, isto é, que não se baseia apenas em opiniões.

Na “pré-fase da consciência catastrófica do atraso”, encontra-se, segundo Antonio Candido, a literatura dos anos 30. Nela é que começa a surgir a crítica e a resistência à submissão econômica e política do imperialismo e o desejo de superação do subdesenvolvimento. João Luiz Lafetá, em “Estética e ideologia: o modernismo em 1930”¹⁸, parte também da proposição de Mário Vieira de Melo, que distingue as fases de consciência do atraso, para tratar do modernismo de 30¹⁹. Para Lafetá, “nos anos vinte, a tomada de consciência é tranqüila e otimista, e identifica as deficiências do país — compensando-as — ao seu estatuto de “país novo”; nos anos 30 dá-se início à passagem para a consciência pessimista do subdesenvolvimento, implicando uma atitude diferente diante da realidade”²⁰. Desse modo, no modernismo de 30 o “projeto ideológico” vai se encontrar em primeiro plano.

Mas, segundo Lafetá, se por um lado a literatura desta fase volta-se para concepções de esquerda, denunciando problemas sociais, por outro, reveste-se também de posições e idéias conservadoras e de direita, como a literatura espiritualista, essencialista e as “definições políticas tradicionalistas”, dentre as quais cita a de Gilberto Freyre.²¹

¹⁸ LAFETÁ, J. L. Estética e ideologia: o modernismo em 1930. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 19-31, nov. 1973.

¹⁹ É válido lembrar aqui que Lafetá era orientando de Antonio Candido na época, daí decorre a continuidade da mesma linha de reflexão.

²⁰ Idem. Ibidem. p. 26.

²¹ Idem. Ibidem. p. 26.

Na mesma linha do modernismo de 30, que enfatiza os ideais de “esquerda”, a *Argumento* publica uma série de obras de Flávio de Carvalho²². O artista morreu alguns meses antes do lançamento da revista (1973), e sua série de ilustrações, intitulada “Minha mãe morrendo”²³, recebeu no primeiro número um espaço privilegiado. O artista tinha entre suas características a irreverência em relação à moral da época, a contestação aos poderes constituídos e, em 1965, teve depredada a escultura que fizera em homenagem ao poeta espanhol Garcia Lorca, morto pelo fascismo. A série “Minha mãe morrendo” exemplifica, afirma o texto de apresentação que a antecede, o “máximo de sua [de Flávio de Carvalho] arte e de sua atitude diante da vida (e da morte): o desafio constante, o inconformismo permanente, a provocação libertadora”²⁴.

Tanto “Estética e ideologia: o modernismo em 1930”, quanto a presença do irreverente Flávio de Carvalho em *Argumento* podem ser vistos como alegorias ao momento político/social por que passa o Brasil, à época. Na década de 30, no Brasil, organiza-se a Aliança Nacional Libertadora e o Partido Comunista tem um grande crescimento; já nos anos de 1973 e 1974, com o governo militar em ação, organizam-se, ou já estão organizados, vários movimentos de resistência, incorporando uma linhagem esquerdista, da qual a revista, em seu discurso, participa. Neste sentido, pode-se dizer que o “aflorescimento revolucionário” originário da década de 30 serve, nos anos 70, como forma de fortalecer os movimentos de resistência ao regime.

Então, se a conscientização da realidade do subdesenvolvimento, conforme Antonio Candido, leva o “homem livre que pensa” a resistir a esta realidade, poder-se-ia afirmar que *Argumento* se posiciona a favor de uma cultura de resistência, buscando contribuir para este processo de conscientização através das

²² Flávio de Carvalho foi artista plástico, arquiteto e escritor de peças teatrais, além disso, organizou o “Teatro da experiência” na década de 30.

²³ CARVALHO, F. Minha mãe morrendo. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 132-142, out. 1973.

²⁴ Idem. Ibidem. p. 134.

críticas à realidade latino-americana marcada pelo estado de subdesenvolvimento e dependência e pelo autoritarismo dos governos militares, presentes em várias partes deste continente.

Se a “inspiração revolucionária” é “o desejo de rejeitar o jugo econômico e político do imperialismo e de promover a modificação das estruturas internas, que alimentam a situação de subdesenvolvimento”²⁵, a *Argumento* também está imbuída deste ideal. O espaço dado ao modernismo de 30, marcado, como se viu, pela crítica da realidade brasileira, une-se às críticas sutilmente lançadas à ditadura militar presente em vários de seus artigos: no informe que denunciava o fechamento, pela censura, da revista peruana *Política y Sociedad*²⁶; no ensaio de Fernando Henrique Cardoso²⁷ sobre a situação política chilena pouco antes da derrubada de Allende; ou ainda na constante crítica à censura que circundava as produções culturais da época, presente em vários artigos, tais como: a entrevista feita com Gianfrancesco Guarnieri (*Argumento*, n.1); o informe de Sérgio Santeiro, “O direito de nascer do cinema brasileiro” (*Argumento*, n.4), que comenta a não concessão do “certificado de filme brasileiro” a alguns filmes nacionais (que permitiria a exibição do filme em casas cinematográficas); o texto “Histórico de um aborto” de Fernando Peixoto (*Argumento* n.4), que trata da peça teatral “Calabar, o elogio da traição”, censurada.

A revista ainda cedeu espaço a duas séries de obras da artista expressionista alemã Käthe Kollwitz (1867-1945). As séries, intituladas “Guerra dos camponeses” e “Levante dos tecelões”, foram reproduzidas na publicação sobre páginas pretas e mostram, com certa

²⁵ CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. Op. cit. p. 18.

²⁶ *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 3, jan. 1974, p. 146.

²⁷ CARDOSO, F. H. Chile: um caminho possível. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 95-103, out. 1973. É válido dizer que Fernando Henrique Cardoso, presidente do Brasil desde 1995, portanto imbuído de todo poder para fazer valer esta “inspiração revolucionária” de que a publicação na qual colaborava apresentava como uma das características principais, pois se detinha na crítica ao governo e as intromissões das grandes potências, ao contrário do esperado e contradizendo o que disse, governa a favor de um regime liberal autoritário e que, aos poucos, está entregando o patrimônio nacional nas mãos das empresas privadas, muitas destas estrangeiras, incluindo-se aí as próprias universidades públicas.

clareza, a barbárie da guerra e a insurreição do povo representado pelos camponeses e tecelões. Obras com grande carga ideológica que poderiam representar muito bem o pensamento socialista ou comunista da época que muitas vezes apontava como saída para a exploração do homem pelo homem a revolução feita pelo próprio povo.

Dentro da abordagem crítica ao governo militar, *Argumento* publicou vários outros artigos que denunciavam problemas sociais pelos quais o Brasil passava. Por exemplo, um ensaio sobre a destruição da natureza, dois sobre problemas habitacionais e um sobre a situação social do nordeste.

Assim sendo, pode-se afirmar, a partir daqui, que a revista *Argumento* privilegiou artigos que apontavam para certo comprometimento político, que tomavam posição diante das questões e que representavam, em certa medida, alguns dos ideais do pensamento de “esquerda” que fazia parte da cena brasileira dos anos 70. A cultura valorizada pela publicação era também uma cultura comprometida politicamente, uma cultura de resistência, porém, de uma resistência que tinha um modo próprio de se expressar. Como se viu, ser contra, a partir do *slogan* da revista, indica utilizar a inteligência e o raciocínio, a razão e/ou a argumentação para se opor à força.

Dentro da discussão sobre cultura de resistência, encontra-se a questão do papel dos intelectuais. Em “O contexto e os intelectuais”, José Arthur Giannotti tem como objetivo analisar a forma pela qual o produto do trabalho intelectual se insere no sistema produtivo da época. No que se refere à função dos intelectuais, afirma que:

“Se a hora é de tomada de consciência, cabe tomá-la a partir da situação peculiar em que nos encontramos, notadamente de nossas próprias condições de trabalho. Isto para evitar a consciência simplesmente moral que contraponha o bem ao mal, sem se deter nos processos concretos

de mudança. A todo momento nossa atividade esbarra com a sólida presença do Estado, instituição todo-poderosa que nos fascina e atomiza. Não é nossa a posição daqueles grupos que lutam para serem cooptados por ele. Preferimos aceitar nossa marginalidade de intelectuais e aprofundar nossa atividade e descobrir nela sua dimensão social, para organizá-la a partir de bases efetivas.”²⁸

A “tomada de consciência” é retomada aqui em relação ao intelectual, ou seja, para Giannotti é hora de os intelectuais se conscientizarem quanto à situação do país, promovendo um trabalho de oposição, de crítica e de não cooptação. Além disso, o autor afirma que o trabalho intelectual, na situação colocada, era marginalizado, tinha-se apenas um pequeno espaço onde ele poderia ser exercido efetivamente, tudo isto em decorrência do amplo poder do Estado.

Assim, levando-se em conta esta postura de resistência exigida dos intelectuais por Giannotti, e a preocupação constante da revista em se demonstrar contrária ao governo militar e em abordar os temas com certo “instinto revolucionário”, entende-se que o intelectual, nesta publicação, assemelha-se, em alguns aspectos, e distingue-se em outros, das noções de intelectual que circulavam no período. Uma dessas noções é elaborada a partir da prática do Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE (1962-1964): o CPC produzia e organizava eventos artísticos, principalmente teatrais, que visavam motivar, predispor, criar atitudes favoráveis à participação política do povo da mais baixa camada social. Assim, mais importante do que a parte artística era o conteúdo e a forma enquanto comunicação com o público, mostrando que é intelectual quem leva a cultura às massas e quem pode politizá-las.²⁹ O CPC falava *sobre* o povo e *para* o povo, mas

²⁸ GIANNOTTI, J. A. O contexto e os intelectuais. *Argumento*, Rio de Janeiro, n.4, fev. 1974, p. 58.

²⁹ Cf. História do CPC: depoimento de Carlos Estevam Martins, in: *Arte em revista*, São Paulo: Kairós, n. 3, p. 77- 82, mar. 1980.

sempre dentro de uma perspectiva de cima para baixo, ou, como ressalta Renato Ortiz³⁰, de exterioridade. No caso dos intelectuais da *Argumento*, percebe-se também uma exterioridade ainda maior em relação à massa, como se os intelectuais fossem uma classe, entre outras. Neste sentido, afasta-se da noção de “intelectual orgânico” de Gramsci, o qual vê tal categoria vinculada aos interesses populares e deles emergindo; assim, cada grupo social tem seu intelectual.³¹ A revista trata também sobre o povo, mas se constata a intenção de não estar falando para o povo, nem mesmo de estar fazendo o povo falar, criando, por exemplo, uma performance do povo. É aos próprios intelectuais e estudantes das universidades que a *Argumento* se dirige, eis o público da publicação, pois os textos que ali circulam caracterizam-se por uma postura acadêmica e não são de fácil compreensão para pessoas leigas.

Enfim, torna-se imprescindível afirmar que a revista *Argumento* não só se contrapunha à realidade social e política, mas também ao projeto cultural do Estado. Diga-se de passagem, o Estado, para desenvolver seu projeto cultural, voltou-se para os intelectuais que se colocavam a favor do golpe militar e, como afirma Renato Ortiz, tais intelectuais eram membros de um grupo caracterizado como tradicionais³². De forma alguma representavam os interesses dos intelectuais e produtores culturais que vinham atuando antes do golpe. No mesmo sentido, Roberto Schwarz diz que:

“(...) no conjunto de seus efeitos secundários, o golpe apresentou-se como uma gigantesca volta do que a modernização havia relegado; a revanche da província, dos pequenos proprietários, dos ratos de missa, das pudibundas, dos bacharéis em lei etc. Para conceber o tamanho desta regressão, lembre-

³⁰ ORTIZ, Renato. “Da cultura desalienada à cultura popular: o CPC da UNE”. *Op. cit.* p.73.

³¹ Cf. GRAMSCI, A. “A formação dos intelectuais” in: *Os intelectuais e a organização da cultura*. 8. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p.3-23.

³² Idem. *Ibidem.* p. 91.

se que no tempo de Goulart o debate público estivera centrado em reforma agrária, imperialismo, salário mínimo ou voto do analfabeto, (...). Depois de 64 o quadro é outro. Ressurgem as velhas fórmulas rituais, anteriores ao populismo (...): a célula da nação é a família, o Brasil é altivo, nossas tradições cristãs, frases que não mais refletem realidade alguma, embora sirvam de *passepourtout* para a afetividade e de caução policial-ideológica a quem fala.”³³

Esta idéia de “regressão” está também nas reflexões de Ortiz sobre o Conselho Federal de Cultura (CFC), criado em 1966, cujo objetivo era coordenar as atividades culturais da época. O Conselho, quando considera que a cultura brasileira é plural e variada, procura enfatizar o aspecto da diversidade e retoma, de certa forma, as idéias de Gilberto Freyre (intelectual tradicional), dentre as quais o conceito de pluralidade, que encobre uma ideologia de harmonia: “diversidade significa unicamente diferenciação, o que elimina *a priori* os aspectos de antagonismos e de conflito da sociedade”.³⁴

Dessa forma, conclui-se que a revista defendia uma cultura que fizesse resistência também aos ideais culturais do Estado pelo fato de este não dar continuidade ao que estava sendo projetado antes do “golpe” e por se voltar a ideais tradicionais e conservadores.

³³ SCHWARZ, R. “Cultura e política, 1964-1969”, in: *O pai de família: e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p.71.

³⁴ Idem. Ibidem. p. 94.

Cultura erudita x indústria cultural

Ao se retomar o ensaio de Antonio Candido, “Literatura e subdesenvolvimento”, observa-se outra característica importante de *Argumento* quanto à problemática da cultura. O autor, ao considerar o analfabetismo “fato básico” do subdesenvolvimento no terreno cultural, reivindica não só a erradicação deste problema como levanta outro ainda pior, aos olhos do autor, que o do analfabetismo:

“(…) na maioria dos nossos países há grandes massas ainda fora do alcance da literatura erudita, mergulhado numa etapa folclórica de comunicação oral. Quando alfabetizadas e absorvidas pelo processo de urbanização, passam para o domínio do rádio, da televisão, da história-em-quadrinhos, constituindo a base de uma cultura de massa. Daí a alfabetização não aumentar proporcionalmente o número de leitores da literatura, como a concebemos aqui; mas atirar os alfabetizados, junto com os analfabetos, diretamente da fase folclórica para essa espécie de folclore urbano que é a cultura massificada.”³⁵

O contato com a cultura de massa acarreta, assim, conseqüências desastrosas para a cultura dos países subdesenvolvidos. A estas conseqüências o autor se refere no parágrafo seguinte:

“Este problema é, aliás, um dos mais graves nos países subdesenvolvidos, pela interferência maciça do que se poderia chamar o *know-how* cultural e dos próprios materiais já elaborados de cultura massificada, provenientes dos países desenvolvidos.

³⁵ CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. Op. cit. p.11.

Por este meio, tais países podem não apenas difundir normalmente os seus valores, mas atuar anormalmente através deles para orientar a opinião e a sensibilidade das populações subdesenvolvidas no sentido dos seus interesses políticos. É *normal*, por exemplo, que a imagem do herói de *farwest* se difunda, porque, independente dos juízos de valor, é um dos traços da cultura norte-americana incorporado à sensibilidade média do mundo.”³⁶

Em primeiro lugar, faz-se necessário, a partir destas colocações de Antonio Candido, voltar à relação entre os intelectuais e a massa. É certo, como já se verificou, que a revista não tem a pretensão de ser um veículo que chegue às massas, ou seja, que alcance todas as camadas sociais, mas, por outro lado, nota-se uma preocupação com o acesso das massas à cultura, em especial à cultura erudita. Tal questão reaparece num ensaio de Jean-Claude Bernardet sobre cinema, “Uma crise de importância”³⁷:

“Falar com um grande ou um pequeno público, o cinema veículo para grandes audiências, o intelectual que sai de seus redutos de alta cultura para se dirigir às massas; tema sempre presente nas discussões dos cineastas e retomado em recentes depoimentos por alguns dos fundadores do Cinema Novo.”³⁸

A partir de depoimentos de cineastas brasileiros como Joaquim Pedro, Glauber Rocha, Carlos Diegues, Zelito Vianna e Arnaldo Jabor, publicados no jornal *Opinião*, o autor comenta a posição dos cineastas sobre a relação cinema brasileiro versus massa. Jean-Claude

³⁶ Idem. Ibidem. p. 11.

³⁷ BERNARDET, J.C. Uma crise de importância. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 1, p.107-111, out. 1973.

³⁸ Idem. Ibidem. p. 107.

Bernardet mostra a preocupação dos cineastas, nos anos setenta, em entrar no circuito comercial (consumo de massa) e a toma como prolongamento da problemática pela qual passou o Cinema Novo nos anos 50 que, primeiramente, imaginava-se como “instrumentos de conscientização”, que podiam modificar a posição das pessoas dentro da sociedade. Devido ao fato de não ter tido o alcance esperado, passa-se a considerar que o importante era que tais filmes fossem vistos por quem os aproveitasse.

Apesar de reavivarem esta problemática, de acordo com Bernardet, os cineastas em questão entendem que, naquele momento, enfrentam uma situação nova, diferente da dos anos 50 e 60, considerando-se também que os critérios da atividade profissional já não são os mesmos. Os cineastas não vêem o cinema comercial, apesar de este ter conquistado um razoável público, como uma opção válida; querem manter-se como críticos e expõem, quase de forma consensual, que uma das saídas que facilitaria o contato com o grande público estaria em o cinema brasileiro assumir seu “caráter coletivo”, que é uma opção política.

A negação, ora do cinema comercial, ora da TV, do rádio, e das histórias-em-quadrinhos (esta última presente no artigo de Antonio Candido), revela que o contato das grandes massas dos países subdesenvolvidos com este tipo de cultura é um dos fatores que contribuem para a manutenção da situação de subdesenvolvimento. Por outro lado, o contato com a cultura dita erudita, reivindicada por Antonio Candido e que está na base das reflexões dos cineastas citados, contribuiria para a transformação desta situação.

A posição de Candido retoma as reflexões adornianas sobre a indústria cultural. A idéia, por exemplo, de que, para alguns intelectuais, as informações veiculadas pela indústria cultural são inofensivas, democráticas e produzem benefícios, é criticada por Adorno, que afirma: “essas informações são certamente pobres ou insignificantes, como prova todo estudo sociológico sobre algo tão elementar como o nível de informação política, e os conselhos que

surgem das manifestações da indústria cultural são simples futilidades, ou ainda pior; os padrões de comportamento são desavergonhadamente conformistas.”³⁹ É com a intenção de prevenir a formação de uma sociedade massificada, ou seja, com comportamentos fora da sua realidade, facilmente manipulável, dispondo de um nível pobre de informação política, que Antonio Candido se pronuncia e, de certa forma, a revista *Argumento* toma esta posição.

Para ilustrar este aspecto pode-se mostrar que o tipo de cultura com o qual a revista trabalha está muito mais para o erudito do que para uma cultura massificada. Já vimos que não se constata, na revista, artigos que tratem de música e televisão, o que nos leva a pensar que são gêneros tão utilizados pela indústria cultural que não mereceram ser discutidos na revista. Esta se restringe aos grandes gêneros, a dizer, as artes plásticas, o teatro, a literatura e o cinema. Poderíamos questionar: assim como a televisão e a música, o cinema e a literatura também são gêneros que, muitas vezes, são submetidos às condições da indústria cultural. Porém, é justamente aos produtos que não provêm da cultura de massa que a *Argumento* abre suas portas. Cite-se o artigo de Davi Arrigucci Jr. sobre a poética de Pablo Neruda (*Argumento*, n.2); o ensaio de Gilda de Mello e Souza sobre uma exposição retrospectiva do pintor Milton Dacosta (*Argumento*, n.2); a entrevista com o dramaturgo Gianfrancesco Guarnieri, autor de peças que marcaram época na história do teatro brasileiro (*Argumento*, n.1) e o ensaio elogioso sobre a adaptação ao cinema de *São Bernardo*, obra de Graciliano Ramos. Trata-se de autores e obras que já detinham reconhecimento no âmbito cultural e de nenhuma forma apresentavam os infortúnios da cultura de massa. Some-se a isso o engajamento, o comprometimento e, de certa forma, a vinculação aos ideais da esquerda política do país.

³⁹ ADORNO, T. W. “A indústria cultural”, in: COHN, Gabriel (org.) *Comunicação e indústria cultural*. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1978. p. 96.

Através do artigo “Bienal de quê? Por quê? Com quem?”⁴⁰, de Arnaldo Pedrosa d’Horta, publicado na terceira edição, pode-se, inclusive, observar certa resistência às obras de caráter “moderno”, que ousam apresentando movimentos ou fazendo algum tipo de barulho:

“Mesmo em se tratando de arte moderna, as exposições dessa natureza guardavam, até há algum tempo, o ambiente de circunspecção característico dos museus, e indispensável à análise *visual* de obras que tinham no olho o elemento fundamental. A circunstância de que se destinava à visualização sossegada e meditativa, por parte do visitante, implicava em duas coisas: que a obra devia permanecer estática e ser, ela mesma, silenciosa. Com a hibridação que aos poucos foi invadindo esse campo, passamos a ter obras móveis, transformáveis cineticamente e emissoras de ruídos, que em alguns casos chegam à mais agressiva estridência. Desapareceu, com isso, a possibilidade de recolhimento para exame de determinada peça — eis que o espectador está, no mesmo momento, sendo atacado por luzes e barulhos que o assaltam de todos os lados”⁴¹

Com estas palavras, o crítico não exprime nenhuma tentativa de compreensão ou interpretação das obras em questão, antes deixa transparecer a idéia de que não apresentam sequer uma forma propícia de apreciação e assim se distanciam das que se apresentam circunscritas aos clássicos museus ou em ambientes singulares. Isto leva a crer que estas obras, por não se apresentarem de forma apropriada para a contemplação, sequer podem ser consideradas arte,

⁴⁰ D’HORTA, A. P. Bienal de quê? Por quê? Com quem? *Argumento*, Rio de Janeiro, n.3, p.106-117, jan. 1974.

⁴¹ Idem. *Ibidem*. p. 108.

pois somente a arte imóvel e silenciosa, isto é, a tradicional e reconhecida gerariam uma “visualização sossegada e meditativa”.

O único artigo da revista cujo tema parece fugir a essa defesa do erudito, do já consagrado, é assinado por Heloísa Buarque de Holanda e Antonio Carlos de Brito, não por tratar de um produto da indústria cultural, mas por focar um tipo de produção que, no momento, não detinha tanto reconhecimento, tampouco tinha constituído um público. Trata-se da poesia marginal.

Instigados pelo grande número de poetas que utilizavam uma espécie de “circuito-semi-marginal” de edição, devido à capitalização do mercado editorial, Heloísa Buarque de Holanda e Cacaso, em “Nosso verso de pé quebrado”⁴², procuram discutir o significado, para a época, de tal movimento poético. Por não ter uma vinculação com o mercado, poder-se-ia considerar aquela produção poética como uma arte autônoma, nos termos defendidos por Adorno⁴³. Ou seja, sem uma funcionalidade, sem objetivos pré-estabelecidos, a não ser o de produzir prazer estético, portanto, uma arte desinteressada. Porém sua relação com o mercado é mais complicada: à produção poética marginal foi negada a possibilidade de entrar no mercado editorial. Ao negar esta possibilidade, o mercado editorial contribuiu para seu surgimento como marginal.

Além disso, este tipo de produção teve lugar em *Argumento* porque os críticos (no caso, Heloísa e Cacaso) que se dedicaram a analisá-la valorizaram-na por resistir ao mercado e também ao próprio contexto de autoritarismo e repressão, como se pode constatar no seguinte trecho do artigo:

“(…) neste caso, os critérios propriamente literários de avaliação passam para segundo plano, e nos defrontamos com um fenômeno que tem, sobretudo,

⁴² HOLANDA, H. B.; CACASO. Nosso verso de pé quebrado. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 81-95, jan. 1974.

⁴³ Cf. ADORNO, T. W. *Teoria estética-arte e comunicação*. Martins Fontes: São Paulo, 1982.

valor de atitude. Neste caso, estar fazendo poesia é mais importante do que o produto final. Esta atitude ambígua consolida, no plano ideológico, a necessidade vital de retomar a criação, de não se deixar paralisar pelos esquemas paralisantes, de resistir. Forma de preservação de individualidade, essa poesia dispersa é muito mais uma busca de reconhecimento e identidade, maneira precária de dizer que estamos vivos, do que um acontecimento literário.⁴⁴

Pode-se afirmar que a questão da defesa de uma cultura de resistência em *Argumento* é tão importante quanto à defesa do erudito, sem que, necessariamente, a cultura tenha que apresentar os dois aspectos simultaneamente.⁴⁵

⁴⁴ HOLLANDA, H. B.; CACASO. Op. cit. p. 82-83.

⁴⁵ Quanto a esta problemática da cultura de massa, o governo militar posicionou-se da seguinte forma: com o propósito de incentivar a cultura brasileira, os militares proporcionaram a implantação da infra-estrutura tecnológica do sistema de telecomunicações, infra-estrutura esta explorada pela empresa privada. Porém, Renato Ortiz, ao destacar a oposição cultura e técnica no discurso do Conselho Federal de Cultura, que, segundo o autor, se reproduz através da categoria do “humanismo”, mostra que o Conselho defende a cultura popular, vista aqui no sentido de folclore, (que no caso representaria a cultura) em detrimento da cultura de massa (que representaria a técnica). A contradição exposta aqui, ou seja, o fato de o Estado, disseminador do capitalismo, absorver um discurso que se contrapõe à modernização explica, segundo Ortiz, o porquê da incapacidade dos intelectuais tradicionais de elaborarem um plano nacional de cultura, fazendo com que o Estado se volte para outro tipo de intelectual, os administradores. Enquanto *Argumento* põe em cheque a cultura de massa em relação à cultura erudita, o CFC se preocupa com a cultura de massa em relação à cultura popular, folclórica, o que vem ao encontro da política de turismo implantada e que, sobretudo no Nordeste, causava uma mercantilização da cultura popular. Por outro lado, como a crítica à cultura de massa não se adequava aos ideais de modernização do governo, preferiu-se romper com os intelectuais em questão e dar lugar a cultura massificada.

Literatura e crítica

Verificou-se que *Argumento* traz à tona as diferenças sociais do Brasil da época e marca, com isso, a posição de ser um meio esclarecedor de denúncia dos problemas sociais e de resistência ao regime então imposto, configurando-se uma publicação contra a ditadura, à esquerda do pensamento político e cultural instituído voltado para ideais conservadores. A literatura na revista também não ficou fora deste posicionamento, já que era tomada como parte formadora da totalidade da cultura pensada pelo periódico. A crítica literária tinha também uma postura particular coerente com os objetivos e com o posicionamento da revista e, por isso, torna-se uma importante questão a ser refletida dentro do projeto cultural que está se tentando delinear.

O informe⁴⁶ sobre o relançamento da revista *Boletim de Ariel*, publicado na quarta edição, remete a uma polêmica localizada na crítica literária brasileira, a qual tem como protagonistas Antonio Candido e Afrânio Coutinho. O autor do informe, Paulo Emílio Salles Gomes, comenta ironicamente que, por ser organizada por Afrânio Coutinho e conter, no segundo número, uma predominância de artigos do próprio organizador, a revista – *Boletim de Ariel* –, então relançada, poderia receber uma “melhor” denominação: *Boletim de Afrânio Coutinho*, e sustenta que Afrânio continua, naquelas páginas, a explicar a “nova crítica”.

Antonio Candido e outros colaboradores da área literária em *Argumento*, como Roberto Schwarz, Davi Arrigucci e João Luiz Lafetá, “discípulos” de Candido, primam por um tipo de análise do literário que considera os elementos extratextuais, procurando estabelecer as relações entre a literatura e a sociedade, trabalhando com uma leitura dialética. Por isso esta crítica passou a ser conhecida por “crítica dialética” ou “sociológica”.

Esta perspectiva de crítica já havia sido tratada, de certa forma, em outras grandes obras de Antonio Candido: *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, preparada e redigida entre os anos de 1945 e 1951 e publicada em 1959; e *Literatura e sociedade*, publicada em 1965. Em *Formação da literatura brasileira*, o autor aponta para o uso de um método que considere o histórico e o estético ao mesmo tempo, enfatizando a importância dos fenômenos históricos/sociais na construção do literário.⁴⁷ Mas os fatos histórico-sociais, nas análises de Candido, não são focalizados como fatores “de fora”, e sim são surpreendidos no literário, ou seja, o social, segundo o autor, habita o literário, está na constituição da estrutura deste e, portanto, é também interno.

Em *Literatura e sociedade*, mais precisamente, no primeiro e segundo capítulos, o autor vai refletir mais detidamente sobre a relação do social com o literário, procurando discernir sociologia da literatura de crítica literária. A este propósito, Antonio Candido afirma:

“Quando fazemos uma análise deste tipo [crítica literária], podemos dizer que levamos em conta o elemento social, não exteriormente, como referência que permite identificar, na matéria do livro, a expressão de uma certa época ou de uma sociedade determinada; nem como enquadramento, que permite situá-lo historicamente; mas como fator da própria construção artística, estudado no nível explicativo e não ilustrativo.”⁴⁸

Assim, Candido não descarta o aspecto estético da obra, apesar de negar as análises centradas apenas nas questões estéticas, o “esteticismo mal compreendido”, como o próprio autor nomeia. Considera o aspecto estético a partir de sua relação dialética com os

⁴⁶ *Argumento*, Rio de Janeiro, n.4, fev. 1974, p.159.

⁴⁷ CANDIDO, A. “Prefácio da 2ª edição”, in: *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 8. ed. Belo Horizonte; Rio de Janeiro: Itatiaia, 1997. p.16.

⁴⁸ “Crítica e sociologia”, in: *Literatura e sociedade*. Op. cit. p.7.

outros fatores. Conforme o autor, “nada impede que cada crítico ressalte o elemento da sua preferência, desde que o utilize como componente da estruturação da obra.”⁴⁹

Este esteticismo, condenado por Candido, tinha como principal expoente no Brasil outro crítico renomado: Afrânio Coutinho. Desse modo, enquanto Candido publicava na *Argumento* em 1973 seu ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”, no qual põe em prática sua perspectiva crítica, Afrânio Coutinho publicava “A literatura como fator de nacionalização brasileira” em *Tempo Brasileiro*, um periódico que, apesar de indicar em seu editorial sua função de “pensar a realidade brasileira”⁵⁰, descartava de suas reflexões os problemas sociais presentes nesta realidade.

Tais publicações marcam a continuação de uma polêmica que vem se delineando desde os anos 50. Foi nesta década que Afrânio Coutinho escreveu também sua história da literatura - *A literatura no Brasil* -, atacando a crítica histórica e defendendo certa autonomia do literário, do intrínseco. Para o autor, a literatura é uma arte e a história literária é a história dessa arte e não da cultura, posição esta que tem base nos estudos do *New criticism* norte-americano: “o conceito dominante do livro é literário, isto é, encara a literatura como literatura, reduzindo-se por isso aos gêneros propriamente literários”⁵¹, afirma o autor. É neste sentido que, no ensaio publicado na revista *Tempo Brasileiro*, Afrânio Coutinho procura comprovar que a nacionalização é uma constante na evolução do pensamento brasileiro. Sustenta que:

“A autonomia literária não deve ser colocada em termos políticos, não tem conteúdo e significado político, nem deve ser identificada com a independência política. Os dois processos podem coexistir, ser paralelos, porém um não depende do

⁴⁹ Idem. Ibidem. p. 7.

⁵⁰ COUTINHO, A. A literatura como fator de nacionalização brasileira. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 1, set. 1962.

⁵¹ COUTINHO, A. “Prefácio da segunda edição (1968)”, in: *A literatura no Brasil*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, UFF, 1986, p.62.

outro, porquanto ambos se realizam a partir da consolidação da consciência do povo como povo. A nacionalidade objetiva-se de igual maneira, quer sob a forma política, quer pela diferenciação da linguagem, quer pela poesia e ficção, tradições populares e demais formas de vida.”⁵²

Afrânio Coutinho não toma a ocorrência dos fatos de forma dialética, ou seja, um interagindo sobre o outro, prefere tratar da concretização da autonomia literária nacional de forma isolada e relegar este acontecimento ao “desenvolvimento da auto-consciência do gênio literário brasileiro”, ou melhor, ao amadurecimento das formas e artifícios literários que permitem uma nova “perspectiva estética”, ou uma “visão estética” de uma nova realidade. Leva em consideração o social, mas não o analisa, como Candido, de modo a apresentá-lo como um fator estruturante da obra literária.

Enfim, a presença da “crítica sociológica” de Antonio Candido em *Argumento* é coerente não só com a posição política que a revista assume (de se ter consciência da realidade em que se vive), como com suas maiores preocupações (a de se opor à ditadura militar e à situação de subdesenvolvimento do continente), pois nas análises literárias presentes no periódico são ressaltados os aspectos sociais que, ou dizem respeito à própria época de publicação da revista, como em “Literatura e subdesenvolvimento”, ou se referem a outras épocas, mas que servem de alegoria para o momento político e cultural do início dos anos 70, como em “Estética e ideologia: o modernismo em 1930”, já mencionado.

Para finalizar este capítulo, faz-se necessário dizer ainda que a cultura em *Argumento* tem como especificidades a questão do subdesenvolvimento e da dependência; é marcada pelo modo com que se relaciona com os países desenvolvidos (Europa e EUA); expressa

⁵² COUTINHO, A. A literatura como fator de nacionalização brasileira. *Tempo Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 33/34, 1973, p. 39.

resistência não só ao regime autoritário instalado no Brasil, mas a todo um sistema imperialista que mantinha a situação de subdesenvolvimento e dependência do Brasil e da América Latina; neste sentido, ainda, nega a indústria cultural proveniente destes países imperialistas, que, através da disseminação de sua cultura pelos meios de comunicação de massa, impunham valores e afetavam o comportamento de quem tinha acesso a esses meios, favorecendo, desse modo, a formação de um povo despolitizado.

Todas estas especificidades dão o contorno de um projeto de cultura que a publicação veicula. Porém, há ainda um outro componente neste projeto que, devido à sua importância e amplitude, merece um capítulo à parte: trata-se da abertura do periódico à América Latina. Seja discutindo temas políticos, econômicos e culturais concernentes a esta região, seja publicando ensaios de intelectuais hispano-americanos, a revista abre espaço a uma discussão que se integra ao seu projeto de forma coerente e que, como se verá, reforça ainda mais sua postura de resistência.

Presença da América Latina

Para iniciar este capítulo, retomaremos uma das propostas da revista *Argumento*, presente no editorial do primeiro número, a de ser “um ponto de encontro com o pensamento de outras terras, notadamente as do continente”. À proposta une-se um depoimento de Antonio Candido que, alguns anos depois do encerramento do periódico, afirmou a existência do propósito de tornar a revista uma “publicação de cunho e âmbito latino-americanos”.¹ Desta forma, é interessante perceber, primeiramente, como se constata no periódico a realização desta proposta, observando, por exemplo, os textos e o enfoque dado às questões sobre a América Latina.

Nota-se que a revista apresenta artigos que tratam de questões concernentes à América Latina, referindo-se a esta como aglutinadora de todos os países latino-americanos, ou seja, não apresenta exclusões devido, por exemplo, à diferenciação da língua. Os ensaios “Literatura e subdesenvolvimento”, de Antonio Candido, e “Um processo autonômico: das literaturas nacionais a literatura latino-americana”, de Ángel Rama, são exemplos de textos sobre literatura que demonstram este tratamento. Há outros artigos que tratam especificamente de determinados países hispano-americanos, ou melhor, de um só país, não se referindo à América Latina em seu conjunto. Mesmo pertencendo à América Latina, opta-se por tratar das questões de determinados países isoladamente. Sob este aspecto se apresentam, principalmente, artigos de cunho político que analisam a situação política/social de um país, nos quais se enquadram, por exemplo, o texto de Roberto Cortês Conde, “Argentina: chaves para

¹ CANDIDO, A. “Uma visão latino-americana”, in: CHIAPPINI, L.; AGUIAR, F. (Orgs.) *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993. p. 263.

decifrar um enigma”, e o de Fernando Henrique Cardoso, “Chile, um caminho possível”. Mesmo quando se refere à América Latina tratando apenas dos países hispano-americanos (ou seja, os de língua espanhola), observa-se que se procura justificar a suposta exclusão. É o caso do ensaio de Marta Traba, “XII Bienal: lista sumária de sobreviventes”. A autora objetiva fazer uma leitura da posição que coube aos artistas latino-americanos na Bienal de 1973, porém vai tratar especialmente dos hispanos, ainda que justifique, no fim do artigo, seu enfoque:

“Não mencionei o Brasil: não o estou excluindo da América Latina, naturalmente, senão apartando do panorama geral da Bienal. Seja pelas homenagens a seus artistas nacionais, seja pela ampla convocação dos atuais artistas brasileiros, domina numericamente a Bienal. (...) Mas falar do Brasil seria outro tema, obrigatoriamente vasto e complexo: só quis fazer uma lista sumária de sobreviventes e me atenho a esse propósito.”

Portanto, pode-se afirmar que a revista prima por apresentar a América Latina como um bloco uno, integrada, porém falta constatar a partir de que bases *Argumento* pensa a integração. Antes, porém, de verificar quais são estas bases, explorar-se-á o conteúdo de alguns artigos que têm como assunto a América Latina.²

² É importante esclarecer que durante a indexação dos artigos da revista a palavra-chave América Latina foi utilizada justamente para estes artigos que a tratam como um conjunto de países e também aos que tomam um país hispano-americano como assunto principal. Os artigos que tratam do Brasil, mesmo entendendo que este faz parte da América Latina, não receberam esta expressão como palavra-chave, pois a *Argumento* é uma publicação brasileira que pretende estar dialogando com os outros países do continente e também analisando a situação destes países, e que, portanto, às vezes, trata da América Latina como um conjunto e, outra vez, trata de um país específico, concretizando seu objetivo de ser “um ponto de encontro com o pensamento de outras terras, notadamente as do continente.” Dessa forma, no conjunto das palavras-chave extraídas dos artigos da revista, América Latina aparece entre as seis mais freqüentes.

Dentre os ensaios e informes que tratam da América Latina como um conjunto e dos que tratam de determinados países latino-americanos, descartando, por ora, os que tratam do Brasil, constata-se que os assuntos mais freqüentes eram política e literatura: cinco artigos sobre o primeiro e seis sobre o segundo.

Com relação à política, os ensaios, de modo geral, visam analisar a situação da América Latina naquele momento. De acordo com os artigos sobre países hispano-americanos como a Argentina, o Chile e a Venezuela, o momento é marcado por uma preocupação em manter ou instaurar um regime democrático. Em “Chile: um caminho possível”³, Fernando Henrique Cardoso faz um balanço das forças políticas chilenas (partidos, sindicatos, Igreja) e mostra os impasses e as possibilidades⁴ de se compatibilizar o pluralismo político com a construção de uma nova ordem social, ou seja, com a implantação do socialismo. E mesmo dois meses antes⁵ de seu trágico desfecho, levanta a hipótese de um golpe militar contra Salvador Allende. Já a Argentina, conforme o ensaio de Roberto Cortés Conde, “Argentina: chaves para decifrar um enigma”⁶, se encontrava ciosa de suas conquistas, como a de manter o índice de analfabetismo mais baixo da América Latina. Porém, ao mesmo tempo, mantinha-se num impasse entre a estabilidade política, na qual a classe operária estava mais interessada, e uma investida revolucionária. A Venezuela, a caminho das eleições gerais, informa o artigo de Norman Gall - “Carnaval em Caracas”⁷-, discutia sua dependência econômica do petróleo e, já ciente da queda de Allende no Chile, preocupava-se em preservar “uma das poucas

³ CARDOSO, F. H. Chile: um caminho possível. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 1, p. 95-103, out. 1973.

⁴ A possibilidade sugerida por Fernando Henrique Cardoso seria a de fazer um “isolamento da “direita freista” dentro da DC [Democracia Cristã], e a incorporação da base de massas democrata cristã e das cúpulas favoráveis à *entente* [acordo], a um programa de ação política comum”, ou seja, dividir a direita para assegurar a hegemonia das forças de esquerda.

⁵ Destaca-se que o ensaio de Fernando Henrique Cardoso foi escrito no mês de agosto de 1973.

⁶ CONDE, R. C. Argentina: chaves para decifrar um enigma. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 100-107, fev. 1974.

democracias constitucionais restantes da América Latina”. Por fim, o contexto brasileiro, que na mesma época apresentava como marca a ditadura instaurada pelo regime militar, une-se à efervescente agitação política da maioria dos países da América Latina.

Ao preocupar-se com a situação latino-americana, a *Argumento* não quer apenas garantir a presença desta discussão em suas páginas, mas principalmente visa reforçar sua posição a favor da democracia e da superação do subdesenvolvimento e contrária à irracionalidade das forças ditatoriais ou de direita, retomando, desta forma, a leitura feita de seu *slogan* - “Contra fato, há argumento”. Como já ficou indicado no segundo capítulo, mesmo quando trata da literatura latino-americana, a revista não descarta seu posicionamento, antes reafirma-o.

Sobre a literatura hispano-americana, a revista publicou os seguintes ensaios: “Contorno da poética de Pablo Neruda”, de Davi Arrigucci Jr.; “Um processo autonômico: das literaturas nacionais a literatura latino-americana”, de Ángel Rama; e o já comentado aqui, “Literatura e subdesenvolvimento”, de Antonio Candido. Além destes, referentes à literatura, destaca-se a presença do ensaio, também mencionado, de Marta Traba, “XIIª Bienal: lista sumária de sobreviventes”, que tematiza as artes plásticas latino-americanas. Tais artigos, por sua importância, serão explorados visando responder algumas hipóteses e questionamentos, como a pergunta feita anteriormente sobre qual seria a base de que parte *Argumento* para pensar a integração latino-americana, ou ainda, se a presença da discussão sobre a América Latina retoma as especificidades da concepção de cultura da revista, tornando a integração também como um meio de resistência.

⁷ GALL, N. Carnaval em Caracas. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 4, p. 108-117, fev. 1974.

O que é a América Latina?

Os ensaios “Um processo autonômico: das literaturas nacionais à literatura latino-americana” e “Literatura e subdesenvolvimento”, além de serem escritos por dois renomados críticos do continente, enfocam questões que dizem respeito a toda a América Latina, referindo-se sempre a esta totalidade e não tratando exclusivamente de determinado país, como a maioria dos artigos sobre política. Porém se diferenciam entre si por visarem propósitos distintos: o primeiro, de Ángel Rama, faz uma crítica à historiografia literária latino-americana, já o segundo, de Candido, propõe uma análise da literatura da América Latina a partir de seu elemento social mais característico, o subdesenvolvimento. São importantes ensaios que fornecem informações sobre o entendimento, na perspectiva da revista, do que é a América Latina e do que considera “pensamento de integração”.

Antonio Candido analisa a produção literária da América Latina partindo, como se viu, de seu elemento cultural e social mais característico: a dependência e, conseqüentemente, o subdesenvolvimento. Estes seriam os traços definidores do que é a América Latina, para o autor. Mas sua própria forma de se referir ao continente implica também uma definição, ou seja, ao chamar o continente de América Latina está designando que, devido a alguns elementos característicos presentes nesta região, que, no caso, é o estado de dependência e subdesenvolvimento, pode-se tomar este conjunto de países como uma unidade, integrados.

A posição de Candido com relação à integração da América Latina é ainda observada em seu ensaio, num elogio a um livro de García Calderón: “um livro muito útil em seu tempo, como tentativa de visão integrada dos países latino-americanos”.⁸

⁸ CANDIDO, A. Literatura e subdesenvolvimento. Op. cit. p. 15.

Por sua vez, o crítico uruguaio Ángel Rama que, afirmou Candido, tinha a “convicção de que o intelectual latino-americano deveria assumir como tarefa prioritária o conhecimento, o contato, o intercâmbio em relação aos países da América Latina”⁹, trouxe uma importante contribuição para a discussão sobre a América Latina em *Argumento*. O ensaio “Um processo autonômico: das literaturas nacionais à literatura latino-americana”¹⁰ parece ter sido a primeira contribuição do autor em um periódico brasileiro.

Ángel Rama trabalha também na perspectiva de uma determinada unidade. Em seu artigo, Rama constata a ausência, na historiografia literária latino-americana, de uma obra unificadora da produção literária; paralelamente, discute a partir de que base se pode pensar esta unificação e qual seria o termo mais adequado para designar esta região.

Para Rama e, da mesma forma, para César Fernández Moreno, que na mesma época, na introdução ao livro *América Latina em sua literatura*¹¹, reflete também sobre as várias designações que recebeu o continente, mostrando seus problemas, chamar esta região de América Latina é expressar uma unidade. Já os termos “Ibero-américa” ou “Hispano-américa” não seriam apropriados, pois o primeiro excluiria os descendentes da colonização francesa, como o Haiti, e o segundo se reduziria apenas aos países de língua espanhola. O termo América Latina também envolve exclusões: a palavra “Latina”, nesse conceito, implica, como sublinhou Moreno¹², considerar somente a influência dos colonizadores do continente, o que leva a descartar a presença não-latina do africano e dos indígenas que também povoaram esta região. Para Rama:

⁹ CANDIDO, A. “Uma visão latino-americana”, in: CHIAPPINI, L.; AGUIAR, F. (Orgs.) *Literatura e história na América Latina*. Op. cit. p. 263.

¹⁰ RAMA, A. Um processo autonômico: das literaturas nacionais a literatura latino-americana. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 36-49, jan. 1974.

¹¹ MORENO, C. F. *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979. Vale destacar que a primeira edição em espanhol é de 1972 e convém repetir que o artigo de Antonio Candido - Literatura e subdesenvolvimento - foi escrito para integrar esta série de estudos da UNESCO dirigida por César Fernández Moreno.

¹² MORENO, C. F. *América Latina em sua literatura*. Op. Cit. p. XV-XVIII.

“A formulação mais correta, que seria ‘literatura americana’, tornar-se-ia confusa, como seria também a nossa utilização do termo ‘latino-americano’, se não assinalássemos, com a máxima clareza, que dentro dele estão contidas também culturas e literaturas que não pertencem à romanidade, que não são meros resíduos pré-históricos ou coloniais, mas potencialidades em ação.”¹³

A opção por América Latina, para estes críticos, ocorre devido à grande aceitação e disseminação que a expressão obteve, tornando-se comum em toda parte e em vários âmbitos.

Mas, ao projetar uma historiografia literária latino-americana unificadora da produção literária do continente, Ángel Rama definia ou estabelecia critérios para o que se poderia considerar latino-americano. Um importante aspecto que levou à formação dos critérios foi a compreensão do campo cultural como base unificadora. Esta compreensão ou, como chama Rama, “solução crítica”, é atribuída, pelo crítico, a Pedro Henríquez Ureña¹⁴, que foi quem conseguiu a primeira integração das literaturas de língua espanhola e portuguesa numa obra. Para Ureña:

“Só seria possível reintegrar num mesmo discurso duas línguas em função literária, na medida em que se pudesse estabelecer uma correlação cultural, que abre de imediato a porta para correlações infraestruturais, onde se nutrem, como linhas culturais paralelas, a literatura, as artes plásticas, a arquitetura, a música, etc.”¹⁵

¹³ RAMA, A. Um processo autonômico: das literaturas nacionais a literatura latino-americana. Op. cit. p. 49.

¹⁴ Pedro Henríquez Ureña (1884-1946), professor e crítico literário, nasceu na República Dominicana e viveu cerca dos últimos vinte anos de sua vida na Argentina.

¹⁵ RAMA, A. Um processo autonômico (...) Op. cit. p.42.

A partir de então, Rama expõe três traços definidores do comportamento cultural desta região que irão servir de justificativa para a integração projetada por ele e que, de certa forma, servem também como compreensão do que Rama entende por América Latina, ou pela cultura latino-americana. Os três traços seriam: “ampliação lógica do princípio de correlação cultural”, isto é, uma identidade comum enformada pela herança românica; “forma de apropriação das culturas estrangeiras (românicas ou não), própria de um continente dotado de estrutura econômica dependente” e “a estrutura cultural da América Latina tanto no que se refere ao seu mestiçamento (...), quanto à peculiar estratificação social do continente ao longo dos séculos (...)”.¹⁶ Assim se constitui, portanto, a base do projeto de integração visado por Rama.

Observa-se que, em *Argumento*, a integração se dá também devido a estes critérios, mas especialmente pelo aspecto básico desta integração, a cultura. É a partir da cultura, haja vista ser uma publicação cultural, que a revista vai tratar da América Latina e essa cultura constitui-se, já se apontou, como cultura de resistência, que se opõe à situação de subdesenvolvimento e à falta de consciência, à cultura alienada e massificada e à irracionalidade de algumas formas de poder.

¹⁶ Idem. Ibidem. p.46 e 47.

Correlações críticas

Além desta defesa comum de uma integração latino-americana presente nos artigos de Ángel Rama e Antonio Candido, ficam evidentes ainda outras semelhanças entre as perspectivas de crítica dos dois intelectuais.

A primeira correlação crítica refere-se à categoria de “sistema literário”. Há uma absorção das idéias de “sistema literário” e “manifestações literárias” da teoria crítica de Antonio Candido na análise que Rama faz em seu artigo publicado na *Argumento*. No segundo parágrafo deste ensaio, Rama afirma:

“Para esboçar a estrutura do sistema literário latino-americano, não se deve partir dos temas, tipos humanos, ou ambientes telúricos, nos quais, obedecendo-se aos esquemas tainianos sobre o meio, a raça e o momento, se procurou a originalidade do continente (...); deve-se partir dessas peculiaridades aparentemente contraditórias do funcionamento cultural e, concretamente, de suas manifestações literárias.”¹⁷

O que evidentemente deseja Rama é chegar à literatura latino-americana, no que realmente constitui esta literatura e, para tanto, aponta alguns aspectos a partir do qual se deve partir, diferenciando, como Candido na *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, “manifestações literárias” de literatura propriamente dita. Através do conceito de sistema explicado pelas palavras de Ángel Rama, fica ainda mais evidente a absorção:

¹⁷ Idem. Ibidem. p.37.

“No basta que haya obras literarias buenas e exitosas para que exista una literatura. Para alcanzar tal denominación, las distintas obras literarias y los movimientos estéticos deben responder a una estructura interior armónica, con continuidad creadora, con afán de futuro, con vida real que responda a una necesidad de la sociedad en que funcionan.”¹⁸

Cabe ainda destacar que Rama trabalha com esta noção de sistema pensando na América Latina, da qual o Brasil é parte integrante, enquanto Candido, na *Formação da literatura brasileira*, se detinha na literatura de seu país.

Outra correlação crítica entre os dois intelectuais que o ensaio “Um processo autonômico...” aponta, refere-se ao modo como pensam a questão da apropriação das culturas estrangeiras pelos escritores latino-americanos. Além de considerarem este um elemento que identifica a produção cultural da América Latina, os críticos tomam uma posição de valor em relação a esta questão.

Vimos, no segundo capítulo deste trabalho, que Antonio Candido, em “Literatura e subdesenvolvimento”, mostra que, na fase da “consciência catastrófica do atraso”, a questão da dependência aparece mais atenuada, isto é, não há mais dependência e sim interdependência, ou seja, não se vê mais a cultura latino-americana numa posição diminuída, marcada pela cópia servil e supervalorizando o que está fora do âmbito nacional. De forma contrária, começa-se a pensar que a América Latina é parte integrante de um universo maior e se depende ou sofre influências de outros países, pode também influir sobre estes.

Neste mesmo sentido, Ángel Rama, em seu ensaio, afirma que se pode encontrar em todas as áreas culturais do continente latino-

¹⁸ RAMA, Á. apud PIZARRO, A. “Ángel Rama: a lição intelectual latino-americana”, in: CHIAPPINI, L.; AGUIAR, F. W. (Orgs.) *Literatura e história na América Latina*. Op. cit.

americano um comportamento de atração e repulsa em relação à cultura dos centros civilizadores externos. Inclusive, para exemplificar este dilema, o autor apresenta sinteticamente o modo como alguns escritores latino-americanos o expressaram.¹⁹ Além disso, afirma que tal questão “contribuiu para fundamentar teoricamente correntes europeístas tão poderosas quanto às representadas por Sarmiento ou Rúbén Darío, movimentos indigenistas, ou negristas, ou mesmo africanistas, semelhantes aos que irromperam no século XX nas Antilhas, no México ou no Peru, com uma vasta produção literária”.²⁰

Tais considerações e ainda o ideal de integração defendido por Rama levam ao entendimento da valorização do continente em relação aos países desenvolvidos. Este aspecto é amplamente desenvolvido pelo crítico, anos depois da publicação de *Argumento*. Em sua obra *Transculturación narrativa en América Latina*, mais especificamente, o conceito de “transculturación” traduz seu entendimento desta relação entre a cultura da América Latina e as nações desenvolvidas.

O conceito de transculturación foi proposto em 1940, segundo Rama, pelo antropólogo Fernando Ortiz, em substituição ao de aculturação. Diferentemente deste último, que designa o domínio de

¹⁹ RAMA, A. Um processo autonômico (...) Op. cit. p.47.

²⁰ Idem. Ibidem. p.47. Uma outra leitura desta questão, forjada nesta mesma época da publicação de *Argumento* e que, em certos aspectos, se distingue da perspectiva de Candido e Rama sobre a representação da América Latina no cenário mundial, é a de Silviano Santiago. Ao contrário do binarismo que se anuncia através das categorias e da perspectiva de crítica utilizada pelos críticos citados até então, como influenciar e ser influenciada, ser dependente ou interdependente, Silviano Santiago lança uma categoria que, ao invés de binária, é ambivalente: o “entre-lugar”. Ao explicar tal conceito, Silviano Santiago não nega a situação de dependência dos escritores latino-americanos, porém a vê de outra perspectiva. Opõe-se à crítica literária que procura somente descobrir as influências das obras e propõe buscar nestas as diferenças que possuem em relação ao modelo original. Afinal, para o crítico, o escritor reescreve, cria a partir de outros textos, não apenas reproduz, modo este que se aproxima do conceito de “transculturación” utilizado por Ángel Rama, mas que para Santiago significa um “entre-lugar”. Ou seja, o discurso literário latino-americano está entre a “assimilação do modelo original e a necessidade de produzir um novo texto que afronte o primeiro e muitas vezes o negue”. O “entre”, uma posição ambivalente, indeterminada, que na aparência é um nada, um é e não é, constitui o lugar onde se encontra a literatura latino-americana, e Silviano Santiago, baseando-se na valorização dos bárbaros de Montaigne, que está também na base do discurso modernista, aponta para a riqueza deste lugar e para sua importância no âmbito da literatura ocidental.

uma cultura sobre outra, o termo transculturação afirma a perda ou desraizamento de uma cultura precedente, e, ao mesmo tempo, a criação de novos fenômenos culturais. Para Rama, esta concepção,

“Revela resistencia a considerar la cultura propia, tradicional, que recibe el impacto externo que habrá de modificarla, como una entidad meramente pasiva o incluso inferior, destinada a las mayores pérdidas, sin ninguna clase de respuesta creadora.”²¹

A cultura latino-americana reage às influências e pressões externas, gerando como resposta novas criações culturais e marcando, com isso, sua própria identidade, característica também evidenciada na concepção de “consciência catastrófica do atraso” utilizada por Antonio Candido: na fase da “consciência catastrófica do atraso”, que corresponde à idéia de país subdesenvolvido, o escritor assume uma postura de resistência à submissão econômica e política das grandes potências mundiais imperialistas e expressa o desejo de superação do subdesenvolvimento através de obras literárias, que não são mais o reflexo das européias e sim recriações a partir de exemplos nacionais. Ángel Rama e Antonio Candido, ou, poderíamos dizer, a revista *Argumento* coloca a cultura desta região lado a lado com as culturas dos países centrais.

O artigo da argentina Marta Traba, “XII^a Bienal: lista sumária de sobreviventes”²², já mencionado neste trabalho, também reivindica uma posição mais justa para a cultura latino-americana no cenário mundial. Antes de se tratar desta questão é importante afirmar que tal artigo dialoga com outro publicado em um número anterior da revista, também já observado anteriormente nesta dissertação, “Bienal

²¹ RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: SigloVeintiuno, 1985. p. 33. A primeira edição desta obra é de 1982.

²² TRABA, M. XII^a Bienal: lista sumária de sobreviventes. Op.cit.

de quê? Por quê? Com quem?”, de Arnaldo Pedroso d’Horta.²³ Estes textos fazem uma avaliação da XIIª Bienal de São Paulo de 1973 e têm como conclusão comum a posição de que as bienais deveriam desaparecer. A justificativa para tal posição é, tanto para Arnaldo Pedroso d’Horta como para Marta Traba, sobretudo a falta de critério, a falta de programação e objetivos e a má organização. Mas Marta Traba se detém também em outra questão ainda mais importante para a discussão sobre a América Latina: “a posição inglória que coube aos artistas latino-americanos” no evento.

Ao analisar a disposição física na qual foram distribuídas as obras de arte, Traba chega à mesma leitura que se faz dos países subdesenvolvidos em relação aos desenvolvidos:

“Ricos contra pobres, a primeira colisão da Bienal reproduz exatamente o desenvolvimento *versus* subdesenvolvimento, a tecnologia contra o artesanato, o computador frente à mitologia, a neutralidade da “aldeia global” frente à carga de sentido da região universal. Mas estas oposições não se apresentam, desgraçadamente, como tensões nem situações dialéticas internas da Bienal, mas como puras hierarquias admitidas, como uma luta de classes primária e inconsistente, a ponto de se tornar vergonhosa.”²⁴

Os latino-americanos marcavam apenas uma posição simbólica, pois os realmente visados eram os estrangeiros, japoneses, espanhóis e franceses. Desse modo, segundo a autora, a intenção das obras de arte dos artistas latino-americanos, que deveria ser ofensiva, pois “se move entre claras coordenadas de denúncia, enfrentamento de

²³ D’HORTA, A. P. Bienal de quê? Por quê? Com quem? Op. cit.

²⁴ TRABA, M. XIIª Bienal: lista sumária de sobreviventes. Op.cit. p. 138.

situações estéticas dominantes, revalorização da linguagem, (...) que é a razão de ser atual da arte continental — naufraga na bienal”.²⁵

Fica clara a posição da autora em defesa da arte latino-americana, que se mostra tão criativa quanto às outras, mas que, devido ao entendimento que sempre se teve desta região como inferior aos países desenvolvidos, fica, mesmo em sua própria casa, sujeita ao esquecimento e a uma categoria pejorativa. Por outro lado, fica evidente também nas artes a posição de denúncia, como afirmou Traba, em relação à situação econômica, política e cultural da América Latina.

Faltou tratar do artigo de Davi Arrigucci Jr., “Contorno da poética de Pablo Neruda”, que se relaciona claramente com o que se vem tratando em relação à América Latina, mas que, especialmente, retoma uma das especificidades da cultura na revista: a questão da cultura de resistência. Ao analisar a poética de Neruda, o crítico mostra que ela está voltada também para as questões políticas e sociais: “Assim, com a tomada de consciência política, que, em Neruda, parece ser o reflexo direto da guerra civil espanhola de 36, a sua poética, de veio romântico e de base irracional, se faz também uma poética política, empenhada em mudanças sociais”.²⁶ E, trazendo novamente o tema da “tomada de consciência”, mantém a coerência da publicação, principalmente quanto ao propósito de ser um meio de esclarecimento, um “esforço de lucidez” ou de lutar por uma cultura desalienada.

Termina-se esta parte enfatizando a importante contribuição de Ángel Rama à revista *Argumento* através de uma citação de Jacques Leenhardt²⁷, que homenageia o crítico, resume sua posição intelectual e, ao mesmo tempo, relaciona seu projeto ao ideal da revista de procurar, por via racional, argumentativa, mostrar a possibilidade de um outro futuro para a América Latina:

²⁵ Idem. Ibidem. p.139.

²⁶ ARRIGUCCI JR. Contorno da poética de Pablo Neruda. *Argumento*, Rio de Janeiro, n° 2. p. 117.

²⁷ Jacques Leenhardt é professor da *École des Hautes Études*, em Paris.

“(...) Ángel Rama foi um pensador modernista, um ativista de vanguarda, capaz de colocar toda a sua sensibilidade a serviço de um projeto que ele confiava ao poder comunicativo da forma crítica. A confiança que depositava na palavra parece-me eminentemente ligada a essa característica comunicativa. Ángel Rama era um homem do discurso e da palavra, sendo o discurso a organização racional dos pensamentos, e a palavra a vontade de convencer e de dialogar com aqueles que ainda não compartilhavam de sua convicção. O próprio nível escolhido para sua intervenção demonstra bem que a cultura era a etapa necessária e central para a realização do projeto de constituição da América Latina, seja essa cultura considerada como educação ou como realização artística no cinema, na literatura ou na música — todas elas formas culturais através de que, a seus olhos, se dava a própria possibilidade, para a América Latina, de forjar-se um destino para além do subdesenvolvimento e da exploração à qual ela está, ainda hoje, condenada.”²⁸

²⁸ LEENHARDT, J. “Ángel Rama, um crítico latino-americano”, in: CHIAPPINI, L. & AGUIAR, F. (Orgs.) *Literatura e história na América Latina*. Op. cit. p. 262.

Integração como resistência

Ángel Rama não só defendia a idéia de que os intelectuais latino-americanos deveriam se preocupar em conhecer, contatar e fazer intercâmbios com os países da América Latina, como afirmou Antonio Candido em um texto em sua homenagem²⁹, como inclusive se prontificou a começar este trabalho. Um de seus artigos do final da década de 70, intitulado “Programa de estudos latinoamericanos”, menciona o programa que estava sendo proposto à Universidade de Caracas, que tinha em vista a criação de um Centro de Estudos Latino-Americanos. O programa não só incentivava o conhecimento da América Latina através da inserção de cursos nas universidades e criação de centros de estudos com intuito deste conhecimento, como esboçava a origem deste movimento integrador:

“Este proceso ya extenso que arranca de la fundación de la ALALC y del posterior Pacto Andino, que ha presenciado el establecimiento del Mercado Común Centroamericano y la Asociación de países del Caribe, (...) ha resultado favorecido por las afinidades culturales que tienen entre sí los países latinoamericanos, derivadas de su historia común y de sus grandes tradiciones culturales, así como de una larga vocación integradora que atraviesa toda su vida independiente y que fuera fijada inicialmente por el pensamiento de Simón Bolívar.”³⁰

Esta “vocaçãõ integradora”, como chama Rama, que tem origem no pensamento de Simon Bolívar (1783-1830), é baseada na solidariedade entre os povos e homens que são considerados iguais e

²⁹ CANDIDO, A. “Uma visão latino-americana”. Op. Cit. p. 263.

³⁰ RAMA, Á. Programa de estudos latinoamericanos. *Almanaque - cadernos de literatura e ensaios*, São Paulo, n. 11, p. 73.

com os mesmos direitos.³¹ Neste sentido, Bolívar afirmou: “Yo deseo más que otro alguno ver formarse la más grande nación del mundo, menos por su extensión y riqueza que por su libertad y gloria”.³² Deste modo, Bolívar acentuava a diferença entre uma união de países com finalidade de enriquecimento e poder sobre os demais, como as sociedades modernas, e uma união com o objetivo de integração de junção de forças para chegar a metas comuns através de sua própria independência, com liberdade e glória.

Este ideal de integração continuou sendo desenvolvido e tornou-se um elemento caracterizador da América Latina. Voltou-se sempre a ele, em épocas específicas da história deste continente. Afirma Rama:

“En muchos momentos aciagos de la historia de América Latina, cuando se sucedieron las intervenciones de los imperios extranjeros, esta gran tradición fue un útil instrumento de afirmación independiente y soberana, de lucha contra las intromisiones foráneas y de resguardo de la especificidad cultural latinoamericana.”³³

Portanto, o ideal de integração, mesmo sendo um projeto, manteve-se vivo, tornando possíveis relações, de cunho econômico, por exemplo, entre os países desta região. Quanto às intervenções estrangeiras a que se refere Rama, o momento no qual está inserida a revista *Argumento*, que traz consigo também este ideal de integração, é o mais propício, pois vários países da América Latina sofriam, na mesma época, com as ditaduras militares que, nas breves palavras de Roberto Schwarz, tinham o objetivo de “garantir o capital e o continente contra o

³¹ ZEA, L. “Dialética del pensamiento latinoamericano”, in: *El pensamiento latinoamericano*. Barcelona: Ed. Ariel, 1976. p. 36-41.

³² BOLÍVAR, S. apud ZEA, L. Op. Cit. p. 37.

³³ RAMA, Á. Programa de estudios latinoamericanos. Op.cit. p. 73.

socialismo”.³⁴ Como se pode observar nos artigos de cunho político citados anteriormente, alguns países da América Latina passavam por um momento, em alguns casos, de grande efervescência (Chile, Argentina, Venezuela), e em outros, de repressão política (Brasil), tendo como elemento fundamental a interferência externa, notadamente a norte-americana.³⁵ O ideal de integração, desse modo, servia como uma forma de resistir ao autoritário regime militar, pois tinha em sua base a solidariedade entre os povos e a liberdade de se constituir uma nação.

Quanto à liberdade, é válido deter-se no artigo de Antonio Candido, que a toma como tema em “*Libertas quae sera tamen*”. O texto abre a seção “*Conversa*” na publicação de número 4, ou seja, abre o espaço no qual a revista se pronuncia mais diretamente em relação aos acontecimentos do momento, mostrando sua posição. O pequeno texto inicia com uma frase de Mário de Andrade - “Liberdade, essência perigosa” -, que deve ser lida fora de seu contexto. Trata-se de uma antiga petição que se referia à mudança do nome de uma rua chamada “Sabiá” para “Liberdade”. Através deste documento, o crítico mostra que, muitas vezes, um grande princípio como o de liberdade pode ser utilizado de forma contrária ao que ele designa, não levando a um bom final de história, como a da troca dos nomes da rua: a que era “Sabiá” e tornou-se “Liberdade”, passou mais tarde a ser conhecida por rua de “Cima”, por oposição a outra rua, a de “Baixo”. Isto ilustra, escreve

³⁴ SCHWARZ, R. “Cultura e política, 1964-1969”, in: *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p.61.

³⁵ De acordo com a cronologia elaborada por Clóvis Rossi em *A contra-revolução na América Latina*. (São Paulo: Atual, 1987), o Paraguai na década de 70 ainda estava sob o governo do general Alfredo Stroessner, que havia tomado o poder em 1954; o Chile, em 1973, sofre um golpe de Estado dirigido pelo general Augusto Pinochet que derruba o governo da Unidade Popular e assassina o presidente Salvador Allende; neste mesmo ano o Uruguai também sofre um golpe de Estado liderado por Juan Maria Bordaberry, que dissolve o parlamento e faz estalar uma greve geral; já a Argentina, também em 1973, elege como seu presidente Juan Domingo Perón, que morre no ano seguinte. “Isabelita” Perón, então, assume o governo e em 1976 um golpe de estado a derruba e uma junta militar, presidida pelo general Jorge Rafael Videla, toma o poder; em 1971 é a Bolívia que sofre um golpe de Estado e o general Hugo Bánzer assume o governo; em 75, o presidente peruano Juan Velasco Alvarado é deposto pelas Forças Armadas e substituído pelo general Bermudez.

Antonio Candido, que a liberdade, em sua “posição essencial”, “por sua própria natureza deve estar acima de tudo, (...) (dentro dos limites).”³⁶

Os textos de Antonio Candido e Ángel Rama, que claramente podem ser relacionados por estarem baseados em uma preocupação comum de cunho social e por trazerem à tona a questão da integração latino-americana, são essenciais para se pensar a América Latina em *Argumento*. Mostram que a cultura latino-americana está profundamente marcada pelo que representava socialmente este continente: subdesenvolvido, composto por várias etnias e dependente, e comprova que a publicação serviria como instrumento para fazer circular uma idéia há muito tempo existente, o pensamento de integração da América Latina.

Em outras palavras, a *Argumento*, por ter como proposta tornar-se um instrumento de resistência ao poder autoritário, sugerida em seu editorial, assume a *vocação latino-americana de integração* como forma de fortalecer o pensamento divergente e os movimentos de oposição à situação estabelecida no período.

³⁶ CANDIDO, A. *Libertas quae sera tamen*. *Argumento*, Rio de Janeiro, n. 4, fev. 1974, p. 158.

UM PARADOXO EM MEIO À COERÊNCIA

Resistir, ser contra, estar à esquerda do que é dominante, estas são as primeiras constatações de um periódico que intencionalmente se chama *Argumento*, utiliza como meio de divulgação o slogan “Contra fato, há argumento” e, principalmente, circula em uma época em que se faz imperativo optar por uma posição definida.

A opção de *Argumento* foi, portanto, a de ser oposição. Oposição esta que, de um lado, se referia à conjuntura nacional, marcada pela vigência do regime militar no país, sem apelar para formas mais rudes de se fazer oposição, como a luta armada; de outro, direcionava-se a uma conjuntura mais ampla, a da situação social, política e cultural da América Latina em relação aos países denominados “primeiro mundo”.

Subdesenvolvimento, dependência, autoritarismo, repressão, são, portanto, os elementos contra os quais a publicação se anuncia e ao problematizá-los vai delineando seu projeto cultural. O periódico enfatiza através dos textos, que a cultura deve estar voltada para o nacional, com consciência da situação social e política do país, e/ou do continente, comprometida com um engajamento, com relação a essa situação; aí reside, conforme *Argumento* indica, a possibilidade de superação do estado de subdesenvolvimento e dependência e, conseqüentemente, o fim de qualquer forma de autoritarismo. Desta forma, é ainda interessante à revista uma cultura que não repita, nem faça propagar os valores e ideais de certos países desenvolvidos, como os EUA, pois de nenhuma forma estes valores e ideais se identificam com os nacionais.

Pode-se ainda afirmar que, pela preocupação recorrente com o meio, com o social, o que dá um certo alargamento à noção de cultura, este projeto cultural estaria vinculado a um entendimento da cultura dentro de um ponto de vista sociológico e até antropológico, isto é, a

cultura entendida como “modo de vida global de determinado povo ou de algum outro grupo social”¹. Além de trabalhar por este viés, considera-se que a publicação está também participando do processo de formação da cultura, pois o que se encontra em *Argumento* são produções formativas², ou seja, produções que não representam diretamente instituições, mas aspectos do pensamento deste grupo de intelectuais amigos, que não estão organizados a partir de uma determinada instituição, mas que registram sua forma de pensar a cultura para seus meios. Desta forma pode-se também vincular o projeto cultural de *Argumento* a outro sentido que compõe a noção de cultura hoje, o que a considera como “as artes” e o “trabalho intelectual”.³

Contudo, já se registrou aqui que a revista não se dirige ao “povo brasileiro”, a todas as classes sociais, mas a um certo grupo restrito de leitores, que já detêm uma formação ou estão em processo de formação, como os professores, intelectuais e alunos de universidades. Por aí, pode-se observar que o projeto cultural de *Argumento* contava primeiro com a aceitação por parte de pessoas que se constituíam em pares das que colaboravam na revista, para que depois pudesse ser executado.

A possibilidade de se apontar para uma concepção de cultura unificadora do pensamento dos colaboradores da revista, ocorre devido ao fato da existência de certa coerência ideológica na publicação. Não há polêmicas internas, linhagens diversas, abertura para outras formas de pensamento, nem espaço para abordagem de assuntos que não apresentam vínculo explícito com a perspectiva ali defendida. A revista parece mais uma rede que leva um texto a outro, um autor a outro, e assim sucessivamente. Porém, dentro deste conjunto coerente que constitui a revista *Argumento*, observa-se um paradoxo mencionado em

¹ Cf. WILLIAMS, Raymond. “Com vistas a uma sociologia da cultura”, in: *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 09-31.

² WILLIAMS, Raymond. *Marxismo e literatura*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979, p. 122.

³ Cf. WILLIAMS, Raymond. “Com vistas a uma sociologia da cultura”. Op. Cit. p. 09-31.

algumas passagens desta dissertação, que ficou à espera de um momento oportuno para ser explorado.

O ensaio “Literatura e subdesenvolvimento”, que serviu de base para quase todas as reflexões sobre a revista, e que, portanto, ilustra em grande parte os propósitos da mesma, trata, das marcas do subdesenvolvimento a partir da idéia de “consciência amena do atraso”, das modestas condições materiais e da debilidade cultural latino-americana do final do século XIX, que têm como conseqüências: o analfabetismo, a cópia servil dos modelos estrangeiros, a falta de meios de comunicação e difusão, a fraqueza dos públicos disponíveis para a literatura, entre outros. Antonio Candido atrela essa debilidade à ideologia iluminista, haja vista que foi através desta ideologia que os intelectuais da época construíram uma visão “deformada” da sua posição em relação à incultura dominante:

Ao lamentar a ignorância do povo e desejar que ela desaparecesse, a fim de que a pátria subisse automaticamente aos seus altos destinos, eles [os intelectuais] se excluíaam do contexto e se consideravam grupo à parte, realmente “flutuante”, num sentido mais completo que o de Alfred Weber. Flutuavam, com ou sem consciência de culpa, acima da incultura e do atraso, certos de que estes não os poderiam contaminar, nem afetar a qualidade do que faziam. Como o ambiente não os podia acolher intelectualmente senão em proporções reduzidas, e como os seus valores radicavam na Europa, para lá se projetavam, tomando-a inconscientemente como ponto de referência e escala de valores; e

considerando-se equivalentes ao que havia lá de melhor.⁴

A saída para tal situação era vista também sob a perspectiva ilustrada, para a qual a instrução traria todos os benefícios que permitem a humanização do homem e o progresso da sociedade, mas que segundo Candido fez bem pouco para efetivar uma “consciência esperançosa do atraso”.

Comentada a crítica ao iluminismo, pode-se agora retomar as já evidenciadas posturas também ilustradas que a revista expressa, inclusive através do próprio ensaio de Antonio Candido. Porém, antes disso, procurar-se-á complementar as informações acerca do que corresponde à ideologia iluminista para um melhor entendimento da questão.

Além desta característica marcante de querer promover a melhoria de vida dos homens através da disseminação do conhecimento, o iluminismo apresenta outros aspectos vinculados a este: a extensão da crítica e da razão a toda e qualquer crença e conhecimento sem exceção, fazendo com que estes sejam o único guia infalível da sabedoria; o compromisso da transformação, o que leva a entender a história como progresso, como a possibilidade de melhoria do ponto de vista do saber e dos modos de viver humanos.⁵

“Razão” é a palavra-chave que denuncia a presença da ideologia ilustrada em *Argumento*. O título do periódico, já se observou, remete diretamente para o uso da razão, e pode, inclusive, ser lido como sinônimo de argumento. O *slogan* — “Contra fato, há argumento” — também reforça a opção pela racionalidade. Este *slogan* ainda aponta para outra linhagem filosófica que compõe o iluminismo, o empirismo que

⁴ CANDIDO, A. “Literatura e subdesenvolvimento”, In: *Argumento – revista mensal de cultura* nº 1, p. 13.

⁵ Cf. ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*, p. 509-511.

“admite que toda verdade pode e deve ser colocada à prova”⁶. Desse modo, lendo-se o termo fato (do *slogan*) como uma verdade ainda não comprovada, poderíamos concluir que a revista pretende pôr à prova todos os fatos, os acontecimentos. Por outro lado, utilizando-se a máxima popularmente conhecida, — “Contra fato, não há argumento” — e transformando seu sentido com a retirada do “não”, a revista parece assumir uma função iluminista, a de trazer a razão para o âmbito comum da crença, propondo o abandono de uma “verdade” não comprovável, ou seja, propondo o abandono da idéia de que o fato não pode ser afetado por argumentos.

Outro ponto da revista, no qual se detecta um ideal iluminista, já apontado no primeiro capítulo, inclusive, deve-se acrescentar, o mesmo ideal criticado por Antonio Candido em seu ensaio, é no editorial/manifesto, mais especificamente quando a revista propõe-se como um “esforço de lucidez”. Este propósito, que foi entendido aqui como uma proposta da revista de ser um meio esclarecedor, refere-se diretamente a ilustração, pois como se viu anteriormente, um aspecto da ilustração é justamente o ideal de promover a instrução, o esclarecimento, com vistas a melhorar a vida dos homens. Desse modo fica claro que a revista não vê o povo em condições de tomar decisões e de resolver questões políticas ou culturais independentemente. Este necessita dos intelectuais, dos “legisladores”⁷, para usar aqui a metáfora de Zygmunt Bauman, que emite pronunciamentos de autoridade, ordena, formula princípios e regras, enfim é o mais adequado para emitir juízos ou estabelecer critérios em torno da cultura.

Fica ainda claro que, ao tratar das fases pelas quais passou a literatura, Antonio Candido apresenta-as de forma evolutiva, presumindo-

⁶ Id. Ibid. p.510.

⁷ Cf. BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e intérpretes: sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales*. (Trad. Horacio Pons.) Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997. Bauman trata do “intelectual legislador” em oposição ao “intelectual intérprete” que seria quem pressupõe a existência de pontos de vistas distintos dentro das tradições culturais e assume a tarefa de traduzi-los.

se que no futuro estaria o momento ideal da realização literária da América Latina. Tal perspectiva de se tratar a história, no caso da literatura latino-americana, encaixa-se ao que já foi dito sobre o compromisso iluminista da transformação, que mostra a história sempre como progresso, benéfico à vida humana.

A constatação deste viés iluminista dentro de uma publicação que tece críticas ao iluminismo, é a expressão de um paradoxo que não chega a abalar a coerência ideológica da revista, mas não pode deixar de ser levado em consideração quando se referir a esta publicação. Uma prova de que tal constatação não abala a coerência ideológica do periódico é que, apesar de circular com apenas quatro edições em meados dos 70, a *Argumento* parece ter deixado sua bandeira de pé, sobretudo nas mentes intelectuais deste país.

BIBLIOGRAFIA

- ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. Trad. Alfredo Bosi. São Paulo: Mestre Jou, 1962.
- ADORNO, T. W. "A indústria cultural". In: COHN, Gabriel (org.). *Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1986.
- ADORNO, T. W. e HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- AGUIAR, Flávio. (Org.) *Antonio Candido: pensamento e militância*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999.
- ALVES, Maria Helena Moreira. *Estado e oposição no Brasil, 1964 - 1984*, Petrópolis: Vozes, 1984.
- ANTELO, Raúl. *Literatura em revista*. São Paulo: Ática, 1984.
- ARINOS, Afonso et al. *Esboço de figura: homenagem a Antonio Candido*. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- ARRABAL, José. et. al. *Anos 70: 3 - teatro*. Rio de Janeiro: Europa Ed., 1979/80.
- AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras e ação*. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BAHIANA, Ana Maria et. al. *Anos 70: 1 - música popular*. Rio de Janeiro: Europa Ed., 1979/80.
- BAUMAN, Zygmunt. *Legisladores e intérpretes: sobre la modernidad, la posmodernidad y los intelectuales*. (Trad. Horacio Pons). Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 1997.
- BERNARDET, Jean-claude et. al. *Anos 70: 4 - cinema*. Rio de Janeiro: Europa Ed., 1979/80.
- BRETON, Philippe. *A argumentação na comunicação*. São Paulo: EDUSC, 1999.
- CAMARGO, Maria Lucia de Barros. "Resistir: quem há de?". In. *Declínio da arte, ascensão da cultura*. Florianópolis: ABRALIC/Letras Contemporâneas, 1998, p. 169-175.
- CANDIDO, Antonio. *Recortes*. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

- _____ *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Ática, 1987.
- _____ *Literatura e sociedade*. São Paulo: Ed. Nacional, 1976.
- _____ *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*, 5ª ed., São Paulo: EDUSP, Belo Horizonte: Itatiaia, 1975 (2Vols.).
- _____ "Uma visão latino-americana". In: *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993, p. 263.
- CAPARELLI, Sérgio. *Ditaduras e indústrias culturais*. Porto Alegre: Ed.URGS, 1989.
- CARDOSO, Fernando Henrique e FALETTO, Enzo. *Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1970.
- CARVALHO, Elisabeth. *Anos 70: 5 - televisão*. Rio de Janeiro: Europa Ed., 1979/80.
- CHIAPPINI, Ligia. e AGUIAR, Flávio Wolf de. (Orgs.) *Literatura e história na América Latina*. São Paulo: EDUSP, 1993.
- D'INCAO, Maria Angela e SCARABÔTOLO, Eloísa Faria. (Orgs.) *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.
- FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo.: EDUSP/FDE, 1995.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FREITAS FILHO, Armando et. al. *Anos 70: 2 - literatura*. Rio de Janeiro: Europa Ed., 1979/80.
- GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Trad. Carlos N. Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.
- HUYSEN, Andreas. "Mapeando o pós-moderno". Trad. Carlos A de C. Moreno. In: *Pós-modernismo e política*. Org. Heloisa Buarque de Hollanda. Rio de Janeiro: Rocco, 1991, p.15-80.
- IANNI, Octavio. *A sociedade global*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.
- JAGUARIBE, Helio et al. *A dependência político-econômica da América Latina*. Trad. Andrés Mato. São Paulo: Edições Loyola, 1976.

- KUCINSKI, Bernardo. *Jornalistas e revolucionários nos tempos da imprensa alternativa*. São Paulo: Scrita, 1991.
- LAMOUNIER, Bolivar (org.) *De Geisel a Collor: o balanço da transição*. São Paulo: EDUSP, 1990.
- MAINGUENEAU, Dominique. *Termos-chave da análise do discurso*. Trad. Márcio Venício Barbosa e Maria Emília A. T. Lima. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998.
- MARTINS, Carlos Estevam. "História do CPC", in: *Arte em revista*, nº 3, São Paulo: Kairós, Março de 1980.
- MICELI, Sérgio. (Org.) *Estado e Cultura no Brasil*. São Paulo: Difel, 1984.
- MORENO, César Fernández.(Org.) *América Latina em sua literatura*. São Paulo: Perspectiva, 1979.
- MOTA, Carlos Guilherme. *Ideologia da cultura brasileira: 1933 –1974*. São Paulo: Ática, 1994.
- ORTIZ, Renato. *A moderna tradição brasileira. Cultura brasileira e indústria cultural*, São Paulo: Brasiliense, 1988.
- _____ *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PERELMAN, Chaïm. & OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. Trad. Maria E. G. G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes: 1996.
- PONTES, Heloísa. *Destinos mistos: os críticos do grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.
- RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. México: Siglo XXI Editores, 1985.
- _____ "Programa de estudos latinoamericanos". In: *Almanaque, cadernos de literatura e ensaio*. São Paulo: Brasiliense, nº 11, p.73.
- REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes: 2000.
- RIVERA, Jorge B. *El periodismo cultural*. Buenos Aires: Paidós, 1995.
- ROCCA, Pablo. *35 Años en Marcha: crítica y literatura en Marcha y en el Uruguay 1939-1974*. Montevideo: División Cultura de la IMM, 1992.
- ROSSI, Clóvis. *A contra-revolução na América Latina*. São Paulo: Atual, 1987.

- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas*. São Paulo: Duas Cidades, 1992.
- _____ *O pai de família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
- SUSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- _____ *Papéis colados*. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 1993.
- TOLEDO, Caio Navarro de. *ISEB: fábrica de ideologias*. São Paulo: Ática, 1978. Col. Ensaio, 28.
- VENTURA, Zuenir. *1968, o ano que não terminou: a aventura de uma geração*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- WEINHARDT, Marilene. *O suplemento literário d'O Estado de São Paulo (1956-1967)*. Brasília: INL, 1987.
- WILLIAMS, Raymond. *Los meios de comunicación social*. Trad. De Manuel Carbonell, Barcelona: Ediciones península M.R., 1971.
- _____ *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- _____ *Cultura*, São Paulo: Paz e Terra, 1992.

INDEXAÇÃO DE ARGUMENTO

1 - Metodologia de indexação dos textos¹

Os campos preenchidos na planilha do banco de dados são os seguintes:

Ordem de exibição: Ordem dos artigos catalogados.

Idioma: Campo que pode ser preenchido com as siglas apresentadas na base: **POR** - português, **ITA** - italiano, **ESP** - espanhol, **FRA** - francês, **ALE**-alemão, **RUS** - russo, **ING** - inglês, **GRE** - grego, **CAT** - catalão, de acordo com a língua do artigo indexado. Há duas entradas para este campo, visto que determinados textos são acompanhados da tradução.

Entidade coletiva: Campo preenchido com o nome da revista quando o texto está sob sua responsabilidade. Ou seja, não aparece autor colaborador. É o caso de muitas apresentações ou editoriais. Pode aparecer também como o entrevistador (no caso em que os créditos são atribuídos ao nome do periódico).

Título do artigo: Título do artigo que está sendo catalogado (com letra maiúscula somente na primeira palavra). Em caso de vários títulos agrupados por um, prepondera o título geral. Nos casos em que o título geral não figura, indexar os títulos separados por barra /.

Quando um poema não apresentar título, deve-se inserir o primeiro verso, entre aspas e com reticências no fim. Exemplifico: “não penses enquanto passa (...)”.

No caso da mesma ocorrência num texto em prosa, a mesma solução é empregada, reproduzindo-se as quatro primeiras palavras.

Subtítulo do artigo: Além dos subtítulos, este campo é usado para colocar as informações bibliográficas das resenhas indexadas. Estes últimos dados devem vir entre parênteses (), e o título da obra deve aparecer entre aspas, visto que não é possível utilizar nem o negrito nem o itálico.

Páginas: Número das páginas que o artigo ocupa; Ex: p. 11-13.

Vocabulário controlado: É preenchido com o tipo de artigo catalogado, a partir de um elenco pré-estabelecido (ver o item 2).

Nome pessoal como assunto: Campo preenchido somente quando o texto se refere a um(a) determinado(a) autor(a). O nome indexado neste campo também deve figurar como autor citado, visando facilitar as pesquisas. Este campo não é preenchido nos seguintes casos: ficção, poema, capa, HQ/Charge.

Autores colaboradores: Autor(es) responsável(veis) pelo artigo. No caso das entrevistas, o nome do entrevistado e do(s) entrevistador(es) devem constar.

Palavras-chave: Para cada texto indexado, são retiradas no máximo seis palavras-chaves (retiradas da listagem do banco de dados) (Ex.: literatura, cultura, Brasil, sociologia) Este campo não é preenchido quando se trata de ficção, poema, capa, HQ/Charge.

Resumo: Pequeno resumo ou descrição dos textos catalogados. Caso se mencione algum nome de obra, também utilizar as aspas. Este campo não é preenchido nos seguintes casos: ficção, poema, capa, HQ/Charge.

SUGESTÃO: Utilizar os colchetes [] para informações complementares ao resumo.

¹ Salienta-se que este texto sobre a metodologia de indexação foi elaborado por Simone Dias, colaboradora e pesquisadora do projeto *Poéticas contemporâneas: histórias e caminhos*.

Autores citados: Campo reservado aos autores que são citados nos artigos. Consta sempre o último sobrenome do autor. Ex: ASSIS, Machado de. Este campo não é preenchido nos seguintes casos: ficção, poema, capa, HQ/Charge.

Tradutor: Nome do tradutor, em caso de ocorrência. Caso o texto seja traduzido, mas o nome do tradutor não figure no texto, consta sem crédito, com vistas a evitar distorções na pesquisa.

Observações:

1. Dados bibliográficos (Autor colaborador, Título, Subtítulo):

1.1. Caso o texto não venha assinado, convencionou-se atribuir a autoria ao periódico.

1.2. Na indexação do nome do autor, utiliza-se a listagem de autores disponível da Base de dados, inviabilizando que o pesquisador seja fiel às assinaturas dos textos nos periódicos. Por este motivo, o item 5.2. se constitui como uma opção para esclarecimentos a propósito destas.

1.3. Nas entrevistas, os nomes do(s) entrevistador(es) e do entrevistado(a) constarão como autores do texto.

1.4. No caso das resenhas, o subtítulo é preenchido com os dados da obra resenhada entre parênteses.

1.5. No caso da publicação de vários poemas de um mesmo autor, seguem-se os seguintes critérios: se houver um título que os agrupe, mantém-se o mesmo neste campo e citam-se os títulos no resumo; caso apresentem-se somente os títulos dos poemas, estes devem entrar separados por uma barra (/), obedecendo à pontuação dos mesmos.

1.6. Quando um poema não apresentar título, opta-se por inserir neste campo o primeiro verso, entre aspas e com reticências no fim. Exemplifico: “não penses enquanto passa (...)”.

No caso da mesma ocorrência num texto em prosa, a mesma solução é empregada, reproduzindo-se as quatro ou cinco primeiras palavras. Cabe aqui uma ressalva: optou-se por excetuar dessa regra as resenhas sem título, visto que o subtítulo sempre estará preenchido.

2. O campo Vocabulário controlado é preenchido com a “tipologia” dos textos. Este item merece uma explanação mais detalhada, visto que demandou um aprofundamento teórico de conceitos que discriminam determinados tipos de textos. É importante salientar que a escolha desses termos foi pautada num estudo da diversidade de textos e rubricas dos periódicos, e procurou-se eleger algumas tipologias que dessem conta da volumosa variedade classificatória que constava nas revistas. No intuito de possibilitar o cruzamento dos dados, optou-se pela adoção de um mesmo princípio de classificação para os artigos de todos os periódicos, ainda que seja possível, durante o processo, a revisão e a inserção de alguma “nova” tipologia, caso o nosso arbitrário princípio não dê conta de algum artigo. Atualmente, este campo oferece as seguintes possibilidades: Apresentação (de textos, da revista ou de autores), Poema, Resenha, Reportagem (noticiário sobre determinado assunto), Cartas do leitor, Correspondência (publicação de carta de valor documental), Depoimento (textos que dão testemunho), Entrevista, Ficção (contos, fragmentos de romance, novelas, peças teatrais ou crônicas), Editorial (texto que exprime a opinião do órgão), Informe (breves informações, notas), HQ/Charge (histórias em quadrinhos ou charges) e Ensaio. Acrescenta-se, ainda, nos casos em que se trata de resenha ou ensaio, um segundo termo que especifica a disciplina abordada no artigo. No momento, constam no banco de dados as seguintes alternativas: Antropologia, Bibliologia, Ciência, Comunicação, Cultura, Economia, Educação, Esporte, Filosofia, História, Lingüística, Literatura, Política, Psicologia, Psicanálise, Sociologia.

3. No campo Palavras-chave, preenchido quando se trata de ensaio, resenha, entrevista, correspondência, reportagem ou apresentação, o pesquisador elenca as palavras-chave do texto, visando possibilitar futuras pesquisas a partir de um determinado termo.

4. O Nome pessoal como assunto deve ser preenchido nos casos em que o texto trate especificamente de um(a) determinado(a) autor(a).

5. É feito um resumo do texto, sempre que se trate de outro gênero, que não o poema, a ficção, o HQ ou a charge.

5.1. O campo Resumo também deve ser utilizado para as notas de publicação, notas explicativas, local e data, que porventura constem nos textos. Tais indicações devem aparecer depois dos resumos, entre colchetes.

5.2. Este campo também serve para adicionar informações que indiquem assinaturas dos textos que não correspondam ao nome do(a) autor(a) indexado no primeiro campo. Este e qualquer outro dado complementar que o pesquisador desejar inserir, deverá vir entre colchetes []. Exemplifico: [O autor do texto assinou como JW.] No caso, trata-se de um texto de Jorge Wanderley.

Indica-se, da mesma forma, os textos e poemas cuja publicação for bilíngüe: [Publicação bilíngüe.]

5.3. Os títulos de obras artísticas (livros, filmes, peças de teatro, telas, esculturas, etc) virão entre aspas, devido à impossibilidade de se empregar o itálico na base de dados. O mesmo acontece no caso de títulos de artigos citados no resumo e títulos de obras resenhadas.

6. No campo Autores citados, utiliza-se a listagem de autores da Base de dados, que está em processo de constante revisão. Convencionou-se que este campo é preenchido quando houver ocorrências de citação a um(a) autor(a), salvo em poemas, ficções, HQ, Charge. No caso de dedicatórias, não se considera o(a) autor(a) citado(a).

2 - Índice Geral

Argumento nº 1

*

Argumento. "A natureza social tem (...)". *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, nº.01, p.05, out., 1973.

Vocabulário controlado: EDITORIAL

Palavras-chave: Brasil; Cultura; Década de 70; Intelectual; Periodismo

Notas de resumo:

Apresentação da revista que diz ser "um veículo novo para o que há de vivo, válido e independente na circunstância cultural brasileira". Mostra-se ainda sem limitação de campo e com a pretensão de ser, além de um veículo cultural brasileiro, "um ponto de encontro com o pensamento de outras terras, notadamente as do continente".

*

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, nº.01, p.06-24, out., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: América Latina; Crítica; Imperialismo; Literatura; Subdesenvolvimento

Notas de resumo:

Traça-se, neste ensaio, o caminho que a literatura latino-americana percorreu para obter sua própria personalidade. Elaborar-se uma discussão sobre o subdesenvolvimento *versus* a criação literária, dividindo este caminho em duas épocas: a da consciência amena do atraso e a da consciência catastrófica de atraso. Dentro desta última, trata-se da questão da dependência cultural, da influência estrangeira sobre a literatura latino-americana e, por fim, do rumo que esta literatura está tomando. [Nota introdutória, s/crédito.]

Autores citados: ACHEBE, Chinua; ALEGRIA, Ciro; ALENCAR, José de; ALMEIDA, Pires de; ALVES, Castro; AMADO, Jorge; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; ARGUEDAS, Alcides; ARGUEDAS, José Maria; ASTURIAS, Miguel Angel; ASSIS, Machado de; AZUELA, Mariano; BANDEIRA, Manuel; BASTOS, Augusto Roa; BELLO, Andrés; BENSE, Max; BILAC, Olavo; BONFIM, Manuel; BORGES, Jorge Luis; BRITO, Heládio; CALDERÓN, Francisco Garcia; CARDOSO, Ivan; CARPENTIER, Alejo; CARVALHO, Elísio de; COELHO NETO, Paulo; CORTÁZAR, Julio; COSTA, Claudio Manuel da; DARÍO, Rubén; DIAS, Gonçalves; DIAZ, Eduardo Acevedo; DOBLIN, Alexander; ECO, Umberto; FAULKNER, William; FRANCE, Anatole; GALLEGOS, Rómulo; GONZÁLES, Manuel Pedro; GUILLÉN, Nicolas; GUIMARAENS, (João) Alphonsus de; GUIRALDES, Ricardo; HARDY, Thomas; HERNANDEZ, José; HOLANDA, Sérgio Buarque de; HUIDOBRO, Vincente; ICAZA, Jorge; INFANTE, Guillermo Cabrera; JOYCE, James; KAZANTZAKIS, Nikos; LIMA, Jorge de; LIMA, José Lezama; LISPECTOR, Clarice; LLOSA, Mário Vargas; LORCA, Federico García; MÁRQUEZ, Gabriel García; MARTÍ, José

Farabundo; MELLO, Mário Vieira de; MELO NETO, João Cabral de; MENDES, Murilo; MONEGAL, Emir Rodríguez; MOREYRA, Juan; NABUCO, Joaquim; NIETZSCHE, Friedrich; OBLIGADO, Rafael; PEIXOTO, Afrânio; POUND, Ezra; PRADO, Décio de Almeida; PROUST, Marcel; RAMOS, Graciliano; RAMOS, Oscar; REGO, José Lins do; REISSIG, Herrera y; REYLES, Carlos; RICHARDSON, Dorothy; RIVERA, José Eustasio; ROSA, Guimarães; RULFO, Juan; SARMIENTO, Domingo Faustino; SENGHOR, Leopold Sedor; SOUSA, Cruz e; SOUSÂNDRADE, Joaquim de; UREÑA, Pedro Henriquez; VALERA, Juan; VALÉRY, Paul; VARGAS, Villa; VERGA, Giovanni; VIANA, Javier de; VIEIRA, (Pe.) Antônio; VILLA, Vargas; VITTORINI, Elio; WEBER, Alfred; WILDE, Oscar; WOLF, Virginia; ZORRILLA, Juan;

Iconografias:

Reprodução: "Mario Vargas Llosa", "Jorge Luis Borges", "Clarice Lispector", "Gabriel Garcia Marquez", "Julio Cortazar", "Graciliano Ramos", s/crédito, s/d.

*

SKIDMORE, Thomas. O negro no Brasil e nos Estados Unidos. Trad. sem crédito.

Argumento - revista mensal de cultura, v.1, n°.01, p.25-45, out., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Sociologia

Palavras-chave: Brasil; Colonialismo; Estados Unidos; Racismo; Relações sociais

Notas de resumo:

O branqueamento e as relações sociais pós-abolição servem de base para uma comparação da situação do negro no Brasil e nos EUA . Aborda-se, portanto, questões como : 1-Definição prática da raça de um indivíduo; 2-Ideologias raciais; 3-A lei e as relações raciais; 4-Surgimento de instituições paralelas; 5-Papel do mulato e do nacionalismo negro; 6-Estratificação social e raça. [Nota introdutória informa que T. Skimore, norte-americano, é professor da Universidade de Wisconsin e autor de "Brasil - De Getúlio e Castelo", s/crédito]

Autores citados: BASTIDE, Roger; BERWANGER, Eugène; CURTIN, Philip D.; ELKINS, Stanley; FREYRE, Gilberto; HARRIS, Marvin; HOETINK, H.; KLEIN, Herbert S.; LAPOUGE, Vacher de; LIWACK, Leon; PHILLIPS, Ulrich B.; ROUT, Leslie; SPENCER, Herbert; TANNENBAUM, Frank;

Iconografias:

Reprodução: s/título, de Debret, s/d.

Reprodução: s/título, de Rugendas, s/d.

Ilustração: desenhos, Elifas Andreato, s/d

*

FURTADO, Celso. O mito do desenvolvimento e o futuro do terceiro mundo.

Argumento - revista mensal de cultura, v.1, n°.01, p.46-53, out., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Economia

Palavras-chave: Capitalismo; Economia; Industrialização; Subdesenvolvimento

Notas de resumo:

Análise do estudo realizado pelo Massachusetts Institute of Technology que dá um passo importante, que é considerar para suas predições, a economia de forma global, isto é, tal estudo parte do princípio de que a economia mundial é interdependente. Todavia não se concorda com a previsão de um colapso na economia capitalista a partir do momento em que os países periféricos

alcançarem o desenvolvimento. Argumenta-se que o estudo parte de um pressuposto falso, que é considerar a atual situação de subdesenvolvimento destes países como uma fase anterior ao desenvolvimento, a ponto de tal estudo pressupor que todos os países do planeta alcançarão os níveis de desenvolvimento de consumo dos países centrais. [Nota introdutória informa que se trata de uma análise de um estudo realizado pelo MIT (Massachusetts Institute of Technology) para o Clube de Roma, s/crédito.]

Autores citados: BEHRENS, William W.; FORRESTER, Jay W.; FURTADO, Celso; GEORGESCU-ROEGEN, Nicholas; LECAILON, J.; MARCHAL, Jean; MEADOWS, Dennis L.; MEADOWS, Donella H.; RANDERS, Jorgen;

*

GOMES, Paulo Emilio Salles. Cinema: trajetória no subdesenvolvimento. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.01, p.54-67, out., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Brasil; Cinema; Cultura; Nacionalismo; Subdesenvolvimento

Notas de resumo:

Tomando como base uma primeira abordagem de como foi encarado o cinema ocidental pela Índia, o Japão e a Arábia, traça-se a trajetória do cinema brasileiro no subdesenvolvimento. Este é marcado por vários altos e baixos, devido ao problema de identidade própria do país e de falta de uma cultura originalmente brasileira. Essa trajetória é dividida em quatro épocas: a "Bela Época", a "Chanchada", o "Cinema Novo" e o "Cinema do Lixo", destas, faz-se ainda uma contextualização histórica, social e política, dando o perfil da história do cinema brasileiro 'traumatizado' pelo subdesenvolvimento. [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: AMADO, Jorge; ARAÚJO, Vicente de Paula; LOBATO, Monteiro; RAMOS, Graciliano; VIANA, Oliveira;

Iconografias:

Ilustração: desenho, Luis Trimano, 1974.

*

PINTO, Anibal. As relações Estados Unidos-América Latina, depois da guerra fria. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.01, p.67-88, out., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Economia

Palavras-chave: América Latina; Capitalismo; Economia; Estados Unidos; Guerra fria; Imperialismo

Notas de resumo:

Discute-se sobre o porquê das relações entre o Brasil e o EUA não serem mais as mesmas depois da guerra fria e a importância de um país para o outro. Trata-se do resultado oficial ou político geral das mudanças nas atitudes dos EUA com relação à América Latina e das relações comerciais e financeiras entre os países, através da análise das exportações. Verifica-se a significação do intercâmbio para os países e as perspectivas do presente e do futuro próximo (final dos anos 70) e, por fim, dá-se um quadro geral da "política do poder" internacional. [Nota informa que o autor do artigo é diretor da Divisão de Desenvolvimento Econômico da CEPAL]

Autores citados: BRONHEIM, David; GREIGH, T.; HARRISON, Lawrence; KAUFMAN, Edy; KISSINGER, Henry; KŇAKAL, Jan; MAY, H. K.; MEYER, Charles; PLANK, John N.; STANOVIK, Janos; WEINTRAUB, Sidney;

Iconografias:

Gráfico/Tabela: tabela, "Marginalização da América Latina do mercado dos Estados Unidos", [fonte: U. N. Statistical Yearbook e Monthly Bulletin of Statistics, 1961-1971].

Gráfico/Tabela: tabela, "América Latina: exportação de produtos manufaturados segundo destino", [fonte: Monthly Bulletin of Statistics, março e maio de 1967, 1971 e junho de 1971 e CEPAL].

Gráfico/Tabela: tabela, "Estados Unidos: importação de 14 produtos básicos da América Latina", [fonte: CEPAL, América Latina e a terceira UNCTAD].

Gráfico/Tabela: tabela, "América Latina: resumo da balança de pagamentos com os Estados Unidos".

Gráfico/Tabela: tabela, "América Latina: fluxos dos capitais oficiais e privados dos EUA".

Gráfico/Tabela: tabela, "América Latina: conta da inversão direta dos Estados Unidos".

*

GUARNIERI, Gianfrancesco; MAYRINK, Geraldo. Um grito parado no ar. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.01, p.89-94, out., 1973.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-chave: Brasil; Censura; Cultura; Década de 70; Público; Teatro

Notas de resumo:

Entrevista com Gianfrancesco Guarnieri que comenta suas peças teatrais: "Um Grito Parado no Ar" e "Botequim" e fala sobre a crise do teatro brasileiro. Problemas como a censura, que traz conseqüências como a desmotivação para escrever, a procura e elaboração de outros meios para desenvolver temas censurados, que neste caso aponta-se como um aspecto positivo, e ainda o problema de não saber o que as pessoas querem ver, pois elas já não podem optar, são apontados pelo entrevistado. A importância da TV e do contato entre palco e platéia também são destacados. [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: GODARD, Jean-Luc; PEDRO, Antônio; PEIXOTO, Antonio; PEIXOTO, Fernando; SHAKESPEARE, William;

Iconografias:

Foto: Gianfrancesco Guarnieri, por Iolanda Huzak, s/d.

*

CARDOSO, Fernando Henrique. Chile: um caminho possível. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.01, p.95-103, out., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Política

Palavras-chave: América Latina; Chile; Década de 70; Golpe militar; Guerra fria; Política

Notas de resumo:

Descrição e análise da ação dos partidos e dos movimentos populares perante uma tentativa de golpe militar contra o presidente Allende no Chile. Relato da posição das entidades sociais depois que Allende, numa reunião de trabalhadores da CUT, propôs "abertura de diálogo com setores de oposição não golpista". [Nota introdutória, s/crédito, o artigo foi escrito em agosto de 1973.]

*

CALLADO, Antonio. Destruição da natureza: ações e omissões. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.01, p.104-106, out., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Palavras-chave: Brasil; Ecologia; Instituições

Notas de resumo:

Discutem-se problemas relativos à questão ambiental: criação, por parte do governo, de Parques de Preservação Nacional; ausência de fiscalização da preservação e redução de tamanho destes parques; má atuação das agências oficiais como a FUNAI e o IBDF. [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: ROOSEVELT, Theodore;

*

BERNARDET, Jean-Claude. Uma crise de importância?. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.01, p.107-111, out., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Brasil; Cinema; Cinema Novo; Crítica; Cultura; Década de 70; Público

Notas de resumo:

Análise de depoimentos de cineastas brasileiros, publicados no semanário Opinião. Estes cineastas, fundadores do Cinema Novo, acreditam no cinema como veículo de massa. Sendo este o tema central do artigo, trabalha-se com a origem desta idéia e outros fatores que, do ponto de vista dos cineastas, a sustentam. [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: ANDRADE, Joaquim Pedro de; DIEGUES, Cacá; JABOR, Arnaldo; ROCHA, Glauber; ROZEMBERG, Luiz; VIANA, Zelito;

Iconografias:

Fotograma: s/título, s/d.

Publicidade: LTD/DATAMEC.

*

CARVALHOSA, Margarida; GRAEFF, Eduardo; KOWARICK, Lúcio. Os cidadãos da marginal. *Argumento - Revista Mensal de Cultura*, v.1, n°.01, p.112-131, out., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Sociologia

Palavras-chave: Brasil; Década de 70; São Paulo; Sociedade; Subdesenvolvimento

Notas de resumo:

Mostra-se, através de depoimentos, a vida, a história e os sonhos de alguns dos favelados do Jardim Panorama em São Paulo. Estes, em sua maioria nordestinos ou nortenses que vieram à procura de uma vida melhor, estão sendo obrigados a dar lugar à expansão da cidade. Paralelo a estes relatos e testemunhos, expõe-se pesquisas recentemente elaboradas, mostrando os baixos salários, a precariedade do regime alimentar nas favelas, o não acesso da população de baixa renda aos recursos urbanos e outros, dando assim um quadro geral da vida desta população em São Paulo. [Nota introdutória, s/crédito]

Iconografias:

Foto: fotos, de moradores e do Jardim Panorama - SP, s/crédito, s/d

*
CARVALHO, Flávio de. Flávio de Carvalho. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.01, p.132-142, out., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Nome pessoal como assunto: CARVALHO, Flávio de

Palavras-chave: Arte; Artes plásticas; Biografia; Brasil; Década de 70

Notas de resumo:

Série de desenhos de Flávio de Carvalho, intitulados "Minha mãe morrendo" e texto introdutório apresentando a biografia do artista.

Autores citados: BARDI, Pietro Maria; LORCA, Federico García; SALLES, (F. L. de) Almeida; SILVA, Quirino da;

Iconografias:

Foto: Flávio de Carvalho, por "Diários associados", 1956.

Reprodução: "Minha mãe morrendo", de Flávio de Carvalho, 1947, [Série "Minha mãe morrendo"].

Reprodução: "Retração dentro da morte", de Flávio de Carvalho, 1947, [Série "Minha mãe morrendo"].

Reprodução: reproduções, s/título, de Flávio de Carvalho, 1947, [Série "Minha mãe morrendo"].

*
AGUIAR, Flávio. "Numa tarde de junho (...)". (CARVALHO, Flávio de Rezende. "A origem animal de Deus e o bailado do Deus morto". São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.01, p.143-145, out., 1973.

Vocabulário controlado: RESENHA - Cultura

Palavras-chave: Brasil; Ironia; Religião; Teatro

Notas de resumo:

Resenha da obra que além de comportar dois ensaios que dão nome ao livro, traz também dois textos de Flávio de Carvalho sobre seu Teatro da Experiência, uma biografia do autor e uma carta de Menotti del Picchia contra o fechamento do Teatro, em 1933. O primeiro ensaio: "A origem animal de Deus", trata de uma definição e explicação da evolução formal da imagem divina. Isto devido a sua descrença em Deus. Quanto ao modo em que se encontra escrito o livro, procura-se mostrar que nem sempre é claro e que tem um imenso "arsenal irônico".

Autores citados: FREUD, Sigmund; PICCHIA, Menotti del;

*
GALVÃO, Maria Rita Eliezer. "Em meio à carência (...)". (PEREIRA, Geraldo Santos. "Plano geral do cinema brasileiro". Editor Borsoi, 1973). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.01, p.146-148, out., 1973.

Vocabulário controlado: RESENHA - Cultura

Palavras-chave: Brasil; Cinema; Crítica; Cultura

Notas de resumo:

Resenha que sintetiza a obra de Geraldo Santos Pereira como o resultado da experiência em vinte anos de "vivência dos problemas, de participação ativa em congressos e lutas reivindicatórias, de atuação enquanto realizador e crítico". O texto questiona a confiabilidade dos dados expostos sobre o cinema brasileiro,

considerando o livro "desequilibrado, descuidado e mal impresso", mas paradoxalmente importante. [Nota introdutória, s/crédito.]

Autores citados: GRIERSON, John; PEREIRA, Geraldo Santos; VIANY, Alex;

Iconografias:

Ilustração: desenho, ilegível, 1973.

*

SARMENTO, Paulo Sérgio Moraes. "Apesar de todo o (...)". (LOVE, Joseph. "Rio Grande do Sul and Brazilian Regionalism 1882-1930". Stanford, California: Stanford University Press, 1971, 311pp.). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.01, p.148-150, out., 1973.

Vocabulário controlado: RESENHA - História

Palavras-chave: Brasil; História; Política; República; Rio Grande do Sul

Notas de resumo:

Resenha da obra de Joseph Love, que além de fazer um estudo do papel do Rio Grande do Sul no sistema político brasileiro, também debate alguns problemas fundamentais da história da República. Informa-se que o estudo vai além dos limites espaciais propostos, mas que perde por "contentar-se com uma análise da história dos protagonistas situados nas classes dominantes". [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: LOVE, Joseph; RODRIGUES, José Honório;

*

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. "A introdução do livro (...)". (LOPEZ, Telê Porto Ancona. "Mário de Andrade: Ramais e Caminho". São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1972). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.01, p.150-152, out., 1973.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Estética; Folclore; Ideologia; Literatura; Modernismo

Notas de resumo:

Resenha apresenta o livro de Telê Porto Lopez que pretende mostrar que, "na trajetória literária do autor de Macunaíma, dois pontos se evidenciam: o sentido de compromisso, marcador da modernidade de seus primeiros trabalhos e a ligação com a produção literária popular." Cada capítulo é analisado levantando-se as principais questões expostas. [Nota informa que se trata da tese de doutoramento, defendida na Universidade de São Paulo, em 1970, s/crédito]

Autores citados: ANDRADE, Mário de; BRUHL, Levy; BURKHARIN; CLAUDEL, Paul; CUNHA, Euclides da; FRAZER, James G.; FREUD, Sigmund; KEYSERLING, Graf Hermann; LENIN; LIMA, Alceu Amoroso; LOPEZ, Telê Porto Ancona; MARITAIN, Jacques; MARX, Karl; ROMAIN, Jules; SUBIRAT; TROTSKI, Leon; TYLOR, E. B.; VERHAEREN, Émile; VIANA, Oliveira;

*

SARMENTO, Paulo Sérgio Moraes. "Assim como a construção (...)". (SCHMITTER, Philippe C. "Portugalização do Brasil?". University of Chicago, 1971). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.01, p.153-154, out., 1973.

Vocabulário controlado: RESENHA - Política

Palavras-chave: Brasil; Corporativismo; Política; Portugal; Revolução de 1930

Notas de resumo:

A resenha procura mostrar que o livro "Portugalização do Brasil?" é um estudo que "propõe verificar até que ponto as modificações introduzidas no sistema político após 1964 constituem uma variante da realização do corporativismo posto em prática após a revolução de 1930". Refere-se ainda à argumentação do escritor quando diz que "a fase populista e a fase 'autoritária' passam a ser duas realizações conjunturais da tendência corporativista implementada depois de 1930". Finalmente, compara-se a imagem que se tem do livro a um caleidoscópio, onde o observador não deve se apavorar com "as figuras inesperadas e por vezes tenebrosas" que possam aparecer, pois elas serão desfeitas e poderão surgir outras mais claras.

Autores citados: LINZ, Juan J.; SCHMITTER, Philippe C.;

*

KUGELMAS, Eduardo. "Analisando as relações Brasil (...)". (MARTINS, Carlos Estevan. "Brasil-Estados Unidos dos 60 aos 70". São Paulo: CEBRAP, caderno n. 9, 1972). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n.º.01, p.154-159, out., 1973.

Vocabulário controlado: RESENHA - Política

Palavras-chave: Brasil; Década de 60; Década de 70; Estados Unidos; Imperialismo; Política

Notas de resumo:

Destacam-se três etapas nas relações Brasil-Estados Unidos do ponto de vista da política governamental brasileira: o "anti-imperialismo", o "sub-imperialismo" e o "pré-imperialismo". O sustentáculo desta análise, de acordo com a resenha, é a caracterização das bases internas de cada um dos três momentos da política externa: nacional-populismo, base do anti-imperialismo, liberal-imperialismo, base do sub-imperialismo e nacional-autoritarismo, base do pré-imperialismo. Trabalha-se um pouco com estas bases, conceituando-as e dando suas origens e levantam-se ainda alguns problemas na análise, como a explicação do acirramento do conflito liberal-imperialismo/nacional-autoritarismo e finalmente informa-se que o artigo levanta problemas concretos, mas "as chaves explicativas" propostas não parecem aceitáveis. [Nota introdutória, s/ crédito]

Autores citados: ADDOR, Alexandre; CARDOSO, Fernando Henrique; MAGALHÃES, Juracy; MARTINS, Carlos Estevam; SERRA, José; TAVARES, Maria da Conceição;

Iconografias:

Publicidade: Livraria Ler.

Argumento n.º 2

*

GALBRAITH, John Kenneth. O poder e o economista útil. Trad. sem crédito, .
Argumento - revista mensal de cultura, v.1, n.º.02, p.05-17, nov., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Economia

Palavras-chave: Economia; Poder; Política

Notas de resumo:

Trata-se de uma análise da economia neoclássica e uma discussão do problema da "neutralidade da economia frente aos problemas da política e do poder." Uma das questões debatidas é a aceitação do poder (político) como parte do esquema econômico. [Nota introdutória informando que o artigo é um discurso que o autor, na qualidade de presidente da American Economic Association, faz para uma reunião desta organização em 1972.]

Autores citados: CHAVEZ, Cesar; KEYNES, John Maynard; LENIN; MISHAN, E. J.; NADER, Ralph;

Iconografias:

Ilustração: desenho, Alcindo Cruz, s/d.

*

LAFETÁ, João Luiz. Estética e ideologia: o Modernismo em 1930. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.02, p.18-31, nov., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Brasil; Crítica; Década de 30; Estética; Ideologia; Literatura; Modernismo

Notas de resumo:

Pretende-se, com este ensaio, mostrar "a tensão que se estabelece entre o projeto estético de vanguarda e o projeto ideológico da literatura brasileira dos anos 30". Para tanto, faz-se uma abordagem do projeto estético e do projeto ideológico da primeira fase do modernismo, e ainda uma contextualização do movimento dentro das questões sociais da época, inclusive do início dos anos 30, mostrando com isso a mudança que ocorre dentro do movimento, em relação ao projeto ideológico. Por fim trata-se de alguns autores e obras que se tornaram importantes a partir desta época e das progressivas mudanças que ocorreram na literatura no final da década de 30. [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: AMADO, Jorge; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Mário de; ANDRADE, Oswald de; ANJOS, Cyro dos; ARANHA, Graça; BARRETO, Lima; CAMPOS, Haroldo de; CARONE, Edgard; CORTÁZAR, Julio; CUNHA, Euclides da; FIGUEIREDO, Jackson de; FREYRE, Gilberto; HOLANDA, Sérgio Buarque de; LIMA, Jorge de; LOBATO, Monteiro; MACHADO, António de Alcântara; MELLO, Mário Vieira de; MARINETTI; MENDES, Murilo; PRADO JR., Caio; PRADO, Paulo; QUEIROZ, Rachel de; REGO, José Lins do; RAMOS, Graciliano; SCHMIDT, Augusto Frederico; SILVEIRA, Tasso da;

Iconografias:

Ilustração: desenho, s/título, Luis Trimano, 1973.

Fac-Símile: capa do periódico "Papel e tinta", n° 6, fevereiro de 1921, [Arquivo Mário de Andrade e/ou Coleção do Instituto de Estudos Brasileiros]

Reprodução: s/título, ilegível, s/d, [Arquivo Mário de Andrade e/ou Coleção do Instituto de Estudos Brasileiros]

Fac-Símile: carta escrita por V. Brecheret à Mário de Andrade, s/d, [Arquivo Mário de Andrade e/ou Coleção do Instituto de Estudos Brasileiros]

Reprodução: s/título, ilegível, s/d, [Arquivo Mário de Andrade e/ou Coleção do Instituto de Estudos Brasileiros]

Reprodução: s/título, Tarsila do Amaral, s/d, [Arquivo Mário de Andrade e/ou Coleção do Instituto de Estudos Brasileiros]

Reprodução: "Desenho", Vicente do Rego Monteiro, 1923, [Coleção particular, São Paulo]

Reprodução: "Caricatura de Mário de Andrade", Di Cavalcanti, 1928, [Coleção particular, São Paulo]

Reprodução: s/título, ilegível, s/d, [Arquivo Mário de Andrade e/ou Coleção do Instituto de Estudos Brasileiros]

Reprodução: "Mário de Andrade", Beatrix Sherman, 1922, [Arquivo Mário de Andrade e/ou Coleção do Instituto de Estudos Brasileiros]

Reprodução: s/título, Di Cavalcanti, s/d, [Arquivo Mário de Andrade e/ou Coleção do Instituto de Estudos Brasileiros]

Reprodução: "Paisagem", Tarsila do Amaral, s/d, [Coleção Milton Guper, São Paulo]

Reprodução: s/título, s/crédito, s/d, [Arquivo Mário de Andrade e/ou Coleção do Instituto de Estudos Brasileiros]

*

LAFER, Celso. Estado e sociedade no Brasil: problemas de planejamento. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.02, p.32-44, nov., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Política

Palavras-chave: Brasil; Economia; Estado; Política; Sociedade

Notas de resumo:

Trata-se, neste artigo, da relação entre Estado e sociedade no Brasil, tendo como ponto de partida e de chegada a inserção do processo de planejamento. Abordase, primeiramente, a relação Estado e Sociedade e verificam-se as causas que levaram o Brasil ao processo de planejamento governamental. Em seguida comenta-se o Plano Nacional de Desenvolvimento (governo Kubitschek) e, por fim, faz-se uma análise da execução do Plano de Metas. [Nota informa que o artigo é uma conferência pronunciada na Universidade de São Paulo em 08/02/73.]

Autores citados: CAMPOS, Roberto; CROZIER, Michel; DELFIM NETTO, Antonio; DEUTSCH, Karl; HIRSCHMAN, Albert O.; JAGUARIBE, Helio; LIPSET, S. M.; O'DONNELL, Guillermo; QUADROS, Jânio; SIMON, Herbert; TAVARES, Maria da Conceição; WEFFORT, Francisco C.;

Iconografias:

Ilustração: desenhos, Carlos Clémen, 1973.

*

CUNHA, Luiz Antônio Rodrigues da. "O milagre brasileiro" e a política educacional. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.02, p.45-55, nov., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Educação

Palavras-chave: Brasil; Década de 60; Década de 70; Educação; Política

Notas de resumo:

Análise e discussão das medidas de política educacional adotadas desde 1968: "A análise aqui apresentada volta-se para os aspectos conjunturais do processo educacional, ou seja, os resultantes das novas funções econômicas assumidas pelo Estado na atual fase de desenvolvimento do país", afirma o autor. [Nota introdutória, sem crédito.]

Autores citados: PASSARINHO, Jarbas; SINGER, Paul; VELOSO, João Paulo dos Reis;

Iconografias:

Publicidade: Arredamento/ CCE.

*
JAGUARIBE, Helio. Mudança política: revolução e reforma. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.02, p.56-71, nov.,1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Política

Palavras-chave: América Latina; Política; Revolução; Sociedade

Notas de resumo:

Procura-se, neste artigo, definir o que são os "Meios de mudança política" e o que são os "Modos de mudança política", desfazendo confusões semânticas comuns que norteiam estes termos. Demonstram-se as relações entre estes termos, as diferenças entre revolução e reforma, as características do conteúdo da mudança política, entre outros aspectos. [Nota informa que este artigo é a versão em português, ainda inédita, do capítulo 6 do livro "Sociedade, Mudança e Política" (Vol. I da coleção em três volumes). O original, recentemente publicado por Harper & Row, de N. York, intitula-se "Political Development - A general theory and a Latin American case study".]

Autores citados: ARISTÓTELES; BELLAH, Robert; BERNSTEIN, Eduard; CLISTENES; CASSIRER, Ernest; COLE, Margaret; GAY, Peter; CONDORCET, Marquês de; HUNTINGTON, Samuel P.; JOHNSON, Chalmers; HAZARD, Paul; JOLL, James; KAHLER, Eric; LABECZ, Leopold; LASKI, Harold; LOCKE, John; LUTTWAK, Edward; MARK, Franz; MARX, Karl; MILL, John Stuart; MONTESQUIEU; NOCK, A. D.; ROUSSEAU, Jean-Jacques; SALOMON, Albert; SHAW, Bernard; SÓLON; WEBER, Alfred;

Iconografias:

Ilustração: desenho, Luis Trimano, s/d.

Publicidade: Grupo Financeiro Novo Rio.

*
ANDRADE, Jorge; ROSENFELD, Anatol. Teatro ou televisão?. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.02, p.72-77, nov., 1973.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Nome pessoal como assunto: ANDRADE, Jorge

Palavras-chave: Brasil; Cultura; Década de 70; Indústria cultural; Teatro; Televisão

Notas de resumo:

Nesta pequena entrevista, tem-se Jorge Andrade falando da questão de ter sido esquecido pelos encenadores; da crise do teatro brasileiro; do novo trabalho na televisão; do romance que ainda não concluiu e da desistência definitiva, no momento, do teatro. "Eu me senti como uma pessoa que se tivesse proposto uma meta a atingir, e que tinha atingido." [Texto introdutório apresentando o entrevistado, s/crédito.]

Autores citados: BECK, Julian; CORREA, José Celso Martinez; DIEGUES, Cacá; FREYRE, Gilberto; KLOTSCH, Andreas; LEE, Wesley Duke; MALINA, Judith; McLUHAN, Marshall; MENDES, Murilo; VERÍSSIMO, Érico;

Iconografias:

Ilustração: desenho, s/crédito, s/d.

*
BERNARDET, Jean-Claude. Joana Francesa, um filme fechado?. *Argumento -*

revista mensal de cultura, v.1, n°.02, p.78-81, nov., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Brasil; Cinema; Crítica; Estética

Notas de resumo:

A causa mais evidente que torna o filme "Joana Francesa" fechado é a estruturação da metáfora dentro da lógica interna do filme. Além da análise desta causa, fala-se ainda da colocação de Joana num nível mítico; do diálogo simbólico dos elementos naturais (água e fogo) e do caráter mecânico do encadeamento dos fatos no filme. [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: DIEGUES, Cacá;

Iconografias:

Fotograma: fotografias, "Joana Francesa", s/crédito, s/d, de Cacá Diegues.

*

BERNARDET, Jean-Claude. Um circuito para a criatividade. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.02, p.82-84, nov., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Brasil; Cinema; Década de 70; Eventos; Indústria cultural; Mercado; Público

Notas de resumo:

Abordagem de alguns documentários da "I Jornada Nordestina de Curta Metragem" e análise da proposta "mais interessante" lançada no encontro: "(...) baratear as produções e estabelecer novas vias de contato com o público para o que há de verdadeiramente criativo no cinema brasileiro." [Nota introdutória, sem crédito]

Autores citados: GIL, Gilberto; RICARDO, Sérgio; VELOSO, Caetano;

Iconografias:

Ilustração: desenho, Carlos Clémen, 1973.

Publicidade: Editora Paz e Terra.

*

SOUZA, Gilda de Mello e. A retrospectiva de Milton Dacosta. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.02, p.85-90, nov., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Nome pessoal como assunto: COSTA, Milton da

Palavras-chave: Arte; Artes plásticas; Brasil; Crítica; Década de 70; Eventos

Notas de resumo:

Comentário sobre a exposição "Retrospectiva de Milton Dacosta", feita no Rio de Janeiro, que se apresenta fragmentária e não abrange a totalidade das fases pelas quais passou o pintor, porém mostra o sentido geral de sua trajetória e sua evolução. Outras questões como o porquê da sua última fase: "fase das vênus", também é comentada. [Nota introdutória, sem crédito.]

Autores citados: ARNOLFINI; CÉZANNE, Paul; COSTA, Milton da; CRANACH, Lucas; EYCK, Jean Van; DEVERIA; FOCILLON, Henri; FRANCESCA, Piero Della; GAVARNI; HOLBEIN; INGRES, Jean-Auguste Dominique; MANET, Edouard; PICASSO, Pablo; PISANELLO; PORTINARI, Candido; UCCELLO, Paolo;

Iconografias:

Ilustração: desenho, "Milton Dacosta", Petchó, 1973.

Reprodução: "Vênus"/ "Cabeça com chapéu" de Milton Dacosta, 1971 e 1958 (respectivamente).

*

CALLADO, Antonio. Trinta milhões de mudos. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.02, p.91-97, nov., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Economia

Palavras-chave: Brasil; Década de 70; Economia; Nordeste; Subdesenvolvimento

Notas de resumo:

Ê a partir das entrelinhas do livro de Rubens Vaz Costa, "O primeiro passo", principalmente da página 157, "onde se fala na queda do volume de incentivos fiscais devotados ao nordeste", que se baseia este ensaio sobre a situação social do nordeste. Trata-se da renda per capita; do "silêncio" dos habitantes frente sua situação e da legislação que regula os incentivos fiscais do nordeste. [Nota introdutória, sem crédito]

Autores citados: COSTA, Rubens Vaz da; FURTADO, Celso; ROOSEVELT, Theodore; VIANA, Oliveira;

Iconografias:

Foto: fotos, s/título, Iolanda Huzak, s/d.

*

KOLLWITZ, Kâthe. Kâthe Kollwitz. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.02, p.98-112, nov., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Nome pessoal como assunto: KOLLWITZ, Kâthe

Palavras-chave: Alemanha; Arte; Artes plásticas; Biografia; Cultura; Guerra

Notas de resumo:

Série de obras de Kâthe Kollwitz: "Levante dos Tecelões" e "Guerra dos Camponeses". Precede as obras uma apresentação da biografia da artista.

Autores citados: MICHELANGELO;

Iconografias:

Reprodução: "Nunca mais Guerra", Kâthe Kollwitz, 1924, [cartaz, litografia].

Reprodução: "Mulher ao lado do berço", Kâthe Kollwitz, 1898.

Reprodução: "Revolta", Kâthe Kollwitz, 1899.

Reprodução: "Dança em torno da guilhotina", Kâthe Kollwitz, 1901.

Reprodução: "Afiando a gadanha", Kâthe Kollwitz, 1905, [Série "Guerra dos camponeses", gravura]

Reprodução: "Prisioneiros", Kâthe Kollwitz, 1908, [Série "Guerra dos camponeses", gravura]

Reprodução: "Penúria", Kâthe Kollwitz, 1893/97, [Série "Levante dos tecelões", litografia].

Reprodução: "Marcha dos tecelões", Kâthe Kollwitz, s/d, [Série "Levante dos tecelões", gravura].

Reprodução: "Assalto", Kâthe Kollwitz, s/d, (Série "Levante dos tecelões", gravura].

Reprodução: "Fim", Kâthe Kollwitz, s/d, (Série "Levante dos tecelões", gravura].

Reprodução: "Irrupção", Kâthe Kollwitz, 1901/02, [Série "Guerra dos camponeses", gravura].

Reprodução: "Morte", Käthe Kollwitz, s/d, [Série "Levante dos tecelões", litografia].
Reprodução: "Deliberação", Käthe Kollwitz, s/d, (Série "Levante dos tecelões", gravura).

Reprodução: "O povo se arma", Käthe Kollwitz, 1900 (Série "Guerra dos camponeses, gravura].

*

ARRIGUCCI JR., Davi. Contorno da poética de Pablo Neruda. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.02, p.113-117, nov., 1973.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Nome pessoal como assunto: NERUDA, Pablo

Palavras-chave: América Latina; Crítica; Literatura; Poesia; Poética

Notas de resumo:

Traçam-se, neste artigo, os limites e a estrutura da poética de Pablo Neruda: "uma poética do excesso". Para tanto se levantam questões como: a retórica, exercendo uma função estrutural decisiva; sua concepção do fazer poético; "a tentativa vertiginosa para converter a multiplicidade em unidade" e ainda compara-se o poeta a outros grandes poetas latino-americanos.

Autores citados: BORGES, Jorge Luis; BRECHT, Bertolt; CALDERÓN, Alfonso; CERVANTES, Miguel de; COUFFON, Claude; GENETTE, Gérard; GATELL, Angelina; GÓNGORA, (Luis de Argote y); LIMA, José Lezama; HUIDOBRO, Vincente; LORCA, Federico García; MAIAKÓVSKI, Vladímir; LOYOLA, Hernán; MALLARMÉ, Stéphane; PARRA, Nicanor; NERUDA, Pablo; PAZ, Octavio; POUND, Ezra; QUEVEDO, Francisco de; SPITZER, Leo; VALLEJO, Cesar; VEGA, Lope de; VICO, Giambattista; WHITMAN, Walt; YURKIEVICH, Saul;

*

NERUDA, Pablo. Em torno de uma poesia impura. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.02, p.118-126, nov., 1973.

Vocabulário controlado: POEMA(S)

Notas de resumo:

Série de poesias e fragmentos de poesias de Pablo Neruda.

Iconografias:

Ilustração: desenho, Elifas Andreato, 1973.

*

GERBER, Raquel. "A publicação nos grandes (...)". (ESTÉVE, Michel e outros. "Le cinéma Novo Brésilien", vol I, 'Lettres Modernes'. Paris: Minard, 1973.).
Argumento - revista mensal de cultura, v.1, n°.02, p.127-130, nov., 1973.

Vocabulário controlado: RESENHA - Cultura

Palavras-chave: Brasil; Cinema; Cinema Novo; Cultura; França

Notas de resumo:

A revista "Études Cinématographiques" dedicou dois cadernos especiais ao cinema novo brasileiro. Esta resenha refere-se ao primeiro volume onde se encontram ensaios de Michel Estève e de vários outros críticos franceses. Enfatiza-se, principalmente, a importância do cinema novo aqui no Brasil e lá fora e transcrevem-se partes de várias declarações dos cineastas brasileiros contidas no livro e também citações dos críticos autores deste livro, fazendo um resumo do que seria a obra: um debate sobre o cinema novo brasileiro. [Nota

introdutória, sem crédito]

Autores citados: BELMANS, Jacques; BERNARDET, Jean-Claude; DAHL, Gustavo; DIEGUES, Cacá; EISENSTEIN, Sergei; GILI, Jean A.; GODARD, Jean-Luc; GUERRA, Ruy; POUDOVKINE, Vsevolod I.; PRÉDAL, René; RAMOS, Graciliano; ROCHA, Glauber; SANTOS, Nelson Pereira dos; SARNO, Geraldo; TESSIER, Max; TONACCI, Andréa; WELLES, Orson;

Iconografias:

Ilustração: desenhos, de Nelson Pereira dos Santos/ Carlos Diegues, por Carlos Clémen, 1973.

*

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. "Como o próprio autor (...)". (DOURADO, Autran. "Uma poética do romance". São Paulo: Editora Perspectiva, Instituto Nacional do Livro, 1973). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.02, p.130-132, nov., 1973.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Literatura; Narrativa; Poética; Romance

Notas de resumo:

A resenha define o livro como a narração da experiência de escrever romances e a teorização desta experiência. Aprofunda-se a questão da abertura da estrutura do texto e aproxima-se o conceito de abertura da obra resenhada com o da "Obra Aberta" de Umberto Eco. Ainda, levantam-se alguns aspectos do romance "O Risco do Bordado", sobre o qual se baseia a obra. [Nota introdutória, sem crédito]

Autores citados: ASSIS, Machado de; BROCH, Herman; CERVANTES, Miguel de; DOURADO, Autran; ECO, Umberto; GOLDMANN, Annie; JOYCE, James; LUKÁCS, Georg; POE, Edgar Allan; ROSA, Guimarães; WÖLFFLIN, Heinrich;

*

AGUIAR, Flávio. "'João Caetano', de Décio (...)". (PRADO, Décio de Almeida. "João Caetano: o ator, o empresário, o repertório". São Paulo: Editora Perspectiva, Editora da Universidade de São Paulo, 1972). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.02, p.132-134, nov., 1973.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Nome pessoal como assunto: CAETANO, João

Palavras-chave: Biografia; Brasil; Cultura; Século XIX; Teatro

Notas de resumo:

Resenha de uma biografia de João Caetano, que mostra "a luta de um pioneiro e o nascimento do teatro nacional", combinando "rigor histórico com o sabor de romance." [Nota informa que se trata da tese de doutoramento do autor do livro, apresentada à Universidade de São Paulo]

Autores citados: ALENCAR, José de; CAETANO, João; GOLDMANN, Lucien; PRADO, Décio de Almeida; SHAKESPEARE, William;

Iconografias:

Ilustração: desenho, de João Caetano, por Luis Trimano, s/d.

*

ROSENFELD, Anatol. "Existe uma diferença entre (...)". (DUVIGNAUD, Jean.

"Sociologia do Comediante", trad. Hesíodo Facó, Zahar Editores, 1972.).
Argumento - revista mensal de cultura, v.1, n°.02, p.134-135, nov., 1973.

Vocabulário controlado: RESENHA - Cultura

Palavras-chave: Personagem; Representação; Sociedade; Teatro

Notas de resumo:

A resenha indica que o livro traz vários problemas de interpretação e de ortografia, mas apesar disso "é leitura obrigatória para os estudiosos do teatro", pois trata da função social do ator.

Autores citados: BRANDES, Georg; BRECHT, Bertolt; DIDEROT, Denis; DUVIGNAUD, Jean; IBSEN, Henrik; KLEIST, Jean Paul;

*

MENDES, Miriam Garcia. "O cinema, mais do (...)". (GOMES, Dias. "Teatro de Dias Gomes". São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, Coletânea, 2vol., 1973).
Argumento - revista mensal de cultura, v.1, n°.02, p.135-137, nov., 1973.

Vocabulário controlado: RESENHA - Cultura

Nome pessoal como assunto: GOMES, Dias

Palavras-chave: Brasil; Crítica; Cultura; Teatro; Televisão

Notas de resumo:

A resenha informa que o livro "Teatro de Dias Gomes", traz toda a obra teatral deste autor e ainda comentários de vários críticos renomados; aponta os vários momentos por que passou Dias Gomes, comprovando suas diferenças pelas próprias obras.

Autores citados: ALBEE, Edward; CORTÁZAR, Julio; FRANCIS, Paulo; GOMES, Dias; GULLAR, Ferreira; MAGALDI, Sábado; MICHALSKY, Yan; MILLER, Arthur; RANGEL, Flávio; ROSENFELD, Anatol; SUASSUNA, Ariano;

Iconografias:

Ilustração: desenho, de Dias Gomes por Marcy, s/d.

*

MATOS, Carlos Eduardo Silveira. "Toda religião tem seus (...)". (POULANTZAS, Nikos. "Fascismo y Dictadura - La III Internacional Frente al Fascismo", México: Siglo XXI Editores S. A., 1971). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.02, p.137-142, nov., 1973.

Vocabulário controlado: RESENHA - História

Palavras-chave: Ditadura; Europa; Fascismo; História; Política

Notas de resumo:

A resenha resume o livro a um "trabalho de crítica dos estudos históricos" referentes ao primeiro período pós-guerra e informa que este "fornece elementos bastante satisfatórios para a compreensão da crise europeia deste período". O que é o fascismo, o processo de fascitização, as relações do fascismo e a pequena burguesia, a ascensão do fascismo e a situação do proletariado europeu são as questões discutidas a partir da opinião de outros estudiosos do assunto. [Nota introdutória, sem crédito]

Autores citados: ALTHUSSER, Louis; GRAMSCI, Antonio; LENIN; MUSSOLINI, Benito; NOLTE, Ernst; POULANTZAS, Nikos; TASCA, Angelo; TROTSKI, Leon;

Iconografias:

Ilustração: desenhos, s/crédito, s/d.

*

SARMENTO, Paulo Sérgio Moraes. "Os textos reunidos (...)". (GARCÉS, Joan E. "Chile el camino político hacia el socialismo". Barcelona: Ariel, 1972, 273 p.). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.02, p.142-146, nov., 1973.

Vocabulário controlado: RESENHA - Política

Palavras-chave: América Latina; Chile; Década de 70; Política; Socialismo

Notas de resumo:

O livro, que foi escrito simultaneamente ou logo após a campanha presidencial de Salvador Allende, em 1970, é formado por cinco ensaios que a resenha não se limita a resumir mas sim, examinar "alguns eixos em torno dos quais se orienta a configuração proposta por Garcés para o 'caminho político para o socialismo'". Aponta-se como uma inovação o fato de Garcés ter percebido "a tripolização como condição essencial para a esquerda obter maioria relativa nas eleições presidenciais."

Autores citados: ALLENDE, Salvador; DEBRAY, Regis; GARCÉS, Joan E.; HUNTINGTON, Samuel P.; JOXE, Alain; LIPSET, S. M.; MALRAUX, André;

Iconografias:

Publicidade: Editora Paz e Terra/ Editora Civilização Brasileira

Argumento n° 3

*

Argumento. "Com o sentimento de (...)". *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.03, p.03, jan., 1974.

Vocabulário controlado: INFORME

Nome pessoal como assunto: ROSENFELD, Anatol

Palavras-chave: Brasil; Intelectual; Morte

Notas de resumo:

Abre a revista o registro de morte de Anatol Rosenfeld, "membro da Comissão de Redação e um dos intelectuais mais nobres e lúcidos que atuavam em nossa cultura."

Autores citados: ROSENFELD, Anatol;

Iconografias:

Foto: Anatol Rosenfeld, s/crédito, s/d.

*

FERNANDES, Florestan. Reforma universitária e mudança social. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.03, p.05-23, jan., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Educação

Palavras-chave: Brasil; Década de 60; Década de 70; Educação; Sociedade; Universidade

Notas de resumo:

Análise da reforma universitária (déc.60) que tem como questão central o fato de que esta, assim que se tornou um movimento social, com objetivos e propostas para tornar a universidade brasileira integrada multifuncional, teve que enfrentar a resistência dos círculos conservadores preponderantes na época, pois descobriu que seria impossível "mudar a universidade sem transformar a sociedade". [Nota

informa que este artigo é uma versão condensada de um esquema de exposição explorado em várias palestras, conferências ou mesas redondas, realizadas em 1968.]

Autores citados: FORACCHI, Marialice Mencarini; GORZ, André; NABUCO, Joaquim; TORRES, Alberto;

Iconografias:

Ilustração: desenho, Elifas Andreato, 1973.

Publicidade: Arredamento.

*

FURTADO, Celso. O modelo brasileiro. Trad. ADDOR, Carlos Augusto. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.03, p.24-35, jan., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Economia

Palavras-chave: Brasil; Economia; Industrialização; Política; Subdesenvolvimento

Notas de resumo:

Investigação que procura mostrar por que mesmo com um "progresso técnico e os decorrentes incrementos de produtividade", continua havendo o subdesenvolvimento. Além disso demonstra também que uma "política de desenvolvimento" voltada a satisfazer os altos níveis de consumo de uma minoria da população (Brasil), faz com que haja maiores dificuldades sociais e aumenta o custo social de um sistema econômico. [Nota informa que este texto faz parte do livro "The political Economy of Development and Underdevelopment", editado por Charles K. Wilber.]

Autores citados: LEWIS, Arthur; WILBER, Charles K.;

Iconografias:

Foto: fotomontagem, Alcindo Cruz Maciel, s/d

Publicidade: CCE.

*

RAMA, Ángel. Um processo autonômico: das literaturas nacionais a literatura latino-americana. Trad. DEOLA, Nestor. *Argumento - Revista Mensal de Cultura*, v.1, n°.03, p.36-49, jan., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: América Latina; Crítica; Cultura; História; Literatura

Notas de resumo:

Análise que procura demonstrar que não se tem uma obra que unifique toda a literatura latino-americana. Expõe-se uma série de críticas das obras que escreveram sobre esta literatura, delineando assim a base de um projeto de integração. Entre os problemas levantados temos o esquecimento das literaturas indígenas e de língua francesa, a separação da literatura hispano-americana da literatura brasileira e questões de terminologia. [Nota introdutória, s/crédito.]

Autores citados: ALEXIS, Jacques Stephan; AMADO, Jorge; ANCHIETA, José de; ARGUEDAS, José Maria; AUBRUN, Charles Vincent; AZÚA, Luis Jiménez de; BANDEIRA, Manuel; BASTIDE, Roger; BAZIN, Robert; BELLEYARDE, Dantès; BELLINI, Giuseppe; BELLO, Andrés; CALDERÓN, Ventura Garcia; CANEDO, Joaquim Díez; CASAS, Bartolomé de las; CASO, Antonio; COESTER, Alfred; CESAIRE, Aimé; COUTINHO, Afrânio; DARÍO, Rubén; CROW, John A.; FANON, Franz; ENGLEKIRK, John E.; FEBRES, Gonzalo Picón; FERREIRA, João Francisco; FREYRE, Gilberto; GALLO, Ugo; HERSKOVITS, Melville J.;

HESPELT, E. Hernan; IMBERT, Henrique Anderson; JAKOBSON, Roman; LEGUIZAMÓN, Julio A.; LEONARD, Irving A.; MONTERDE, Francisco; MARTÍ, José Farabundo; ONÍS, Federico; ORTIZ, Fernando; PELAYO, Marcelino Menéndez y; PIETRI, Arturo Uslar; PIMENTEL, Francisco; PRADA, Manuel Gonzáles; PRINCE-MARS, Jean; RAMOS, Arthur; RODÓ, José Enrique; REID, John T.; RIOSECO, Arturo Torres; ROXLO, Carlos; ROMERO, Silvio; SAHAGÚN; SÁNCHEZ, Luis Alberto; SARMIENTO, Domingo Faustino; TORRE, Victor Raúl Haya de la; UGARTE, Manuel; UREÑA, Pedro Henriquez; VALDÉS, Ildefonso Pereda; VASCONCELOS, José; VAVAL, Duraciné;

Iconografias:

Ilustração: desenho, Luis Trimano, 1973.

Publicidade: Editora Civilização Brasileira.

*

OKABE, Hiroji. Algumas reflexões sobre a formação do capitalismo japonês.

Argumento - revista mensal de cultura, v.1, n°.03, p.50-63, jan., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Economia

Palavras-chave: Capitalismo; História; Japão

Notas de resumo:

"Neste ensaio temos um esboço do processo de formação do capitalismo japonês, e a crítica das comparações históricas mecanicistas" enfatizando os aspectos internos, principalmente, as relações de produção. [Nota introdutória, s/ crédito]

Autores citados: ALCOK, R.; ENGELS, Friedrich; ILITCH, Vladimir; ITAGAKI, Taisuke; IWASAKI, Yataro; MARX, Karl; MORIYA, Fumio; NORO, Eitaro; PERRY, Mathew G.; SAGARA, Sozo; TAKASUGI, Shinsaku; YAMADA, Moritaro;

Iconografias:

Publicidade: Editora Paz e Terra.

*

OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e. O mulato, um obstáculo epistemológico.

Argumento - revista mensal de cultura, v.1, n°.03, p.64-73, jan., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Sociologia

Palavras-chave: Brasil; Negros; Racismo; Relações raciais

Notas de resumo:

O livro de Carl N. Degler, "Neither Black nor White: Slave and the United States", 1970, dá base a este ensaio que faz "uma reflexão sobre os mitos e fatos do sistema brasileiro de relações raciais". O livro, mais especificamente, trata das "diferenças significativas nas relações entre os dois povos, através da origem do mulato como um tipo socialmente aceito." [Nota introdutória, s/ crédito]

Autores citados: ALEIJADINHO; ANTONIL, André João; ASSIS, Machado de; BACHELARD, Gaston; BARRETO, Lima; BASTIDE, Roger; BERGHE, Pierre L. van den; DAVIS, David Brion; DEGLER, Carl; DORNAS FILHO, João; DIAS, Henrique; FANON, Franz; FERNANDES, Florestan; FONER, Laura; FRANCO, Francisco Soares; FREYRE, Gilberto; GENOVESE, Eugene D.; HARRIS, Marvin; HERSKOVITS, Melville J.; IANNI, Octavio; LEITE, José Correia; MOREIRA, Renato Jardim; NABUCO, Joaquim; NASH, Roy; REBOUÇAS, André; SARTRE, Jean-Paul; SZEVED Jr., John D.; VERÍSSIMO, José; WHITTEN, Norman E.;

Iconografias:

Ilustração: desenho, Elifas Andreato, 1973.

*
PALLOTINI, Renata. Amor ao amador. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.03, p.74-80, jan., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Brasil; Censura; Cultura; Década de 70; São Paulo; Teatro

Notas de resumo:

O texto resume o que foi e o que é no momento (déc.70), o teatro amador de São Paulo. Dá a definição deste tipo de teatro; trata das várias federações existentes no estado; do avanço que ocorreu e levanta alguns fatos que fazem o teatro amador correr perigo de vida. [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: ANDRADE, Jorge; ARISTÓFANES; BOAL, Augusto; BRECHT, Bertolt; DIAS, Gonçalves; ÉSKUÍLO, ; GOLDONI, Carlo; GOMES, Dias; GORKI, Máximo; JARRY, Alfred; MAGNO, Paschoal Carlos; MESQUITA, Alfredo; MOLIÈRE, Olina Enrique; PENA, Martins; PRADO, Décio de Almeida; SHAKESPEARE, William; SILVEIRA, Miroel; SOUZA, J. Galante de;

Iconografias:

Ilustração: desenho, Carlos Clémen, 1973.

*
CACASO, (Pseud. de Antonio Carlos de Brito); HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Nosso verso de pé quebrado. *Argumento - Revista Mensal de Cultura*, v.1, n°.03, p.81-95, jan., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Brasil; Crítica; Década de 70; Eventos; Literatura; Poesia; Poesia marginal

Notas de resumo:

Análise do porquê do surto de poesia da "geração mimeógrafo", sua atual situação e comentário sobre a "Expoesia I", que tinha como objetivo uma retrospectiva dos movimentos de vanguarda e o levantamento de áreas de produção poética (poesia sonora, visual e escrita). [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: ALENQUER, Gleidson; ALMEIDA, Lyad de; ANDRADE, Carlos Drummond de; ANDRADE, Oswald de; AUGUSTO, Eudoro; BASTOS, Ronaldo; BUARQUE, Chico; CAMPOS, Augusto de; CAMPOS, Haroldo de; CARDOSO, Manoel J.; CHACAL, ; CHAMIE, Mário; CIRNE, Moacy; ELIOT, T. S.; FÉLIX, G.; FONTES, Luís Olavo; GIL, Gilberto; HENRIQUES NETO, Afonso; IVO, Lêdo; JARDIM, Reynaldo; LIMA, Alceu Amoroso; LITRENTO, Oliveiros; MACALÉ, Jards; MACIEL, Luís Carlos; MATOS, Gramiro de; MATOS, Gregório de; MATTOS, Florisvaldo; McLUHAN, Marshall; MELO NETO, João Cabral de; NEJAR, Carlos; PESSOA, Fernando; PONTUAL, Roberto; SÁ, Álvaro de; SALOMÃO, Waly; SANT'ANNA, Afonso Romano de; SANTEIRO, Sérgio; SANTOS, Nelson Pereira dos; SANTOS, Y. P. dos; SOUSÂNDRADE, Joaquim de; SOUTO, Marco Antônio Maia; TOLENTINO, Bruno Lúcio; VIGNOLE, Maria Tereza; WILLIAMS, William Carlos;

Iconografias:

Foto: fotos, da Expoesia I, s/crédito, s/d.

Publicidade: Editora Civilização Brasileira.

*
CARPEAUX, Otto Maria. Notas de Semântica. *Argumento - revista mensal de*

cultura, v.1, n°.03, p.96-101, jan., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Lingüística

Palavras-chave: Linguagem; Lingüística; Semântica

Notas de resumo:

Tomando posse de palavras utilizadas em vários sentidos, inclusive em outras línguas, demonstra-se, neste pequeno texto, a importância da contextualização e as dificuldades que a semântica resolve. [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: BEAUMARCHAIS; COKE, Edward; HOLANDA, Aurélio Buarque de; LITTLETON; MANNHEIM, Karl;

Iconografias:

Ilustração: desenho, Chico Caruso, s/d.

*

BERNARDET, Jean-Claude. Choveu na caatinga?. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.03, p.102-105, jan., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Brasil; Cinema; Cinema Novo; Crítica; Década de 70; Eventos; Sociologia; Universidade

Notas de resumo:

Este pequeno texto nos fala sobre o I Encontro do Cinema na Universidade, que reuniu majoritariamente cineastas ligados ao Cinema Novo e que, segundo o autor, não apresentou novidades, destacando-se apenas o enfoque sociológico. [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: ALMEIDA, Neville Duarte de; DAHL, Gustavo; FARIAS, Roberto; GOMES, Paulo Emilio Salles; HIRSZMAN, Leon; JABOR, Arnaldo; PIERRE, Sylvie; SANTEIRO, Sérgio;

Iconografias:

Foto: fotomontagens, de "Leon Hirszman"/ "Roberto Farias"/ "Gustavo Dahl"/ "Neville Duarte de Almeida", s/crédito, s/d.

Publicidade: Alitalia.

*

D'HORTA, Arnaldo Pedroso. Bienal de que? Por que? Com quem? Para quem?. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.03, p.106-117, jan., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Arte; Crítica; Década de 70; Eventos; São Paulo

Notas de resumo:

Uma "grave tendência antiarte, nascida no seio da própria arte (...)", é nisso que se resume o pensamento do autor em relação a XII Bienal de São Paulo. Mostrando o papel fundamental das primeiras bienais, o autor questiona a necessidade de uma bienal como essa, que não teve critérios de seleção, nem diretor, preponderando um "ecumenismo anarquizante". [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: ADAM, Georges; BAUM, Donald; BENTIVOGLIO, Mirella; BONFIM, Paulo; BRANCUSI, Constantin; BRAQUE, Georges; CRAVO NETO, Mário; CALDER, Alexandre; ENSOR, James; CALZORARI, Pier Paolo; FELLINI, Federico; FRESNAIS; GISCHIA, León; GRIS, Juan; KANDINSKI; KLEE, Paul; LUGAN, Luis; KOKOSCHKA, Oskar; MARCHAND, André; LAURENS, Henri; MAREINES, Sulamita; MARINI, Marino; MEDEIROS, Anderson; MOORE, Henry;

MUNCH, Edward; PICASSO, Pablo; PONTE, Amalia Del; RICHIER, Germaine; SEVERINI, Gino; TÂPIES, Antonio; YAMAGUCHI; ZEVI, Bruno;

Iconografias:

Foto: instalação "Os dois colchões brancos" de Pier Paolo Calzorari, s/crédito, s/d, [Bienal de 1973].

Foto: instalação "Os painéis brancos cercados de luz neón" de Mirella Bentivoglio, s/crédito, s/d, [Bienal de 1973].

Foto: instalação "Cabana" de Amalia Del Ponte, s/crédito, s/d, [Bienal de 1973].

Foto: instalação "O interior da sala Zen com o fio luminoso colorido que desce do teto" de Giancarlo Zen, s/crédito, s/d, [Bienal de 1973].

Foto: instalação "Espaço coberto de terra com parede preta ao fundo" de Mario Cravo Neto, s/crédito, s/d, [Bienal de 1973].

Foto: fotos, da instalação "As máquinas uivantes" de Luiz Lugan, s/crédito, s/d, [Bienal de 1973].

Foto: obra "Cacho de ex-votos" de Aderson Medeiros, s/crédito, s/d, [Bienal de 1973].

Foto: obra "Projeto índio" da equipe de Santa Catarina, s/crédito, s/d, [Bienal de 1973].

*

PEIXOTO, Fernando. Uma reflexão sobre a traição.. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.03, p.118-124, jan., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Brasil; Crítica; Cultura; Década de 70; Literatura; Teatro; Traição

Notas de resumo:

Parte-se da invasão holandesa do século XVII e da análise da peça "Calabar", para centrar-se no tema da traição. [Nota introdutória com versos da canção "Calabar". Artigo escrito no Rio de Janeiro em outubro de 1973.]

Autores citados: BRECHT, Bertolt; BUARQUE, Chico; ERASMO; GUERRA, Ruy; LIMA SOBRINHO, Barbosa; LOSEY, Joseph; RIBEIRO, Joaquim; RODRIGUES, José Honório; VIEIRA, (Pe.) Antônio;

*

XAVIER, Ismail. Em torno de São Bernardo. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.03, p.125-130, jan., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: Brasil; Cinema; Década de 70

Notas de resumo:

O filme "São Bernardo" apresenta-se com uma proposta de linguagem rica em possibilidades dentro das alternativas do cinema brasileiro, além de ser uma retomada de significações do romance de Graciliano Ramos. A análise, além de centrar-se nesta questão, trata também do cinema "atual", ou seja, da produção cinematográfica daquele momento. [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: ANDRADE, Joaquim Pedro de; BRESSANE, Júlio; CANDIDO, Antonio; COUTINHO, Carlos Nelson; HIRSZMAN, Leon; RAMOS, Graciliano; SANTOS, Nelson Pereira dos; SANTOS, Roberto;

Iconografias:

Foto: Leon Hirszman dirigindo Othon Bastos em "São Bernardo", s/crédito, s/d.

Fotograma: "São Bernardo", s/d, de Leon Hirszman.

*

CUCÑA, Newton Martinez. "Entre Brecht, Genet, Strindberg (...)". (BUARQUE, Chico e GUERRA, Ruy. "Calabar, o elogio da traição". Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1973.). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.03, p.131-132, jan., 1974.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Brasil; Cultura; Década de 70; Literatura; Teatro; Traição

Notas de resumo:

Sobre a peça teatral: "Calabar, o Elogio da Traição", agora também em livro, não faltaram nesta resenha elogios, principalmente em se tratando de sua boa base histórica, de sua poesia e de sua temática polêmica.

Autores citados: ANDRADE, Oswald de; BERGMAN, Ingmar; BRECHT, Bertolt; BUARQUE, Chico; BUÑUEL, Luis; CASALS, Pablo; GENET, Jean; GIACOMETTI, Alberto; GUERRA, Ruy; IONESCO, Eugène; JARRY, Alfred; NETSCHER; PEIXOTO, Fernando; PICASSO, Pablo; PIRANDELLO, Luigi; ROSEWICZ, Tadeu; STRINDBERG, Johan August; VARNHAGEN, Francisco Adolfo de; ZADKINE, Ossip;

Iconografias:

Foto: fotomontagem, s/título, s/crédito, s/d.

*

ROSENFELD, Anatol. "O pensamento de Georg (...)". (VINNAI, Georg. "Fussballsport als Ideologie (O Futebol como Ideologia)". Francfort: Europäische Verlagsanstalt, 1970.). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.03, p.132-134, jan., 1974.

Vocabulário controlado: RESENHA - Sociologia

Palavras-chave: Cultura; Futebol; Ideologia; Sociologia

Notas de resumo:

O livro "Fussballsport als Ideologie" (O Futebol como Ideologia) do autor fortemente influenciado pela Escola de Sociologia de Frankfurt, basicamente quer mostrar, segundo a resenha, que o futebol é utilizado como instrumento de manipulação das massas. A resenha deixa mais claro o significado desta tese e aponta algumas falhas, ou melhor, alguns fatos que deveriam ser levados em consideração. [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: ADORNO, Theodor W.; FREUD, Sigmund; HABERMAS, Jürgen; HEGEL; HORKHEIMER, Max; MARCUSE, Herbert; MARX, Karl; VINNAI, Georg;

*

MENDES, Miriam Garcia. "As tentativas de assimilar (...)". (GROTOWSKI, Jerzy. "Em busca de um teatro pobre". Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1973.). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.03, p.134-136, jan., 1974.

Vocabulário controlado: RESENHA - Cultura

Palavras-chave: Cultura; Público; Representação; Teatro

Notas de resumo:

No livro "Em busca de um teatro pobre", temos como questões principais: o ator

como eixo da representação, o "teatro da pobreza" e o teatro como um ato de transgressão. Mas segundo o autor, têm-se alguns problemas como o fato de o método de preparação do ator não capacitá-lo, salvo exceções, a representar qualquer tipo de teatro; em relação ao público, o fato de o teatro ser "um teatro para poucos"; e por fim, o fato de o texto, na maioria das vezes, ser usado como "pretexto para a encenação." [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: APPIA, Adolf; ÊSQUILO; GROTOWSKI, Jerzy; PLANCHON, Roger; SHAKESPEARE, William;

Iconografias:

Ilustração: desenho, Carlos Clémen, s/d.

*

FAUSTO, Boris. "É possível escrever um (...)". (BANDEIRA, Moniz. "Presença dos Estados Unidos no Brasil". Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1973.). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.03, p.136-138, jan., 1974.

Vocabulário controlado: RESENHA - História

Palavras-chave: Brasil; Estados Unidos; História; Política; República Velha

Notas de resumo:

O livro resenhado destaca principalmente as relações entre os grandes centros capitalistas e os países subdesenvolvidos e sua importância para o estudo do fim da República Velha. A resenha apresenta uma crítica à metodologia utilizada no livro, que traz problemas no equilíbrio entre estrutura e acontecimento, e ainda, na "percepção dos acontecimentos relevantes que provocam ou aceleram a mudança estrutural." [Nota introdutória, s/crédito.]

Autores citados: BANDEIRA, Moniz;

*

BARBOSA, João Alexandre. "O tom do livro (...)". (MERQUIOR, José Guilherme. "A astúcia da mimese: ensaios sobre lírica". Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.03, p.138-141, jan., 1974.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: Crítica; Linguagem; Lirismo; Literatura; Mimesis; Poesia

Notas de resumo:

A questão principal do livro, segundo a resenha, é a tese "de que entre a representação poética e a referencialidade da linguagem há situações sutis de equilíbrio que é preciso captar e determinar." Além de uma abordagem desta tese, discute-se ainda a mimesis e a análise da obra de João Cabral de Melo Neto que aparece no livro.

Autores citados: ADORNO, Theodor W.; ALVIM, Francisco; ANDRADE, Carlos Drummond de; ARISTÓTELES; AUERBACH, Erich; BEDATE, Pilar Gomez; BENJAMIN, Walter; BROOKS, Cleanth; CAPINAN; CRESPO, Angel; FIGUEIREDO, Fidelino de; GARCIA, Othon Moacyr; HOUAISS, Antonio; INGARDEN, Roman; JAKOBSON, Roman; JAMESON, Fredric; MALLARMÉ, Stéphane; MELO NETO, João Cabral de; MENDES, Murilo; MERQUIOR, José Guilherme; PEIRCE, Charles Sanders; PLATÃO; RILKE, Rainer Maria; SHKLOVSKY; TINIANOV, Iúri; TODOROV, Tzvetan; WELLEK, René; WIMSATT JR., William K.;

Iconografias:

Ilustração: desenho, Carlos Clémen, s/d.

*

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon de. "O ano de 1972 (...)". (DURAND, Claude. DULONG, Renaud. ERBÈS-SEGUIN, Sabine. DUBOIS, Pierre et. al. "Grèves Revendicatives ou Grèves Politiques?". Paris: Anthropos, 1971.). *Argumento - Revista Mensal de Cultura*, v.1, n°.03, p.141-145, jan., 1974.

Vocabulário controlado: RESENHA - Sociologia

Palavras-chave: Década de 60; França; Política; Sindicalismo; Sociologia

Notas de resumo:

O livro, que é um "balanço da participação do operariado francês no movimento de maio de 1968, feito pelo Laboratório de Sociologia da École Pratique des Hautes Études", mostra, segundo a resenha, diferentes pontos de vista deste movimento, apresentando uma diversidade de enfoques metodológicos e uma certa unidade teórica. Porém, trata pouco do aspecto sócio-econômico do movimento, e por isso afirma-se que as interpretações gerais tendem a negar qualquer conotação política às reivindicações sindicais.

Autores citados: ALTHUSSER, Louis; DUBOIS, Pierre; DULONG, Renaud; DURAND, Claude; ERBÈS-SEGUIN, Sabine; GOLDTHORPE, John H.; LOCKWOOD, D.; MALLET, Serge; POULANTZAS, Nikos; TOURAINE, Alain; VIDAL, Daniel;

Iconografias:

Ilustração: desenho, Luis Trimano, 1973.

*

Argumento. "Se é verdade que (...)". *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.03, p.145, jan., 1974.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-chave: Arte; Brasil; Cultura; Década de 70; Museu; São Paulo

Notas de resumo:

O informe homenageia e apresenta o Museu Lasar Segall que se tornou um dos mais importantes centros culturais da cidade de São Paulo, e também divulga suas atividades. [O artigo não traz assinatura.]

Autores citados: SEGALL, Lasar;

*

Argumento. "O arbítrio e a (...)". *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.03, p.146, jan., 1974.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-chave: América Latina; Autoritarismo; Censura; Década de 70; Periodismo; Política; Repressão

Notas de resumo:

A revista vem através deste texto registrar e lastimar o fechamento da revista peruana "Política y Sociedad". Faz também uma crítica ao governo militar peruano, que nos últimos tempos vem fazendo uma grande pressão autoritária com ameaças a jornalistas, intelectuais e no último mês a expulsão de Anibal Quijano e Julio Cotler, diretores da referida revista. [Nota introdutória, s/crédito]

Autores citados: COTLER, Julio; QUIJANO, Anibal;

Argumento n° 4

*

LIMA SOBRINHO, Barbosa. O enfoque histórico do desenvolvimento econômico. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.05-17, fev., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Economia

Palavras-chave: Economia; Estados Unidos; História; Japão; Subdesenvolvimento

Notas de resumo:

O desenvolvimento, em vez de ser uma situação atingida inevitavelmente por todos os países, é um objetivo nunca alcançado por muitos. A partir desta visão mostra-se porque alguns países se desenvolveram e outros não; o caminho que estes países percorreram para chegarem ao desenvolvimento e qual a importância do capital estrangeiro. Para analisar estas questões são utilizados como exemplo alguns países como a França, os EUA e o Japão. [Nota informa que este ensaio foi lido na Universidade de Juiz de Fora, a convite do Diretório Central dos Estudantes]

Autores citados: BARAN, Paul; BODIN, Jean; CAREY, Henry; CARNEGIE, Andrew; CASTRO, Fidel; COLBERT, Jean Baptiste; CONRAD, J.; COUTINHO, Azevedo; DUKE, James; FORD, John; HAMILTON, Alexander; HARRIS, Bernard; HAUSER, Arnold; HAZLEWOOD, Arthur; HIGGINS, Benjamin; HOLANDA, Sérgio Buarque de; LATTES, Robert; LEOB, G. F.; LEWIS, Arthur; LIMA, Oliveira; LIST, Friedrich; McCULLOGH; McMILLAN, James; MONTCH RÉTIEN, Antoine de; MYRDAL, Gunnar; NILES; NORMANO, E. J. F.; PONT, Coleman du; RAE; RAYMOND, Alex; ROCKFELLER, John; ROSTOW; SAMUELSON, Paul; SÉE, Henri; SMITH, Adam; TOCQUEVILLE, Alexis de; VILLEY, Daniel; WASHINGTON, Jorge;

Iconografias:

Publicidade: Editora Paz e Terra.

*

SCHWARZ, Roberto. Criando o romance brasileiro. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.18-47, fev., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Literatura

Palavras-chave: Brasil; Crítica; Literatura; Romance

Notas de resumo:

O ensaio trata do processo de imigração do romance realista para o Brasil. Dá ênfase a análise da obra "Senhora" de José de Alencar, pois serve de exemplo para explicar como ocorreu a criação do romance brasileiro sob as influências do modelo europeu. [Nota introdutória, sem crédito. Conforme informação do corpo do texto, este artigo é parte de um estudo, do mesmo autor do artigo, sobre Machado de Assis.]

Autores citados: ADORNO, Theodor W.; ALENCAR, José de; ALTHUSSER, Louis; ALVIM, Clarinda; ANDRADE, Oswald de; ASSIS, Machado de; BALZAC, Honoré de; BENJAMIN, Walter; BYRON, Lord; CANDIDO, Antonio; CHATEAUBRIAND, Assis; COOPER, Charles; COUTINHO, Afrânio; DEAN, Warren; DUMAS FILHO, Alexandre; FEUILLET, Octave; FOUCAULT, Michel; HUGO, Victor; JAMES, Henry; LUKÁCS, Georg; LAMARTINE; MACEDO,

Joaquim Manoel de; MAQUIAVEL, Nicolau; NABUCO, Joaquim; PORTIA; RODRIGUES, Nelson; SARTRE, Jean-Paul; SCOTT, Walter; SHYLOCK; SUE, Eugène (Joseph Marie); TREVISAN, Dalton; VELOSO, Caetano; VIGNY, Alfred de; WEBER, Max;

Iconografias:

Ilustração: desenho, Clémen, 1974.

Reprodução: "Machado de Assis", s/crédito, s/d.

Reprodução: "José de Alencar", s/crédito, s/d.

*

GIANNOTTI, José Arthur. O contexto e os intelectuais . *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.49-59, fev., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Sociologia

Palavras-chave: Ciência; Década de 70; Estado; Intelectual

Notas de resumo:

Trata-se, neste ensaio, da situação da ciência e principalmente dos intelectuais frente ao estado. A importância do trabalho intelectual e sua relação com o estado; o trabalho intelectual e o capital e, ainda, a função crítica do intelectual, são algumas questões discutidas que contribuem na análise desta situação. [Nota informando que este texto serviu de base para uma conferência no Instituto de Estudos Políticos, Econômicos e Sociais, do M. D. B. do Rio Grande do Sul, a 25 de outubro de 1973.]

Iconografias:

Ilustração: desenho, Elifas Andreato, 1974.

Publicidade: CCE.

*

CARONE, Modesto. "Anatol Rosenfeld afirmou, certa (...)". *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.60, fev., 1974.

Vocabulário controlado: APRESENTAÇÃO

Palavras-chave: Brasil; Cultura; Futebol

Notas de resumo:

Pequeno texto que antecede e trata do ensaio "O futebol no Brasil" de Anatol Rosenfeld. Homenageia o autor e sua interpretação dos vários dados sobre o futebol expostos no ensaio.

Autores citados: ROSENFELD, Anatol;

*

ROSENFELD, Anatol. O futebol no Brasil. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.61-85, fev., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Sociologia

Palavras-chave: Brasil; Futebol; História; Sociedade

Notas de resumo:

Através de um "esboço histórico" do futebol, da apresentação dos seus aspectos econômicos, dos aspectos psico-sociais e da catarse das massas, pretende-se com este artigo, contribuir para o conhecimento da atual sociedade brasileira.

Autores citados: AMELIA, Anna; AZEVEDO, Fernando de; BRANCO, Camilo Castelo; BUGGENHAGEN, Arnold von; BUYTENDIJK, F. J. J.; CAVALHEIRO, Edgar; COELHO NETO, Paulo; CORREA, Floriano Peixoto; FIGUEIREDO, Antônio; FREYRE, Gilberto; GASSET, José Ortega y; GRANET, Mareel;

HUIZINGA, Johan; LESSA, Orígenes; LOBATO, Monteiro; MACHADO, António de Alcântara; MAZZONI, Thomas; MILLIET, Sérgio; PICKFORD, R. W.; RAMOS, Arthur; RODRIGUES FILHO, Mário; SCHILLER, Friedrich;

Iconografias:

Foto: Charles Miller, s/crédito, s/d, [Extraída da coleção "História do futebol brasileiro" da EDOBRAS]

Foto: São Paulo Athletic, s/crédito, 1895. [Extraída da coleção "História do futebol brasileiro" da EDOBRAS]

Foto: Mackenzie College, s/crédito, 1896. [Extraída da coleção "História do futebol brasileiro" da EDOBRAS]

Foto: "Os primeiro jogos", s/crédito, s/d, [Extraída da coleção "História do futebol brasileiro" da EDOBRAS]

Foto: Hercules de Miranda, s/crédito, s/d, [Extraída da coleção "História do futebol brasileiro" da EDOBRAS]

Foto: "O torcedor", s/crédito, s/d, [Extraída da coleção "História do futebol brasileiro" da EDOBRAS]

Foto: Artur Friedenreich, s/crédito, s/d, [Extraída da coleção "História do futebol brasileiro" da EDOBRAS]

Foto: Leonidas da Silva, s/crédito, s/d, [Extraída da coleção "História do futebol brasileiro" da EDOBRAS]

Foto: Fotos, s/título, s/crédito, s/d, [Extraída da coleção "História do futebol brasileiro" da EDOBRAS]

*

CARPEAUX, Otto Maria. Anatol Rosenfeld. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.86-87, fev., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO

Nome pessoal como assunto: ROSENFELD, Anatol

Palavras-chave: Biografia; Brasil; Intelectual

Notas de resumo:

O texto conta a história de Anatol Rosenfeld, que fazia parte da comissão de redação desta revista e que morre em fins de 1973. Fala de sua vinda para o Brasil e de sua ascensão como intelectual.

Autores citados: BRECHT, Bertolt; ROSENFELD, Anatol;

Iconografias:

Foto: Anatol Rosenfeld, s/crédito, s/d.

*

ARRABAL, José; BELÉM, Almério; KÜHNER, Maria Helena; MICHALSKY, Yan; MIRANDA, Carlos; MIRANDA, Orlando; MONTENEGRO, Fernanda; PAIVA, José Maria Bezerra; PEIXOTO, Fernando; TORRES, Fernando. Teatro: um plano para milhões. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.88-99, fev., 1974.

Vocabulário controlado: ENTREVISTA

Palavras-chave: Brasil; Censura; Década de 70; Estado; Política; Teatro

Notas de resumo:

A entrevista gira em torno do Plano de Ação Cultural, "através do qual o MEC pretende montar uma infraestrutura de apoio aos diferentes setores da atividade cultural." Os entrevistados dão seu ponto de vista sobre o plano, tentam defini-lo,

mostram sua importância, mas, principalmente, sua limitação frente a censura. [Nota introdutória, sem crédito]

Autores citados: BRITO, Sérgio; FERREIRA, Procópio; MEDICI, Pedro Lourenço de; RODRIGUES, Filinto; STANISLAVSKI, Constantin; VINCI, Leonardo Da;

*

CONDE, Roberto Cortés. Argentina: chaves para decifrar um enigma. Trad. LÔBO, Flávia M. da Silveira. *Argumento - Revista Mensal de Cultura*, v.1, n°.04, p.100-107, fev., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Política

Palavras-chave: América Latina; Argentina; Década de 70; Política; Sociedade

Notas de resumo:

A instabilidade política que caracteriza a Argentina desde 1930, tem como causa, segundo o artigo, o "alto grau de participação popular no processo político", e "a rapidez com que se desencadeou". Apesar da organização e conscientização da classe operária argentina, do avançado movimento sindical e até da profissionalização da força militar, o que se quer não são mudanças radicais e sim estabilidade política. Só que esta só será alcançada quando todos os grupos sociais respeitarem as regras a muito esquecidas. [Nota informa que o autor do artigo é um historiador argentino, professor da Universidade de Yale e, atualmente, dirige o Instituto Torcuato Di Tella, instituição de pesquisa em economia e ciências sociais da Argentina.]

Iconografias:

Ilustração: desenhos, Carlos Clémen, 1974.

*

GALL, Norman. Carnaval em Caracas. Trad. ALMEIDA, Paulo de. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.108-117, fev., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Política

Palavras-chave: América Latina; Década de 70; Economia; Política; Venezuela

Notas de resumo:

A proximidade de uma nova eleição na Venezuela faz repensar o que o país viveu nos últimos anos e assim deixar claro o que estará em jogo nesta eleição. Trata-se, portanto, neste artigo, dos partidos políticos venezuelanos e da importância do petróleo para o regime político deste país. [Nota introdutória, sem crédito, artigo extraído do The New York Review of Books.]

Autores citados: AHUMADA, Jorge; ALEXANDER, Robert J.; ALFONSO, Juan Pablo Pérez; BAKUNIN, Mikhail Aleksandrovit; BREZHNEV, Leonid; CARÍAS, Germán; LANDINEZ, Victor M. Gimenez; LEVINE, Daniel H.; LIENEW, Edwin; LLOSA, Mário Vargas; MÁRQUEZ, Gabriel García; MARTZ, John D.; MARX, Karl; MENDONZA, Plinio Apuleyo; PETKOFF, Teodoro; POWELL, John Duncan; RAY, Talton F.; WARRINER, Doreen;

Iconografias:

Ilustração: desenho, sem crédito, s/d.

*

D'HORTA, Arnaldo Pedroso. Nossa política habitacional. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.118-124, fev., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Sociologia

Palavras-chave: Brasil; Década de 70; Política; Sociologia; Subdesenvolvimento; Urbanismo

Notas de resumo:

Notícias gerais sobre problemas habitacionais são intercaladas por reportagens sobre a sofisticação do novo prédio do BNH. [Nota introdutória informa que o artigo traz uma "coletânea demonstrativa organizada mediante o recorte de notícias publicadas pela imprensa diária, no período que vai de janeiro de 1971 a outubro de 1973.", sem crédito.]

Autores citados: MEIRELLES, Domingos;

Iconografias:

Ilustração: quadrinhos, Chico, s/d.

Publicidade: Editora Civilização Brasileira.

*

ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon de. Aventuras no planeta Psi. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.126-136, fev., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Psicanálise

Palavras-chave: Ciência; Psicanálise; Psiquiatria

Notas de resumo:

A partir do livro "Le Psychanalysme", de Robert Castel, mostram-se algumas razões para o surgimento de uma corrente global que critica a instituição médica, em especial a psiquiátrica, mas deixa-se claro que o livro reconhece o valor científico da psicanálise. Por fim, trata-se da discussão dos cientistas sociais com os analistas sobre a "cumplicidade entre a instituição psicanalítica e a ordem social prevalescente", indicando-se a posição do autor do livro sobre tal discussão. [Nota informa que o artigo parte do livro de Robert Castel, "Le Psychanalysme", Paris, François Maspero, 1973.]

Autores citados: BASAGLIA, Franco; BENOIST, J. M.; BOURDIEU, Pierre; CASTEL, Robert; CAYATTE, André; FREUD, Sigmund; COOPER, David; FEDIDA, Pierre; GENTIS, R.; GOFFMAN, Erving; FOUCAULT, Michel; LACAN, Jacques; HOSCHMANN, J.; LAGACHE, Daniel; LAING, Ronald D.; LAPASSADE, George; LECLAIRE, Serge; LIMA, R. D.; LIPSET, S. M.; LOURAU, René; MILLS, C. Wright; MISRAHI, Colette; MONNONI, Maud; MORIN, Edgar; ROSSANDA, Rossana; PASSERON, Jean-Claude; TOURAINÉ, Alain;

Iconografias:

Ilustração: desenhos, Carlos Clémen, 1974.

*

TRABA, Marta. XIIª Bienal: lista sumária de sobreviventes. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.137-144, fev., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Cultura

Palavras-chave: América Latina; Arte; Década de 70; Eventos

Notas de resumo:

Análise da Bienal de São Paulo (1973) que tem, "cada vez mais, um resultado claro: o de servir como testemunho de que as bienais deveriam desaparecer". O porquê desta afirmação e a situação dos artistas latino-americanos na bienal são os temas desenvolvidos neste artigo. [Nota informa que a autora é fundadora e diretora, por dez anos, do Museu de Arte Moderna de Bogotá, é natural da Argentina e ainda é romancista e crítica de arte.]

Autores citados: ALCALÁ; ALCÁNTARA, Pedro; AMAYA, Arnaldo Ramírez; CABALLERO, Luis; DÍAS, Luis; FAVRE, Indiana; HOMAR, Lorenzo; IANELLI, Arcangelo; KANDINSKI; LEVI, Clovis; MRÁZEK, Bohdan; OTHAKE, Tomie; RODA, Juan Antonio; SALDANHA, Ione; SEGALL, Lasar; SANTANDER, Cristina; VILLALBA, Dario; WILSON, Karl;

Iconografias:

Reprodução: "Pês", de Dario Villalba, s/d, [Espanha].

Reprodução: "Mane and hairdress", de Karl Wilson, s/d, [Estados Unidos].

Reprodução: "Pintura Anedótica", de Luís Caballero, s/d [Colômbia].

Reprodução: "Retrato de um desconhecido" de Juan Antonio Roda, s/d, [Colômbia].

Reprodução: "Conference de presse", de Bohdan Mrázek, s/d, [Tchecoslováquia].

*

RAMA, Angel. "Cortázar definiu como o (...)". (CORTÁZAR, Julio. "Libro de Manuel". Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1973.). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.145-148, fev., 1974.

Vocabulário controlado: RESENHA - Literatura

Palavras-chave: América Latina; Crítica; Literatura; Sexualidade

Notas de resumo:

Além de um comentário geral das várias linhas que percorrem a obra, mostra-se a irrupção da descoberta do universo da sexualidade na obra cortaziana e a volta do discurso crítico sobre a literatura e a arte. Afirma-se ainda que o livro mostra-se como um grande projeto, mas que as linhas traçadas não chegam a "convergir", e que não é "a grande obra de compromisso e risco que dele se pode esperar", mas "um testemunho, por vezes impressionante, do nosso presente". [Nota introdutória, sem crédito e epígrafe de Júlio Cortázar.]

Autores citados: BATAILLE, Georges; BERTOLUCCI, Bernardo; BORGES, Jorge Luis; CERVANTES, Miguel de; CORTÁZAR, Julio; FRANCO, Jean; FREUD, Sigmund; GOETHE; JOYCE, James; KLOSSOWSKI, Pierre; MARECHAL, Leopoldo; MILLET, Kate; SOLAR, Xul; STOCKHAUSEN, Karlheinz;

Iconografias:

Foto: Júlio Cortázar, s/crédito, s/d.

*

MONTEIRO, João Paulo. "Desde o título, o (...)". (LAUNAY, Michel. "Jean-Jacques Rousseau Écrivain Politique". Cannes e Grenoble, C.E.L.-A.C.E.R., 1971.). *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.148-150, fev., 1974.

Vocabulário controlado: RESENHA - Sociologia

Nome pessoal como assunto: ROUSSEAU, Jean-Jacques

Palavras-chave: Biografia; Política; Sociologia

Notas de resumo:

Trata-se do aspecto biográfico da obra, da noção de contrato social de Rousseau, da noção de desigualdade e por fim faz-se uma comparação do resultado da análise deste livro com um outro estudo sobre Rousseau.

Autores citados: HOBBS, Thomas; LAUNAY, Michel; LOCKE, John; PRADO JR., Bento; ROUSSEAU, Jean-Jacques; SPINOZA, (Baruch);

Iconografias:

Publicidade: Editora Paz e Terra.

*
KÜHNER, Maria Helena. "A tomada de consciência (...)". (BOAL, Augusto. "Categorias do Teatro Popular". Buenos Aires: Ediciones CEPE, 1972.).
Argumento - revista mensal de cultura, v.1, n°.04, p.151-153, fev., 1974.

Vocabulário controlado: RESENHA - Cultura

Palavras-chave: Cultura; Engajamento político; Teatro

Notas de resumo:

A resenha trata de cada categoria do teatro popular exposta no livro e afirma que esta não é uma mera divisão e sim "(...) etapas progressivas, de uma visão de teatro (...), capaz de levar a uma real participação popular no processo de criação e desenvolvimento de uma cultura popular (...)". [Nota introdutória, sem crédito.]

Autores citados: BOAL, Augusto; BRECHT, Bertolt; COPFERMAN, Émile; PICASSO, Pablo; PISCATOR, Erwin; PLANCHON, Roger; SARTRE, Jean-Paul;

Iconografias:

Ilustração: desenho, de Augusto Boal, por Carlos Clémen, s/d.

*
VIANNA, Luiz Werneck. "Uma certa tradição, mais (...)". (MACPHERSON, C. B.. "La Teoría política del individualismo posesivo". Barcelona: Editora Fontanella, 1970.).
Argumento - revista mensal de cultura, v.1, n°.04, p.153-157, fev., 1974.

Vocabulário controlado: RESENHA - Política

Palavras-chave: Análise do discurso; Instituições; Liberalismo; Política

Notas de resumo:

"Através de uma análise interna do discurso liberal clássico a tentativa de demonstrar que a crise das instituições democrático-liberais radica na oposição entre padrões valorativos mutuamente inconciliáveis." Tal afirmação resume o livro em questão e demonstra sua contribuição para as reflexões sobre a crise das instituições democrático-liberais. [Nota introdutória, s/ crédito]

Autores citados: CROMWELL, Thomas; GRAMSCI, Antonio; HARRINGTON; HOBBS, Thomas; LOCKE, John; MACPHERSON, C. B.; WEBER, Max;

*
CANDIDO, Antonio. *Libertas quae sera tamen*. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.158, fev., 1974.

Vocabulário controlado: ENSAIO - Política

Palavras-chave: Autoritarismo; Década de 70; Democracia

Notas de resumo:

Através de uma antiga petição, que se referia à mudança do nome de uma rua chamada Sabiá para Liberdade, faz-se uma pequena reflexão sobre o que representa a liberdade. [O autor do texto assinou como A.C..]

Autores citados: ANDRADE, Mário de; MIGUEZ, Leopoldo;

*
PEIXOTO, Fernando. *Histórico de um aborto*. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.159, fev., 1974.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-chave: Brasil; Censura; Cultura; Década de 70; Teatro

Notas de resumo:

Trata-se do histórico da peça teatral "Calabar, o elogio da traição", que apesar de ter sido censurada e depois liberada, não chegou a estrear, pois novamente não lhe deram o direito de nascer.[O autor do texto assinou como F.P..]

Autores citados: BUARQUE, Chico; CAYMI, Dori; EICHBAUER, Hélio; GUERRA, Ruy; KAMPL, Zdeneck; LOBO, Edu; MAGALHÃES, Rosa; MASETTI, Mário; TORRES, Fernanda; TORRES, Fernando;

*

GOMES, Paulo Emilio Salles. Boletim de Ariel. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.159, fev., 1974.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-chave: Brasil; Crítica; Cultura; Década de 70; Literatura; Periodismo

Notas de resumo:

Pequeno texto tratando da revista "Boletim de Ariel", que supostamente voltou a circular e tem como maior colaborador Afrânio Coutinho. No último número se volta para "nossas instituições e nossos costumes". [O autor do texto assinou como P. E..]

Autores citados: BRAYNER, Sonia; COUTINHO, Afrânio; HOLLANDA, Heloisa Buarque de; OITICICA, José; ROCHA, Glauber;

*

Argumento. Tribuna livre. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.160, fev., 1974.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-chave: Brasil; Cultura; Década de 70; Periodismo

Notas de resumo:

Apresentação dos editores, dos propósitos e das publicações do primeiro número da revista "Debate e Crítica", lançada em novembro de 1973.

Autores citados: CARDOSO, Fernando Henrique; FERNANDES, Florestan; IANNI, Octavio; LEITE, Dante Moreira; MARTINS, José de Souza; PINSKY, Jaime; QUEIROZ, Maurício Vinhas de; ROSENFELD, Anatol; SINGER, Paul; TAVARES, Zulmira Ribeiro;

*

SANTEIRO, Sérgio. O direito de nascer do cinema brasileiro. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.160-161, fev., 1974.

Vocabulário controlado: INFORME

Palavras-chave: Brasil; Censura; Cinema; Cultura; Dadaísmo; Década de 70

Notas de resumo:

Para um filme circular nas casas cinematográficas brasileiras tem de ser analisado por uma comissão que, a partir de suas condições técnicas, dará um certificado de filme brasileiro. Tendo alguns filmes não recebido este certificado, faz-se um pedido para que se repare o atraso da concessão deste certificado, pois "com certeza estarão afirmando mais um marco na evolução cinematográfica brasileira".[O autor do texto assinou como S.S..]

Autores citados: BRESSANE, Júlio; SARACENI, Paulo César; SGANZERLA, Rogério;

*
GOMES, Paulo Emilio Salles. Memórias de Carolina Nabuco. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.161, fev., 1974.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Palavras-chave: América Latina; Década de 70; Política; Relações sociais

Notas de resumo:

Carolina Nabuco é irmã de Maurício, embaixador brasileiro em Washington. Transcreve-se neste pequeno texto uma parte de uma carta de Carolina aos pais, quando estava em companhia de seu irmão. Neste fragmento ela fala de uma reunião dos "chefes-de-missão-latino-americanos" de que seu irmão participou, onde fica claro como se dá o relacionamento entre os nortes americanos e os latinos americanos.[O autor do texto assinou como P. E..]

Autores citados: NABUCO, Carolina;

Iconografias:

Publicidade: Editora Paz e Terra.

*
GOMES, Paulo Emilio Salles. Com Arnaldo Pedroso d'Horta na idade do ouro. *Argumento - revista mensal de cultura*, v.1, n°.04, p.162, fev., 1974.

Vocabulário controlado: DEPOIMENTO

Nome pessoal como assunto: D'HORTA, Arnaldo Pedroso

Palavras-chave: Biografia; Brasil; Comunismo; Intelectual

Notas de resumo:

Depoimento que trata da vida de Arnaldo Pedroso d'Horta, que sonhava com uma juventude comunista ampla e dinâmica, e que foi rigoroso em sua ideologia até seu último dia.

Autores citados: D'HORTA, Arnaldo Pedroso;

Iconografias: Foto: Arnaldo Pedroso d'Horta, s/crédito, s/d.

6 - Estatística de autores colaboradores

Campo:	Percentual:
GOMES, Paulo Emilio Salles	4, 40
BERNARDET, Jean-Claude	4, 40
ROSENFELD, Anatol	4, 40
PEIXOTO, Fernando	3, 30
SARMENTO, Paulo Sérgio Moraes	3, 30
D'HORTA, Arnaldo Pedroso	2, 20
LEITE, Lígia Chiappini Moraes	2, 20
FURTADO, Celso	2, 20
CANDIDO, Antonio	2, 20
CALLADO, Antonio	2, 20
MENDES, Miriam Garcia	2, 20
RAMA, Ángel	2, 20
CARPEAUX, Otto Maria	2, 20
AGUIAR, Flávio	2, 20
ALBUQUERQUE, José Augusto Guilhon de	2, 20
KÜHNER, Maria Helena	2, 20
GALL, Norman	1, 10
GALVÃO, Maria Rita Eliezer	1, 10
GALBRAITH, John Kenneth	1, 10
GERBER, Raquel	1, 10
FERNANDES, Florestan	1, 10
GIANNOTTI, José Arthur	1, 10
FAUSTO, Boris	1, 10
CUNHA, Luiz Antônio Rodrigues da	1, 10
CUCÑA, Newton Martinez	1, 10
CONDE, Roberto Cortés	1, 10
CARVALHO, Flávio de	1, 10
KOWARICK, Lúcio	1, 10
CARONE, Modesto	1, 10
CARDOSO, Fernando Henrique	1, 10
CACASO, (Pseud. de Antonio Carlos de Brito)	1, 10
BELÉM, Almério	1, 10
BARBOSA, João Alexandre	1, 10
ARRIGUCCI JR., Davi	1, 10
ARRABAL, José	1, 10
ANDRADE, Jorge	1, 10
CARVALHOSA, Margarida	1, 10
MONTEIRO, João Paulo	1, 10
VIANNA, Luiz Werneck	1, 10
TRABA, Marta	1, 10
TORRES, Fernando	1, 10

Campo:	Percentual:
SOUZA, Gilda de Mello e	1, 10
SKIDMORE, Thomas	1, 10
SCHWARZ, Roberto	1, 10
SANTEIRO, Sérgio	1, 10
PINTO, Anibal	1, 10
PALLOTINI, Renata	1, 10
PAIVA, José Maria Bezerra	1, 10
OLIVEIRA, Eduardo de Oliveira e	1, 10
OKABE, Hiroji	1, 10
JAGUARIBE, Helio	1, 10
MONTENEGRO, Fernanda	1, 10
GRAEFF, Eduardo	1, 10
MIRANDA, Orlando	1, 10
MIRANDA, Carlos	1, 10
MICHALSKY, Yan	1, 10
MAYRINK, Geraldo	1, 10
MATOS, Carlos Eduardo Silveira	1, 10
LIMA SOBRINHO, Barbosa	1, 10
LAFETÁ, João Luiz	1, 10
LAFER, Celso	1, 10
KUGELMAS, Eduardo	1, 10
XAVIER, Ismail	1, 10
KOLLOWITZ, Kathe	1, 10
HOLLANDA, Heloisa Buarque de	1, 10
GUARNIERI, Gianfrancesco	1, 10
NERUDA, Pablo	1, 10